



Coordenadoria
do Curso de Letras
Língua Inglesa e suas Literaturas



Universidade Federal
de São João del-Rei

MARIA LUIZA DE PAULA MIGUEL

**A EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA COMO POTENCIALIDADE
DOS LETRAMENTOS CRÍTICOS: UM ESTUDO SOBRE O
OBSERVATÓRIO URBANO DE SÃO JOÃO DEL-REI**

Setembro de 2024

MARIA LUIZA DE PAULA MIGUEL

**A EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA COMO POTENCIALIDADE
DOS LETRAMENTOS CRÍTICOS: UM ESTUDO SOBRE O
OBSERVATÓRIO URBANO DE SÃO JOÃO DEL-REI**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à
Coordenadoria do Curso de Graduação em Letras, da
Universidade Federal de São João del-Rei, como
requisito parcial à obtenção do título de Licenciado em
Letras.

Ênfase: Estudos Linguísticos
Orientadora: Denise Silva Paes Landim

**São João del-Rei
Setembro de 2024**

AGRADECIMENTOS

Gratidão não é o suficiente para descrever o que sinto sobre as mulheres que me cercam e que, com sua força e determinação, foram fonte constante de inspiração ao longo desta jornada. Então, nestes agradecimentos, tento expressar minha paixão e admiração por cada traço que as compõem — suas personalidades, seus sorrisos, suas belezas (interiores e exteriores), suas forças, dores e lutas.

Começo pela minha mãe, meu pilar e maior exemplo de coragem e persistência. Devo à ela não apenas o incentivo inabalável, mas também o amor que sempre me impulsionou a acreditar em mim mesma. Sua sabedoria e seus sacrifícios foram essenciais para que eu chegasse até aqui. Obrigada por não desistir de mim.

Às minhas amigas, que me acompanharam nos momentos de dúvida e alegria; que me acolheram e acolhem como ninguém. Sou imensamente grata por cada palavra de apoio e por acreditarem no meu potencial. Nossa amizade é um laço que fortalece cada uma de nós. Duda e Bruna, a distância pós ensino médio nos separou apenas fisicamente. Crescemos e amadurecemos juntas. Aprendemos a respeitar as diferenças que nossas vidas formaram e hoje tenho muito orgulho de quem somos e de nossa amizade. Amo vocês daqui à Lafaiete, à Salvador.

Taci, que sempre me incentivou a ser uma mulher melhor, dona de mim mesma, das minhas escolhas, das minhas tristezas e alegrias e da minha vida. Você é incomparável, Taci. Única. Nós por nós sempre.

Às professoras do curso de Letras e do Observatório Urbano de São João del-Rei: fonte de inspiração e força para minha vida acadêmica. Obrigada por serem tão brilhantes e inspiradoras. Obrigada por terem a força e a coragem de lutar por uma educação libertadora. Suas aulas formam muito além de futuros educadores exercendo uma profissão — que sorte tive.

À minha orientadora, Denise, que admiro profundamente, deixo meu mais sincero agradecimento. Sua dedicação, paciência e confiança no meu potencial foram fundamentais para a realização deste trabalho. Lembro, até hoje, do primeiro contato que tive com sua pessoa em uma disciplina. Ali, consegui, finalmente, me identificar não só com o curso, mas também como pessoa e profissional. Você é a educadora que quero me tornar um dia. Obrigada por compartilhar seu trabalho comigo e com meus colegas de curso. Você é inspiração pura.

À minha família, que sempre me incentivou a sair e lutar pelos meus sonhos; que lutou para quebrar círculos viciosos só para me fazer voar. Muito obrigada, eu amo vocês.

Ao meu *small group*, que carrego marcado na pele, vocês foram e são minha base. Vocês me mostraram o que é amor, acolhimento, força, carinho e amizade de uma forma tão madura e pacífica que jamais, em hipótese alguma, em qualquer âmbito da minha vida, posso ser capaz de aceitar menos do que vocês me oferecem. Obrigada por serem força quando preciso de força, por serem paz quando preciso de paz, por serem loucura quando preciso de loucura... *I love you all so much!!!*

A todos os profissionais do curso de Letras e da UFSJ, obrigada pela dedicação. Carrego um pouco de todos comigo.

E, por fim, agradeço a mim mesma por nunca ter desistido. Por ter investido tempo e paciência em meus estudos e carreira. A Maria Luiza de 2019 estaria muito orgulhosa de onde a de 2024 chegou. Apesar do medo e insegurança do início, hoje, ao fim da graduação, há uma mulher forte e com muito a explorar. Um viva à ousadia, determinação e coragem que carrego comigo. Minha voz nunca será calada e meus caminhos jamais serão limitados.

Mas é preciso ter força, é preciso ter raça

É preciso ter gana sempre

Quem traz no corpo a marca, Maria, Maria

Mistura a dor e a alegria

Mas é preciso ter manha, é preciso ter graça

É preciso ter sonho sempre

Quem traz na pele essa marca possui

A estranha mania de ter fê na vida

“Maria, Maria” (Fernando Brant / Milton Silva Campos Nascimento, 1978)

RESUMO

O presente Trabalho de Conclusão de Curso tem como foco um estudo sobre o programa de extensão ‘Observatório Urbano de São João del-Rei’, com o objetivo de investigar a potencialidade da Extensão Universitária como um recurso do desenvolvimento dos letramentos críticos na formação dos extensionistas. Uma vez que a Extensão é um dos pilares da Universidade e representa a ligação entre a comunidade acadêmica e a comunidade externa, interessa-nos compreender qual o seu papel no desenvolvimento dos letramentos daqueles que nela atuam a partir de suas experiências nas ações extensionistas em concordância com suas vivências acadêmicas. A pesquisa possui abordagem qualitativa e cunho etnográfico e se concentra na análise das falas de seis extensionistas do Observatório Urbano geradas a partir do método de entrevista semiestruturada. A base teórica que informa este estudo se concentra na discussão da Extensão Universitária e sua trajetória até o momento de curricularização a partir dos estudos teóricos de Arienti (2023), Deus (2020), Gadotti (2017), Freire (2013, 1995, 1981) e Nogueira (2005, 2001); da educação para a justiça social a partir de Bourdieu e Passeron (2014), Dubet (2008) e Rohling e Valle (2016); dos letramentos na visão de Baptista (2023), Castro e Rolim-Moura (2023), Soares (2009), Street (2014, 2003, 2001) e Terra (2014); e dos letramentos críticos com base em Carbonieri (2016), Duboc (2014), Ferraz e Nascimento (2019), Menezes de Souza (2011) e Muspratt *et al* (1997). Os resultados apontaram que os diferentes letramentos desenvolvidos no programa possibilitaram aos extensionistas a construção de uma posição ideológica mais crítica e questionadora frente às injustiças sociais e desigualdades socialmente, culturalmente e historicamente situadas pelas estruturas de poder, principalmente no que concerne ao letramento urbano. Ademais, essas práticas de letramento também permitem o questionamento acerca de seu próprio papel social na sociedade nesses contextos, estimulando o desenvolvimento de cidadãos/profissionais engajados em uma perspectiva multicultural de ensino.

Palavras-chave: Letramentos; Letramento crítico; Letramento urbano; Extensão Universitária.

ABSTRACT

This Undergraduate Thesis focuses on a study of the extension program 'Observatório Urbano de São João del-Rei' (Urban Observatory of São João del-Rei), with the aim of investigating the potential of Extension Programs as a resource for developing critical literacy in the education of extension students. Once, extension is one of the pillars of the University and represents the link between the academic community and the external community, we are interested in understanding its role in developing the critical literacy of those who work in it, based on their experiences in extension actions in line with their academic experiences. The research has a qualitative and ethnographic approach and focuses on analyzing the statements of six Urban Observatory extension workers generated through the semi-structured interview method. The theoretical basis that informs this study discusses University Extension and its trajectory up to the moment of curricularization based on the studies of Arienti (2023), Deus (2020), Gadotti (2017), Freire (2013, 1995, 1981) and Nogueira (2005, 2001); education for social justice from Bourdieu and Passeron (2014), Dubet (2008) and Rohling and Valle (2016); literacy from the point of view of Baptista (2023), Castro and Rolim-Moura (2023), Soares (2009), Street (2014, 2003, 2001) and Terra (2014); and critical literacies based on Carbonieri (2016), Duboc (2014), Ferraz e Nascimento (2019), Menezes de Souza (2011) e Muspratt *et al* (1997). The results showed that the different literacies developed in the program enabled extension students to build a more critical and questioning ideological position in the face of social injustices and inequalities that are socially, culturally and historically situated by power structures, especially with regard to urban literacy. Furthermore, these literacy practices also allow them to question their own social role in society in these contexts, stimulating the development of citizens/professionals engaged in a multicultural teaching perspective.

Keywords: Literacies; Critical literacy; Urban literacy; University Extension.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

- CAPES - Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
- CES - Câmara de Educação Superior
- CNE - Conselho Nacional de Educação
- CODAE - Coordenação das Atividades de Extensão
- CRUBS - Curso de Realidade Urbana Brasileira e São-joanense
- FEAS - Fórum de Entidades de Assistência Social
- FORPROEX - Fórum de Pró-Reitores de Extensão das Instituições Públicas de Educação Superior Brasileiras
- ICIRA - Instituto de Capacitación e Investigación en Reforma Agrária
- IES - Instituições de Ensino Superior
- LDB - Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional
- MEC - Ministério da Educação e Cultura
- PNE - Plano Nacional de Educação
- PROEXTE - Programa de Fomento à Extensão Universitária
- SdM - Senhor dos Montes
- SJDR - São João del-Rei
- UFSJ - Universidade Federal de São João del-Rei

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Relação de participantes e seus respectivos cursos na graduação	34
--	----

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Relação entre a Extensão Universitária e os diferentes letramentos	47
---	----

SUMÁRIO

1. CONSIDERAÇÕES INICIAIS	11
1.1 OBJETIVOS	12
1.1.1 Objetivo geral	12
1.1.2 Objetivos específicos	12
2. PRESSUPOSTOS TEÓRICOS	12
2.1 Breve panorama histórico da Extensão Universitária	13
2.1.2 A perspectiva freireana de Extensão Universitária	16
2.1.3 A curricularização da Extensão Universitária	19
2.2 Educação para a justiça social	21
2.3 Letramento(s): um conjunto de práticas sociais	24
2.3.1 Letramento crítico	28
2.3.2 Letramento urbano	30
3. O OBSERVATÓRIO URBANO DE SÃO JOÃO DEL-REI	32
4. METODOLOGIA	34
5. ANÁLISE E DISCUSSÃO DE DADOS	36
5.1 Concepções de letramento(s)	36
5.2 Letramentos e seus desafios no Observatório Urbano de São João del-Rei	40
5.3 Letramentos e a Extensão Universitária	44
CONSIDERAÇÕES FINAIS	49
REFERÊNCIAS	51
ANEXO A - PARECER DE APROVAÇÃO DO COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA ENVOLVENDO SERES HUMANOS DA UFSJ	57
APÊNDICES	63
APÊNDICE A – DECLARAÇÃO DE AUTORIZAÇÃO DE PESQUISA	63
APÊNDICE B – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO	65
APÊNDICE C – ROTEIRO DE ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA	69
APÊNDICE D – ENTREVISTA COM LUCY	69
APÊNDICE E – ENTREVISTA COM RAQUEL	73
APÊNDICE F – ENTREVISTA COM LÉLIA	77
APÊNDICE G – ENTREVISTA COM ROBERTO	84
APÊNDICE H – ENTREVISTA COM LARISSA	90
APÊNDICE I – ENTREVISTA COM MANOEL	96

1. CONSIDERAÇÕES INICIAIS

A Extensão Universitária é possivelmente um dos três pilares menos discutidos dentro das Instituições de Ensino Superior (IES), mesmo sendo um componente vital dessa tríade que engloba o Ensino, a Pesquisa e a interação com a comunidade — a Extensão. Muitas vezes, as Universidades são vistas principalmente como locais de Pesquisa e Ensino, negligenciando seu compromisso crucial com a sociedade em que estão inseridas. Neste contexto, os diferentes letramentos emergem como um projeto educativo essencial para capacitar os sujeitos a não apenas ler e escrever, mas também a compreender, analisar e questionar o mundo que os cerca. Os letramentos se estendem para além da mera alfabetização buscando construir possibilidades para que os sujeitos avaliem criticamente informações, compreendendo assim as complexidades inerentes à sociedade altamente digitalizada e globalizada, atuando ativamente nela.

O Observatório Urbano de São João del-Rei, programa de extensão da Universidade Federal de São João del-Rei (UFSJ) objeto deste estudo, serve como caso exemplar nesse contexto, já que é um espaço onde a teoria e a prática se encontram. Com suas atividades variadas, incluindo pesquisas, projetos de engajamento comunitário e a construção do conhecimento partilhado entre todos os envolvidos, o programa desempenha um papel fundamental na ponte entre a Universidade e a comunidade.

A importância e motivação para o estudo vêm, além da minha participação como extensionista deste programa pelo período de mais de um ano, da curricularização da extensão prevista no Plano Nacional de Educação (PNE), e que foi regulamentada pela Resolução nº 7 MEC/CNE/CES, de 18 de dezembro de 2018. A resolução estabelece que: “as atividades de extensão devem compor, no mínimo, 10% (dez por cento) do total da carga horária curricular estudantil dos cursos de graduação, as quais deverão fazer parte da matriz curricular dos cursos”. Para além disso, no ano de 2023, a UFSJ discutiu a implementação de tal Resolução nos cursos ofertados por ela, fazendo-se necessária a reflexão do papel da extensão no ambiente acadêmico.

Com isso, neste trabalho pretendo trazer uma visão geral da Extensão Universitária, associando sua existência à justiça social presente na educação, assim como uma associação com os usos de diferentes letramentos, como o crítico e o urbano, sendo o último uma grande base do programa de extensão aqui usado como estudo. O trabalho está organizado em cinco seções, além desta introdução e das considerações finais. Na primeira seção, apresentamos os objetivos, geral e específicos, que

contemplam esta pesquisa. Na segunda, propomos uma reflexão em torno dos temas teóricos centrais que fundamentam esta pesquisa, buscando entender a trajetória da Extensão Universitária no território brasileiro, as implicações de sua curricularização, além da perspectiva de teóricos como Freire (2013) e Arienti (2023). Outrossim, também buscamos entender a visão da educação para a justiça social e sua construção na formação universitária/extensionista e os letramentos no contexto da formação identitária dos sujeitos, principalmente no que concerne aos letramentos crítico e urbano. Na terceira, apresentamos o Observatório Urbano de São João del-Rei, os objetivos do programa extensionista e as atividades nele desenvolvidas. A quarta seção descreve a metodologia do trabalho. A seguir, na quinta seção, apresentamos e discutimos os dados obtidos através das entrevistas realizadas com seis extensionistas do Observatório Urbano de São João del-Rei.

Na sequência, apresentamos os objetivos gerais e específicos deste trabalho.

1.1 OBJETIVOS

1.1.1 Objetivo geral:

Investigar, por meio de uma pesquisa qualitativa de cunho etnográfico, as potencialidades da extensão universitária para o desenvolvimento dos letramentos críticos na formação dos extensionistas do Observatório Urbano de São João del-Rei.

1.1.2 Objetivos específicos:

- a) Apresentar o panorama histórico da Extensão Universitária no Brasil, bem como seu atual momento de curricularização;
- b) Entender as relações entre os diferentes letramentos envolvidos nas atividades do Observatório Urbano: letramentos (em geral), letramento crítico e letramento urbano;
- c) Compreender como os extensionistas participantes da pesquisa teorizam suas vivências de letramentos no programa Observatório Urbano de São João del-Rei.

2. PRESSUPOSTOS TEÓRICOS

Nesta seção, apresentamos uma contextualização teórica explorando as diversas dimensões da Extensão Universitária e dos letramentos, examinando seus conceitos, importância e o impacto exercido na formação universitária. Além disso, exploramos também o conceito de justiça social para a educação e sua importância no contexto da

formação universitária/extensionista, bem como seu papel no Observatório Urbano de São João del-Rei.

2.1 Breve panorama histórico da Extensão Universitária

O ensino superior tem reconhecido cada vez mais a importância da Extensão Universitária como uma ponte entre as instituições acadêmicas e a comunidade em geral. A Extensão serve não apenas como um canal para a disseminação de conhecimento, mas também como uma plataforma para promover diferentes letramentos, ou seja, as capacidades críticas necessárias para o século XXI. O conceito de alfabetização, tradicionalmente associado à capacidade técnica de ler e escrever (Soares, 2009), expandiu-se para o conceito de letramentos, que abrange uma ampla gama de conhecimentos, incluindo o letramento informacional, letramento digital e letramento pedagógico, todos eles cruciais para educandos e educadores na navegação pelas complexidades das sociedades digitais, especialmente as urbanizadas. Trataremos mais a fundo sobre o conceito de letramentos mais adiante.

Além disso, a Extensão Universitária tem sido fundamental na formação inicial e continuada de professores do ensino fundamental e médio, enfatizando o desenvolvimento de habilidades críticas, sociais e reflexivas que são essenciais para um processo de ensino e aprendizagem significativo. A revisão sistemática da literatura a esse respeito, como Nogueira (2005), Gadotti (2017), Deus (2020), entre outros, que discutem sobre a formação extensionista na universidade e também relatam trabalhos bem-sucedidos em comunidades, destacam o potencial transformador destes programas na reformulação da formação de professores e sublinha a necessidade de uma avaliação sistemática e de um enfoque na diversidade e na inclusão. Nesse contexto, o papel da Extensão Universitária no letramento é multifacetado, abordando as necessidades educacionais de uma gama diversificada de partes interessadas e adaptando-se às novas exigências da sociedade.

O papel da Universidade, até meados do século XIX, estava ligado principalmente à relação de ensino entre docentes e discentes, com poucas aberturas voltadas a outras práticas, como a pesquisa. Foi a partir dos pressupostos do linguista alemão Wilhelm Von Humboldt (1767-1835) que outros campos foram incorporados ao papel da Universidade, somando, assim, a Extensão Universitária ao Ensino e à Pesquisa e formalizando os três pilares da educação universitária. À época, a Extensão objetivava uma educação continuada (*Lifelong Education*) voltada às camadas

populares e adultos em geral, além da prestação de serviços na área rural (Nogueira, 2005), um modelo que vigorou na Universidade de Cambridge, em 1871 (Mirra, 2009) e em diversas outras instituições universitárias da Europa.

No Brasil, as primeiras atividades extensionistas, inspiradas no modelo europeu, ocorreram em 1911, na antiga Universidade de São Paulo, com a oferta de diversos cursos e conferências oferecidas gratuitamente à população. Além disso, outras atividades envolvendo assistência técnica ao produtor rural também foram registradas na Escola Superior de Agricultura e Veterinária de Viçosa e na Escola Agrícola de Lavras, ambas situadas em Minas Gerais (Nogueira, 2001).

Os documentos oficiais passaram a discutir sobre a Extensão a partir de 1931, com a Lei nº 19.851, conhecida como o Decreto do Estatuto das Universidades Brasileiras, que tratava a respeito da divulgação de pesquisas a uma população mais instruída (Gadotti, 2017). Em 1961, outro decreto foi instaurado, dessa vez pela Lei nº 4.024 de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, que discutia acerca de ações “que envolviam as modalidades de transmissão do conhecimento e assistência” (FORPROEX, 2007, p. 11 *apud* De Medeiros, 2017, p. 10). Já em 1968, durante o golpe civil-militar, a Extensão avançou novos patamares através de reações populares a favor da educação e da Lei nº 5.540 que previu em seu artigo 20 a obrigatoriedade da Extensão em todas as instituições de ensino superior, disponibilizando à comunidade, “sob forma de cursos e serviços especiais, as atividades de ensino e os resultados da pesquisa que lhes são inerentes” (Brasil, 1968, p. 1).

Nos anos 1970, a principal mudança no que concerne à Extensão diz respeito à criação do Plano de Trabalho de Extensão Universitária, criada pela Comissão Mista CRUTAC/ MEC - Campus Avançado/MINTER (uma parceria entre o Ministério da Educação e Cultura (MEC) e o Ministério do Interior), no seio da Coordenação das Atividades de Extensão (CODAE). Criado em 1974 sob forte influência dos pressupostos do educador Paulo Freire (1921-1997), no Plano de Trabalho de Extensão Universitária, a Extensão é definida como ação institucional, voltada para o atendimento às organizações populares e à troca de saberes entre a Universidade e a Comunidade. Além disso, com a criação do Plano, o MEC pôde estabelecer como o trabalho extensionista deveria ser empregado e realizado nas universidades brasileiras, criando uma linha política de atuação. Assim, no que concerne ao papel da Extensão nesse momento:

As camadas populares deixaram de ser o objeto para se tornarem o sujeito da ação extensionista, denotando, assim, avanços significativos em relação à noção de Extensão Universitária construída na década anterior (Nogueira, 2005, p. 13 *apud* FORPROEX, 2012).

Os anos 1980, por sua vez, marcaram a história da Extensão Universitária em todo o mundo. No Brasil, através de grandes feitos advindos do ressurgimento de movimentos educacionais adormecidos pela Ditadura Militar; na Europa, a partir da “crise de legitimidade, caracterizada pelo questionamento ao isolamento academicista” (Lynton, 1983; Roper; Hirth, 2005; Souza Santos, 2010 *apud* Coelho, 2014, p. 3).

No Brasil, a criação do Fórum Nacional de Pró-Reitores de Extensão das Universidades Públicas Brasileiras (FORPROEX), atualmente Fórum de Pró-Reitores de Extensão das Instituições Públicas de Educação Superior Brasileiras, em 1987, propiciou uma nova compreensão de Extensão, que tornava indissociável a relação das atividades extensionistas do Ensino e da Pesquisa, bem como a viabilização da relação entre a Universidade e a Sociedade. No I Encontro Nacional de Pró-Reitores de Extensão das Universidades Públicas Brasileiras, um novo conceito que perdura até o presente momento é apresentado:

A Extensão é uma via de mão-dupla, com trânsito assegurado à comunidade acadêmica, que encontrará, na sociedade, a oportunidade de elaboração da práxis de um conhecimento acadêmico. No retorno à Universidade, docentes e discentes trarão um aprendizado que, submetido à reflexão teórica, será acrescido àquele conhecimento. Esse fluxo, que estabelece a troca de saberes sistematizados, acadêmico e popular, terá como consequências a produção do conhecimento resultante do confronto com a realidade brasileira e regional, a democratização do conhecimento acadêmico e a participação efetiva da comunidade na atuação da Universidade. Além de instrumentalizadora deste processo dialético de teoria/ prática, a Extensão é um trabalho interdisciplinar que favorece a visão integrada do social (FORPROEX, 1987, p. 15).

O conceito de Extensão como uma via de mão-dupla revela o seu caráter social e denota a troca de saberes entre o meio acadêmico e a comunidade, bem como a realização de pesquisas e projetos científicos e tecnológicos que se articulem com a realidade e as necessidades da vida social.

A constitucionalização da Extensão continua a avançar em 1988, com a instauração da Constituição Brasileira, a qual preceitua a “indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão” (Brasil, 1988, art. 207) e estabelece que “as atividades universitárias de pesquisa e extensão poderão receber apoio financeiro do poder público” (Brasil, 1988, art. 213, §2^a). Em 1993, a criação do Programa de Fomento à Extensão Universitária (PROEXTE) permitiu o financiamento da Extensão Universitária, bem como a definição de suas diretrizes e objetivos, as ações e

metodologias que deveriam ser implantadas no exercício da Extensão. Já em 1996, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) estabelece a Extensão Universitária como uma das finalidades da Universidade (Brasil, 1996, art. 43). Por fim, nos anos 2000, a Extensão adquire sua estabilidade institucional nas Universidades, superando os conceitos limitados anteriores e tornando-se um

instrumento por excelência de inter-relação da Universidade com a sociedade, de oxigenação da própria Universidade, de democratização do conhecimento acadêmico, assim como de (re)produção desse conhecimento por meio da troca de saberes com as comunidades (FORPROEX, 2012, p. 17).

Assim, compreendendo o percurso histórico da Extensão Universitária no Brasil e no mundo, entenderemos adiante a perspectiva freireana acerca da Extensão e suas implicações para o processo de curricularização da extensão nos cursos de ensino superior no Brasil.

2.1.2 A perspectiva freireana de Extensão Universitária

Em 1969, após ser exilado no Chile durante o golpe civil-militar de 1964 no Brasil, o educador e filósofo brasileiro Paulo Freire lançou o livro “Extensão ou Comunicação?”, publicado pelo Instituto de Capacitación e Investigación en Reforma Agrária (ICIRA). A obra apresenta as reflexões críticas do autor acerca da relação entre técnicos e camponeses no desenvolvimento da sociedade agrária e questiona qual a metodologia mais adequada para promover a transformação social nos sujeitos através do ensino.

O autor inicia a obra questionando o sentido do termo “extensão” como ação educativa. O termo usual no diálogo agrário reflete uma relação de “transmissão, entrega, doação, messianismo, mecanicismo, invasão cultural, manipulação, etc” (Freire, 1985, p. 13), de modo que o conteúdo levado pelo extensionista à comunidade suscita apenas a sua visão de mundo sobre aqueles que, passivamente, o recebem, transformando o sujeito em “coisa”. Dessa forma, o educador é visto como um mero transmissor de conteúdos, e o educando como um receptor sem espaço de comunicação, um sujeito assujeitado.

Para o autor, o termo “extensão” não corresponde a um quefazer educativo libertador, uma vez que seu sentido suscita uma relação de persuasão que implica “um sujeito que persuade, desta ou daquela forma, e um objeto sobre o qual incide a ação de persuadir. Neste caso, o sujeito é o extensionista; o objeto, os camponeses” (Freire,

2013, p. 15). O ato de persuadir diz respeito ao conhecimento que é imposto pelos extensionistas aos camponeses, de modo que estes devem aceitar a substituição de seus saberes empíricos por técnicas mais “elaboradas”. Essa visão implica em problemas que se desenvolvem na estrutura social e cultural dos sujeitos e desconsidera as diferentes formas do homem de conhecer o mundo devido a sua posição em relação a outros.

Para Freire, o conhecimento não é estático e não deve ser entendido como um depósito que os sujeitos recebem passivamente; para que o conhecimento seja significativo ele exige uma postura crítica e curiosa, compreendendo o reconhecimento através do ato de conhecer. Logo, só se apropria do aprendizado aquele que consegue reinventá-lo e é capaz de empreendê-lo em situações existenciais concretas no seu mundo. Assim, Freire afirma:

Se transforma os seus conhecimentos especializados, suas técnicas, em algo estático, materializado e os estende mecanicamente aos camponeses, invadindo indiscutivelmente sua cultura, sua visão de mundo, concordará com o conceito de extensão e estará negando o homem como um ser da decisão. Se, ao contrário, afirma-o através de um trabalho dialógico, não invade, não manipula, não conquista; nega, então, a compreensão do termo “extensão” (Freire, 2013, p. 34).

Por outro lado, a substituição dos conhecimentos dos sujeitos por outros afirma-se através de uma perspectiva anti-dialógica que nega o outro e se manifesta como uma invasão cultural. Uma invasão pressupõe um sujeito que invade um espaço histórico-social e impõe seu sistema de valores aos sujeitos nele presente, transformando-os em objetivos de sua ação, a partir da sua visão de mundo. Na invasão, o “invasor” manipula e persuade o “invadido” através de propagandas, *slogans*, depósitos com o intuito de conquistar seus objetivos e também mantê-los em voga.

Assim, ainda que se reconheça que nem todos os extensionistas pratiquem a invasão cultural, não é possível ignorar a conotação ostensiva do termo “extensão”. Segundo Freire, “não há nem pode haver invasão cultural dialógica” (2013, p. 33), haja visto que manipulações e conquistas não constituem o caráter do dialogismo, pois esses são termos excludentes, antagônicos. Dessa forma, o termo “extensão” se mostra inapropriado ao rotular o trabalho dos extensionistas através de um conceito que o nega e contradiz os objetivos dos educadores realmente comprometidos com o desenvolvimento dos sujeitos como seres de transformação no mundo.

A fim de se alcançar as mudanças necessárias, Freire sugere a substituição do termo “extensão” por “comunicação”. Compreendendo o mundo humano como um mundo de comunicação, o autor defende que a educação significativa se constrói por

meio do diálogo entre educadores e educandos, em um eterno educar e educar-se, de modo que a comunicação entre as partes possibilite o conhecimento mútuo entre os sujeitos através de um mesmo sistema de signos linguísticos. A comunicação para Freire não é uma transmissão unilateral de informações de um emissor para um receptor passivo, mas sim um encontro entre sujeitos que compartilham e constroem conhecimento juntos.

Na comunicação, a educação constrói-se através de uma perspectiva não assistencialista, ou seja, compreende os sujeitos como seres inacabados, incompletos, que não dominam todos os saberes, mas que se articulam em torno dos demais e do mundo, construindo o conhecimento e comunicando-o com os demais *ad infinitum*. Segundo Freire, “a educação é comunicação, é diálogo, na medida em que não é a transferência de saber, mas um encontro de sujeitos interlocutores que buscam a significação dos significados” (2013, p. 59). A comunicação, como substituição de extensão, representa um ato de ir e vir à realidade, em que a Universidade comunica seus saberes à comunidade não-acadêmica e traz dessa sociedade diferentes tipos de saberes, desenvolvendo-o constantemente para melhor atendê-la (Rodrigues, 2009). É uma via de mão dupla e dialógica em oposição a uma perspectiva dominadora e assistencialista.

Desta forma, apesar dos pressupostos de Freire no que se refere à nomenclatura, o termo “extensão” ainda é o mais utilizado no que se refere às atividades exercidas entre a comunidade acadêmica e a comunidade externa. Todavia, os ideais que perpassam a Extensão se alicerçam nas contribuições do dialogismo de Freire, compreendendo-a como um “processo interdisciplinar, educativo, cultural, científico e político, por meio do qual se promove uma interação que transforma não apenas a Universidade, mas também os setores sociais com os quais ela interage” (FORPROEX, 2012, p. 28), como pode ser constatado através dos documentos legais que regem as diretrizes da Extensão no Brasil. Logo, nessa pesquisa, o termo “extensão” é utilizado por uma questão de uso no contexto acadêmico, mas, assim como nos documentos oficiais recentes, a consideramos a partir de uma perspectiva dialógica, interdisciplinar e social.

2.1.3 A curricularização da Extensão Universitária

Do século XIX até o presente momento, a Extensão como atividade universitária percorreu diversas fases e mudanças a fim de alcançar o modelo e o conceito que hoje

vigora, o qual se volta não apenas para as produções realizadas nos muros das IES, mas se debruça sobre a realidade da comunidade não-acadêmica com o intuito de contribuir e dela também absorver, em um processo constante de educar e educar-se (Freire, 2013). A mais recente mudança nesse processo diz respeito à implantação da curricularização da extensão, proposta pelo Conselho Nacional de Educação (CNE), em 2018 e pelo Plano Nacional de Educação 2014-2024.

A curricularização da Extensão Universitária se refere à obrigatoriedade das atividades extensionistas como parte da carga horária dos cursos de graduação. Essa diretriz se tornou uma realidade no Brasil que, anteriormente, encarava a Extensão como uma atividade opcional, a partir da Resolução nº 7, de 2018, do Ministério da Educação e Cultura (MEC), do Conselho Nacional de Educação (CNE) e da Câmara de Educação Superior (CES). Assim, a Resolução, no Art. 4º, afirma que “as atividades de extensão devem compor, no mínimo, 10% (dez por cento) do total da carga horária curricular estudantil dos cursos de graduação, as quais deverão fazer parte da matriz curricular dos cursos” (Brasil, 2018, p. 2).

Dessa forma, os cursos que anteriormente poderiam optar por desenvolver as atividades extensionistas, agora deveriam assegurar-se das reformas curriculares, sem comprometer a carga horária total do curso. A decisão da diretriz, apesar de contemplar uma nova vitória à história da Extensão Universitária no Brasil ao destacar a sua importância para a formação acadêmica e à comunidade não-acadêmica, também gerou preocupações quanto a uma aplicação da Extensão que visualizasse e cumprisse adequadamente os seus objetivos, dada a mudança repentina.

A curricularização das atividades extensionistas é mais um passo em direção ao cumprimento da indissociabilidade do Ensino, da Pesquisa e da Extensão, uma vez que ela permite que as atividades antes realizadas através de projetos fragmentados e isolados na Universidade agora integrem a realidade de um projeto político-pedagógico (Gadotti, 2017) que permite a articulação entre a realidade do ensino além dos muros das instituições de ensino, a produção científica e a prática com a comunidade não-acadêmica.

Todavia, segundo Arienti (2023), para que a implementação da curricularização não seja complicada inicialmente, deve-se ter em vista com clareza a visão de “uma referência conceitual sobre a extensão como atividade formativa dos estudantes, como é a proposição da curricularização e como é o objetivo mais geral de alcançar a indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão” (Arienti, 2023, p. 4). Ou seja, é

necessário que os professores coordenadores e os estudantes tenham consciência dos pressupostos teóricos que guiam as atividades extensivas, bem como os objetivos da Extensão. Para isso, Arienti (2023) sugere uma caracterização mais específica das orientações da Extensão. Segundo o autor:

A proposta de caracterização tem o objetivo ser mais específica e concreta na orientação para formulação de programas, projetos e outras atividades de extensão. Esta caracterização, ainda que tentativa e preliminar, visa dar incentivo aos professores para oferta de atividades curriculares para os alunos e, por sua vez, conscientizar os alunos que a atividade a ser realizada faz parte de sua formação e precisa haver a integração com o ensino de disciplinas e a pesquisa a ser realizada (Arienti, 2023, p. 6).

As caracterizações nada mais são que esclarecimentos que visam guiar professores e estudantes no recente processo de curricularização da extensão. Observando as atividades extensionistas através de uma relação dialógica entre a comunidade acadêmica e a sociedade, os sujeitos atuantes devem assumir uma postura colaborativa e crítica, visando a construção de um conhecimento que atenda às necessidades da comunidade e construa profissionais qualificados.

Dessa forma, Arienti (2023) inicia as caracterizações ressaltando a importância das atividades extensionistas serem dialógicas, ou seja, interativas entre a comunidade acadêmica e os grupos sociais, de modo que ambas aprendam em conjunto, de modo bidirecional. A comunicação entre os sujeitos possibilita a troca de conhecimentos entre as comunidades. Para Freire (2013, p. 46), a educação é diálogo “na medida em que não é a transferência de saber, mas um encontro de sujeitos interlocutores que buscam a significação dos significados”. Logo, os estudantes extensionistas não devem impor seus conhecimentos, mas sim articulá-los ao “conhecimento tácito dos membros da comunidade, por vezes, não codificado e sim baseado em vivência em um mundo específico e com transmissão oral” (Arienti, 2023, p. 9).

Além disso, é importante destacar a necessidade de protagonismo dos estudantes. O professor deve atuar como coordenador do projeto ou do programa de extensão, além de definir os objetivos e metodologias das ações, mas as atividades devem ser realizadas integralmente pelos acadêmicos e membros dos grupos sociais. Essa caracterização permite que os estudantes assumam uma postura ativa, crítica e propositiva, desenvolvendo conhecimentos teórico-práticos na articulação entre os saberes da sala de aula e os da Extensão. Assim, o momento de avaliação do professor deve levar em consideração não apenas o cumprimento dos objetivos do projeto, mas o processo de diálogo dos estudantes com a comunidade, assim como a realização das

atividades e o trabalho conjunto entre estudantes e grupos sociais (Arienti, 2023, p. 8).

Adiante, Arienti afirma que “a extensão só cumprirá suas promessas e expectativas de alcançar a tão desejada indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão se houver complementaridade com ensino e pesquisa” (2023, p. 10), logo, as atividades desenvolvidas nos projetos devem ir além da prática e estimular e desenvolver a formação dos estudantes. A Extensão não deve ser resumida ao Ensino e a Pesquisa, mas sim de forma conjunta em sua relação com a sociedade, uma vez que a vivência do concreto nas comunidades sociais estimula não apenas a troca de conhecimentos entre os sujeitos, mas também a ampliação dos objetos e casos de estudo na pesquisa (Arienti, 2023) e a consciência do sujeito como um ser que, através do ensino, também ensina.

Por fim, é necessário pontuar que grandes mudanças e esforços devem ser desenvolvidos pela comunidade acadêmica como medidas necessárias para o sucesso da curricularização. Reconhece-se o atraso da Universidade no contato com a comunidade não-acadêmica, a baixa demanda no desenvolvimento de programas e projetos, tanto de professores quanto de estudantes, além das dificuldades encontradas para o financiamento dos projetos, a locomoção dos discentes até as comunidades e a hegemonia do modelo da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) nas instituições de ensino. Todavia, é importante compreender o objetivo das atividades extensionistas e o seu papel significativo na formação dos estudantes e no fortalecimento entre a Universidade e a comunidade, promovendo um intercâmbio de saberes e experiências. Entendendo, assim, os conceitos e noções que permeiam a Extensão universitária e o seu processo de curricularização, adiante discutiremos o conceito de educação no âmbito da justiça social e sua relação com a extensão e os letramentos.

2.2 Educação para a justiça social

A educação para a justiça social é um conceito multifacetado que ganhou destaque em vários contextos educativos, como evidenciado pela frequência crescente do termo "justiça social" em textos e discursos públicos no domínio da educação. A sua integração aos programas de formação de educadores é crucial para prepará-los para responderem às necessidades dos educandos de diversas origens e grupos, possibilitando, assim, a formação de cidadãos críticos na sociedade. O termo, no

entanto, carece frequentemente de uma definição clara, levando a uma variedade de interpretações e aplicações em diferentes contextos educacionais (Randolph Jr; Johnson, 2017). Nesta pesquisa, buscamos entender a justiça social associada ao conceito de escola justa, aliada também à ideia de equidade.

Bourdieu e Passeron, na obra *Os herdeiros: os estudantes e a cultura* (1964), apresentam uma crítica ao sistema de ensino francês da época, demonstrando as desigualdades presentes na escolarização. A obra, que marcou um ponto de mudança radical na sociologia da educação na França (Rohling; Valle, 2016), reúne importantes pressupostos que baseiam o conceito de justiça social, principalmente quanto ao papel da escola como propagadora e legitimadora de desigualdades. Em seu contexto, Bourdieu e Passeron demonstram como a organização das instituições escolares valorizava os estudantes que possuíam conhecimentos prévios devido às suas bagagens culturais e reforçava os currículos escolares com conteúdos que eles já dominavam, deixando à margem os demais estudantes, transformando “as assimetrias de origem social e cultural em desigualdades escolares” (Rohling; Valle, 2016, p. 392).

A escola atua como a instituição fundamental da sociedade, na qual diferentes contextos sócio-históricos entram em conflito. Segundo Bourdieu e Passeron (2014, p. 27), “de todos os fatores de diferenciação, a origem social é sem dúvida aquele cuja influência exerce-se mais fortemente sobre o meio estudantil”, fato que pode ser observado no modo como as relações se estabelecem entre os discentes de classes sociais distintas e na formação dos currículos escolares. Como forma de reduzir as desigualdades sociais potencialmente mantida pelas escolas, Torres Santomé (2013) sugere a elaboração dos currículos a partir de temas que atendam às necessidades de todos os grupos sociais, estimulando-os a se tornarem pessoas éticas e críticas a respeito de si próprias e do mundo que as cercam:

Comprometer-se com uma educação crítica e libertadora obriga a investigar em que medida os objetivos, os conteúdos, os materiais curriculares, as metodologias didáticas e os modelos de organização escolar respeitam as necessidades dos distintos grupos sociais que convivem em cada sociedade. Exige questionar se as interações pessoais nas salas de aula e na escola, assim como os modelos de participação estão condicionados por preconceitos e falsas expectativas; se as estratégias de avaliação servem para diagnosticar o quanto antes os problemas e nos manter alertas perante as dificuldades que cada estudante tem, mas em especial nos deixar cientes das dificuldades daqueles que pertencem a grupos sociais em situações de risco ou às minorias que sofrem todo tipo de discriminação (Torres Santomé, 2013, pp. 9-10).

Com base nessas considerações, o conceito de justiça social se constrói através da perspectiva de uma escola que reconheça a presença de desigualdades em seu cerne,

mas que se articula para atender os estudantes com dificuldades, proporcionando a eles o direito de uma educação que atenda às suas necessidades e se equipare a dos demais estudantes, independente de suas origens sociais e/ou bagagens culturais. Logo, entendendo que uma cultura pregressa determina o êxito ou o fracasso dos estudantes (Bourdieu; Passeron, 2014), uma escola justa deve saber como lidar com essas realidades distintas, compreendendo que, antes de ser uma questão escolar, a justiça social também é uma questão política (Souza; Brandalise, 2015) e demanda um entendimento crítico da sociedade, das relações sociais e das instituições de poder.

Desse modo, “a justiça, nesse sentido, deve ser entendida como equidade e não como igualdade” (Rohling; Valle, 2016, p. 398), uma vez que o objetivo se volta para o estabelecimento de maiores benefícios aos que são menos favorecidos dentro desse sistema. Dubet (2008, p. 60) estabelece equidade como “dar mais e, sobretudo, melhor, aos que têm menos”, pressupondo, assim, o reordenamento dos mecanismos institucionais para promover políticas de discriminação positiva aos grupos mais desfavorecidos, de modo que isso seja vantajoso a todos. Para Rohling e Valle (2016), a equidade no contexto de uma escola justa se estabelece através de um currículo comum que abrace as diferenças e, além disso, as inclua a partir de uma perspectiva multicultural.

No contexto da educação universitária, a construção dos currículos deve abordar a presença de atividades que ofereçam aos discentes a chance de observar a sua construção identitária e o mundo que o cerca de forma crítica. No contexto de uma realidade que seja desfavorável socialmente, uma escola justa deve promover a oportunidade de uma educação que atenda às necessidades desses sujeitos, estimulando-os a pensar sobre o espaço que (não) ocupam na sociedade, compreendendo que “tudo que acontece na escola por meio do currículo que é trabalhado, retorna para a sociedade através das ações de seus atores que são os alunos e demais sujeitos” (Morais, 2015, p. 259).

No Observatório Urbano de São João del-Rei, a educação para a justiça social se apresenta através do contato com a comunidade externa e no momento das reuniões e formações, observando as diferenças através de uma perspectiva multicultural visando a construção de sujeitos mais críticos e conscientes de seu papel no mundo. Dessa forma, a perspectiva da educação para a justiça social se estabelece como um posicionamento crítico e visa a construção de um conhecimento pautado na noção de equidade como uma forma de diminuir as desigualdades nesse contexto. Logo, o desenvolvimento dos

letramentos na perspectiva de um ensino justo atua como a principal forma de estimular a construção crítica dos sujeitos frente às divergências do mundo.

2.3 Letramento(s): um conjunto de práticas sociais

Letramento é um termo relativamente novo, tendo aparecido pela primeira vez no contexto brasileiro na obra *No mundo da escrita: uma perspectiva psicolinguística* (1986), de Mary Kato, e se contrapõe à ideia de alfabetização. Nessa perspectiva, um sujeito alfabetizado é aquele que aprendeu a ler e escrever, ou seja, adquiriu uma tecnologia e é capaz de codificar em língua escrita e decodificar a língua escrita; já o sujeito letrado é aquele que se apropria da escrita e se envolve em práticas sociais de leitura e de escrita. Dessa forma, um sujeito alfabetizado é aquele que “aprendeu a ler e a escrever, não aquele que adquiriu o estado ou a condição de quem se apropriou da leitura e da escrita, incorporando as práticas sociais que a demandam” (Soares, 2009, p. 19).

O letramento é um campo de estudos multifacetado que assume diferentes significados a depender de sua perspectiva teórica. Nos trabalhos de Marcuschi (2001), Scribner e Cole (1981) e Street (2003, 2001, 1985 e 1984) o conceito de letramento está intimamente ligado a questões sociais e políticas, logo, assume uma posição ideológica, todavia, nos trabalhos de Hasan (1996) e Halliday (1996), o letramento é observado como um fenômeno estritamente linguístico, apesar do reconhecimento dos fatores sociais e políticos. De acordo com Marcuschi (2001, p. 24), “letramento parece ter hoje em dia tantas definições quantas são as pessoas que tentam definir a expressão” e sua afirmação pode ser observada no modo como o letramento é trabalhado nas escolas e em contextos extraclasse em que a leitura e a escrita desempenham um papel central.

Logo, devido a pluralidade de conceitos e de aplicações nos diferentes contextos, a chave para compreender as visões de letramento se situa em reconhecer a leitura e a escrita em seus contextos sociais (Barton, 1994), assumindo que não há apenas um “letramento”, mas sim “letramentos” (Street, 2003, 2001, 1995, 1984; McKay, 1996/2001, 1993; Gee, 2000, 1990/1996; Hamilton, Barton e Ivanic, 1993; Rojo, 2001; Soares, 2004; Marcuschi, 2000/2001). Dessa forma, o reconhecimento de um sujeito letrado ou não-letrado no contexto educacional passa a ser apenas mais um tipo de letramento em meio a tantos outros, como o “letramento digital”, “letramento literário” ou o “letramento político”. Segundo Terra (2014):

Reconhecer a diversidade de práticas de letramento que fazem parte da sociedade envolve, outrossim, não impingir rótulos sobre o que é ser ou não ser letrado. Uma classificação dessa natureza está, inexoravelmente, relacionada às necessidades e ao conceito de letramento que vigora em contextos e em situações específicas (Terra, 2014, p. 32).

Portanto, o letramento não deve ser compreendido como um fenômeno geral ou concreto, que admite apenas um conceito, mas deve sim ser entendido como um campo de estudos multidisciplinar, um conjunto de práticas sociais. Nessa perspectiva, ler e escrever devem ultrapassar a barreira do ato em si em um tipo de escrita particular; o conhecimento deve ser aplicado para propósitos específicos em contextos específicos de uso. “A natureza dessas práticas, incluindo, certamente, seus aspectos tecnológicos, determinarão os tipos de capacidades (‘consequências’) associadas ao letramento” (Scribner e Cole, 1981, p. 236). Essa abordagem busca romper o tradicionalismo do ensino da leitura e escrita como aquisição de habilidades básicas e destaca que essas práticas são moldadas por fatores sociais, culturais e ideológicos (Street, 2014; Barton, 1994), assim como a compreensão do letramento influenciado por fatores socioculturais e etnográficos (Gee, 2001; Street, 2014; Barton, 1994).

Nesse contexto, surgem na década de 1980 os Novos Estudos do Letramento (*The New Literacy Studies - NLS*), uma abordagem em que diversos teóricos rejeitam a visão dominante à época, do letramento como uma habilidade neutra e técnica, e passam a adotar a visão de letramento “como uma prática ideológica, envolvida em relações de poder e incrustada em significados e práticas culturais específicos” (Street, 2014, p. 17). Ainda segundo Street, essa abordagem

representa uma nova visão da natureza do letramento que escolhe deslocar o foco dado à aquisição de habilidades, como é feito pelas abordagens tradicionais, para se concentrar no sentido de pensar o letramento como uma prática social. Isso implica o reconhecimento de múltiplos letramentos, variando no tempo e no espaço, e as relações de poder que configuram tais práticas. Os NLS, portanto, não tomam nada como definitivo no que diz respeito ao letramento e às práticas sociais a ele relacionadas, preferindo, ao contrário, problematizar o que conta como letramento em um espaço e tempo específicos e questionar quais letramentos são dominantes e quais são marginalizados ou resistentes (Street, 2003, p. 1).

Essa nova perspectiva de letramento trouxe à luz novos pressupostos teóricos dentre os quais se destacam o modelo autônomo e o modelo ideológico de letramento, além dos eventos e as práticas de letramento.

O modelo autônomo de letramento baseia-se na decodificação do código escrito e caracteriza-se como uma realização pessoal do sujeito, desconsiderando o contexto sociocultural em que ele se insere. Nesse modelo, o letramento é tido como uma

habilidade adquirida no contexto educacional em que o texto verbal, visto como neutro e aplicável para qualquer objetivo de ensino, é suficiente para a produção de sentido, desconsiderando outras formas de texto, como as visuais e orais. De acordo com Street (2001), o pressuposto em torno do letramento autônomo comporta a visão de que seus efeitos serão úteis a outras práticas sociais cognitivas, levando a crer que tais práticas são universais e neutras, desconsiderando, assim, questões ideológicas e culturais dos sujeitos.

Segundo Pahl e Rowsell (2005, p. 3), “a noção de letramento como decodificação e codificação, sem levar em conta os seus contextos de usos, desvirtua a complexa natureza da leitura e da escrita”, assim, em oposição a essa visão, teóricos como Scribner & Cole (1981), Street (1984) e Heath (1983) passaram a trabalhar em suas pesquisas com o modelo ideológico. Nessa perspectiva, o letramento é uma prática social, não somente uma habilidade técnica, em que o modo como os sujeitos escrevem ou leem têm origem no desenvolvimento de suas aprendizagens e identidade. Além disso, nesse modelo, o texto, seja verbal ou não-verbal, não possui sentido estrito apenas em suas palavras ou em sua organização morfológica e sintática, mas sim em seus contextos de produção social, compreendendo as práticas de letramento como aspectos da cultura e das relações de poder numa sociedade.

Os eventos de letramento, termo usado pela primeira vez por Heath (1982), se referem ao uso da leitura e da escrita na interação entre os sujeitos ou em uma comunidade específica, bem como seus processos interpretativos. A importância desses eventos demonstra o papel do letramento nas mais diversas atividades em uma sociedade, revelando como ele não se restringe apenas ao contexto educacional, mas permeia todas as atividades do dia a dia. Já as práticas de letramento, segundo Barton (1993), se referem aos modos culturais e os comportamentos que os sujeitos produzem em um evento de letramento, assim como as concepções socioculturais que os configuram.

Dessa forma, os eventos e as práticas de letramento são conceitos interligados que, dissociados um do outro, não ultrapassam o nível da descrição (Street, 2001) uma vez que os eventos de letramento apenas configuram as características de situações que envolvem a leitura e a escrita e, somente as práticas de letramento “como instrumento de análise permite a interpretação do ‘evento de letramento’, para além de sua simples descrição” (Terra, 2014, p. 49).

Ao entender os letramentos como um conjunto de práticas sociais, é importante também destacar os estudos que envolvem a perspectiva dos multiletramentos. Conhecida como a terceira geração dos estudos de letramentos, essa perspectiva teórica, criada pelo Grupo Nova Londres (*New London Group - NLG*) em meados de 1990, propôs ampliar o conceito de letramento de modo que múltiplos discursos fossem incluídos nessa discussão. Segundo os teóricos, com a crescente transformação tecnológica dos anos 1990 haveria uma expansão nas diferentes formas de construção de significado e uma ampliação no contato com diferentes línguas, abrindo margem para novos tipos de letramentos (Castro; Rolim-Moura, 2023). Logo, os multiletramentos “tem seu foco nos multi/novos letramentos e na nova aprendizagem” (Castro; Rolim-Moura, 2023, p. 165), compreendendo que esses processos devem ser levados em conta nos letramentos escolares, uma vez que fazem parte do contexto dos estudantes.

Nessa percepção, os multiletramentos atuam em duas dimensões: a multilíngue/multicultural e a multimodal. A dimensão multilíngue/multicultural se refere às diferentes línguas que coexistem em diferentes comunidades e contextos, seja físicos ou digitais, e denota como “os sujeitos, independente de falarem uma ou várias línguas, são múltiplos” (Castro; Rolim-Moura, 2023, p. 166), o que deve ser compreendido no ensino. Já a dimensão multimodal se refere à construção e à produção de significados a partir de diferentes meios de sentido, como o texto, imagens, espaço, objetos, corpo, som e fala (Kalantzis, Cope e Pinheiro, 2020).

É a partir da compreensão desses conceitos, tidos como principais para o entendimento dos letramentos como práticas sociais, que é possível conhecer outros letramentos que embasam essa pesquisa, como é o caso do letramento crítico e do letramento urbano.

2.3.1 Letramento crítico

O letramento crítico é um campo de estudos que, através da leitura, da reflexão e da produção de textos verbais e não-verbais, busca questionar as divergências políticas e as desigualdades no mundo, visando mudanças e soluções para os problemas através de medidas justas e igualitárias, compreendendo, assim, as ideologias e as relações de poder na sociedade. Além disso, o letramento crítico também permite o reconhecimento sócio-histórico de si mesmo, compreendendo as ideologias e as relações de poder responsáveis pela sua construção como sujeito, bem como a construção da comunidade

em que ele/a está inserido. Desse modo, consideramos o termo “crítico” a partir da perspectiva teórica de Ferraz e Nascimento que o considera a partir de três dimensões:

1. a suspensão/suspeita das verdades tem a ver com uma crítica que suspeita dos significados dados – considerados AS verdades – que são naturalizados em nossa sociedade; 2. A crítica tem a ver com a construção de significado, por assim dizer, a capacidade que se tem de construir seus próprios significados; 3. A crítica tem a ver com 'ruptura' ou interrupção; por exemplo, quando alguém é capaz de estar aberto a novas maneiras de olhar para uma questão; maneiras que não são o senso comum ou as sustentadas pelo *status quo* (Ferraz; Nascimento, 2019, p. 46).¹

De acordo com Duboc (2014), Freebody (2008) e Muspratt *et al* (1997), a construção do conceito de letramento crítico tem início nos anos 1960 com as contribuições da teoria crítica de educação e da pedagogia crítica de Paulo Freire. Nessa perspectiva, os alunos são seres sociais, dotados de sua própria bagagem cultural e devem ser incentivados a questionar, problematizar e criticar os textos percebendo tanto a sua realidade quanto a de quem o produziu, ou seja, o contexto de produção. Nesse sentido, compreendemos os “textos” como unidades de sentido sobre as quais os sujeitos atribuem elementos coesivos, sejam eles verbais ou não-verbais (Jordão; Fogaça, 2007).

Sob uma perspectiva redefinida de letramento crítico, Menezes de Souza (2011) afirma que, além de compreender o contexto de produção do autor também deve-se estimular os alunos a compreender por que eles leem um texto da forma que leem, reconhecendo no sentido que eles atribuem os seus próprios contextos sociais. Logo, algumas questões devem ser direcionadas aos alunos, estimulando a reflexão:

O que estou fazendo aqui, lendo este texto? De onde o texto fala? Qual realidade é apresentada/construída neste texto? Da perspectiva de quem essa realidade é construída? O que o texto privilegia? O que o texto apaga (deixa de dizer)? O texto responde aos interesses de quem? Se o texto fosse escrito por outro sujeito ou em outro lugar, qual seria a diferença? Por que eu li este texto assim? Por que o outro lê este texto assim? (Duboc, 2014, p. 218).

Desta forma, o letramento crítico também pode ser entendido como uma atitude filosófica ao invés de um conjunto de técnicas ou estratégias pré-estabelecidas; esses questionamentos são desejáveis e esperados quando pensamos em uma postura crítica, ainda mais dentro da extensão, uma vez que “uma abordagem crítica ao letramento implica decodificar e codificar a contextualização ideológica, política e social das

¹ No original: 1. the suspension/suspicion of the truths has to do with a critique that suspects the given meanings — considered THE truths — which are naturalized in our society; 2. Critique has to do with meaning-making, so to speak the capacity one has to construct its own meanings; 3. Critique has to do with ‘rupture’ or disruption; for example, when one is capable of being open to new ways of looking at an issue; ways which are not the common sense or the ones sustained by the *status quo*.

práticas de letramento” (Wooldridge, 2001, p. 259), estendendo as reflexões críticas a diversas áreas da vida em sociedade. Assim, segundo Street (2014), os alunos devem ser estimulados a pensar criticamente desde os níveis mais básicos da escolarização, observando durante seu processo de aprendizagem as injustiças que permeiam a sociedade, propondo manifestações que visem a resolução de problemas.

Dado o exposto, para estimular o letramento crítico, é necessário que os educadores atentem-se para a escolha dos mais variados textos, bem como as condições que permeiam as suas produções. “As pessoas são sujeitos sociais, ao mesmo tempo sujeitos e objetos dos significados que elas criam e reproduzem” (Jordão, Fogaça, 2007, p. 88), logo os textos não são neutros, eles trazem consigo as visões e ideologias daqueles que os produziram, daí a importância de explorá-los para além dos aspectos linguísticos e gramaticais. A leitura em sala de aula também deve ser observada sob uma perspectiva diferente da tradicional. Ao ler um texto, os alunos fazem parte de uma interação dialógica além da “autor-texto-leitor”, eles também estabelecem uma relação com o espaço em que estão inseridos e com a sociedade nos seus mais variados contextos.

A partir disso, a abordagem nesta pesquisa considera os leitores como construtores de significados, à medida que, ao socializarem com um texto, seja verbal ou não-verbal, eles estão condicionados a se enxergarem ou atribuírem significações a partir de sua própria realidade. Dessa forma, a leitura permite não apenas o conhecimento da perspectiva de outras visões, mas também a retomada crítica de suas próprias percepções enquanto sujeito, o que corrobora a visão do letramento crítico cuja principal característica é proporcionar “meios para que o sujeito questione sua própria visão de mundo, seu lugar nas relações de poder estabelecidas e as identidades que assume” (Carbonieri, 2016, p. 133).

2.3.2 Letramento urbano

Refletir sobre a educação atualmente implica a necessidade de reconhecer a sua presença para além dos muros das escolas e instituições de ensino. Segundo Freire (1981, p. 79) “ninguém educa ninguém, ninguém educa a si mesmo, os homens se educam entre si, mediatizados pelo mundo”, logo, compreende-se como o desenvolvimento da educação não é atrelado unicamente às escolas. Para Freire (1995), outros espaços também podem ser um veículo de conhecimento e propiciar práticas pedagógicas que possibilitam o saber. Dessa forma, a convergência entre diferentes

espaços na educação estimula a criticidade, uma vez que busca-se observar, além dos muros das instituições de ensino e das práticas escolares, novos modos de enxergar e ler o mundo.

A educação, como um processo de aquisição de experiências, não deve ser enxergada apenas do ponto de vista da escolarização, uma vez que ela está imbricada em todos os aspectos da vida dos seres humanos e constitui a própria vida (Baptista, 2023), possibilitando o desenvolvimento de diferentes aprendizagens, as quais não se limitam ao espaço escolar, uma vez que eles se constituem na sociabilidade com o outro, na “coletividade e no compartilhamento de si com o mundo e do mundo consigo” (Baptista, 2023, p. 15).

É através do reconhecimento da educação “como expressão e fração dos modos de vida dos diversos grupos sociais” (Baptista, 2023, p. 16) que é possível enxergar a cidade como um espaço de aprendizagem, entendendo que a cultura e a história, os patrimônios culturais, os diferentes aspectos visuais e sonoros e os diversos cidadãos que nela habitam tecem uma relação construída entre os sujeitos e suas subjetividades. Dessa forma, o letramento urbano se estabelece ao propor o ambiente urbano como um texto passível de leitura e interpretações.

Devido à grande variedade de signos presentes no espaço urbano, são diversas as possibilidades de leitura da cidade. Para além da leitura dos registros alfanuméricos, a leitura do texto da cidade envolve os símbolos e significados imbricados nas pichações, grafites, nas (des)ocupações dos espaços, na arquitetura, nos patrimônios históricos e, também, daqueles que não o são, no formato das ruas e na movimentação dos transeuntes. A partir da significação desses elementos, a cidade produz sentido a partir das experiências, da compreensão de mundo, do (não) pertencimento aos espaços, exibindo relações culturais e de poder e denotando a sua construção como um reflexo dos processos sócio-espaciais (Souza, 2008).

Desse modo, a leitura dos espaços urbanos ultrapassa a simples leitura das paisagens aprendidas nas escolas, nas quais os estudantes são levados a identificar e nomear os elementos que compõem a urbe. No letramento urbano, o texto da cidade é interpretado a partir das diferentes percepções e sentidos que formam os espaços, compreendendo que o ambiente citadino “é polissêmico, polifônico, historicamente situado, culturalmente constituído a partir das práticas de sociabilidades e experiências na e com a cidade” (Baptista, 2023, p. 37). À respeito dos sentidos imbricados nos elementos urbanos, Oliveira (2000) afirma:

A cidade não se resume à paisagem aparente: ela se produz e reproduz a partir do cotidiano de quem a constrói, contendo vidas, fragmentos de vidas, é a dimensão do uso do espaço e do tempo. Só a partir do conhecimento disso é que se pode compreender a cidade para além da aparência (Oliveira, 2000, p. 20).

Nesse sentido, compreende-se a cidade nessa pesquisa para além de sua dimensão material, entendendo que sua construção de sentido se dá através das relações sociais dos sujeitos com o espaço urbano. A cidade, interpretada como um texto passível de leituras, interpretações e análises, configura-se como um evento de letramento a qual permite diferentes práticas de leitura historicamente, socialmente e culturalmente situadas, sinalizadas por estruturas de poder, percepções de mundo e representações que se articulam pluralmente por vozes heterogêneas (Baptista, 2023).

Com base nessas considerações, pensa-se a cidade a partir da perspectiva da pesquisadora Wink (2011), que considera-a como um espaço de fortalecimento das diversas identidades. Sob essa perspectiva, a Cidade Educadora, conceito criado após a realização do I Congresso Internacional de Cidades Educadoras (1990), propõe uma nova forma de pensar as relações sociais, espaciais e ambientais da urbe, como uma forma de diminuir as consequências do capitalismo. Para Wink (2011):

A Cidade Educadora vê na educação a principal forma de transformação da sociedade, sendo referência a educação que vai além dos muros da escola. Trata-se da educação que não se finda, que não tem idade, não tem necessariamente espaço afixado e trabalha com o viés de que a troca e a aprendizagem é processo contínuo na construção política da autonomia do sujeito (Wink, 2011, p. 72).

Essa perspectiva de cidade dialoga com os propósitos do Observatório Urbano de São João del-Rei e reforça a ideia das classes populares presentes na história para além de sua simples representação (Freire, 1995), reivindicando, assim, o poder para participar da configuração dos processos de urbanização, assumindo uma posição crítica e ativa sobre o contexto sócio-histórico-cultural que habitam, visando a construção de uma cidade mais democrática. Nesse sentido, adiante nos concentramos em contextualizar o papel do Observatório Urbano nesta pesquisa, bem como seus objetivos diante à comunidade externa e as principais atividades exercidas no programa.

3. O OBSERVATÓRIO URBANO DE SÃO JOÃO DEL-REI

O Observatório Urbano de São João del-Rei, formado por docentes, estudantes da graduação, pós-graduação e membros da comunidade externa atuantes em movimentos sociais, fundamenta seus pilares a partir dos pressupostos da educação

popular e do direito à cidade, produzindo uma série de ações e práticas que visam estabelecer conhecimentos acerca de questões urbanas, produção espacial e do planejamento de políticas da cidade, concentrando-se em combater o analfabetismo urbanístico e o deslocamento da comunidade urbana da realidade que vivencia, utilizando os letramentos como uma resposta à isso. Nesse sentido, a participação popular se mostra essencial no que concerne “a construção de um movimento social urbano forte e estruturado, que questione e se contraponha às formas de organização das relações de poder” (Jacobi, 1986 *apud* Ramos, 2021, p. 40).

O Observatório, fundado em 2019 na UFSJ, atua como um projeto de ensino, pesquisa e extensão de caráter multidisciplinar que objetiva produzir, sistematizar e divulgar informações sobre a realidade urbana de São João del-Rei (SJDR) a partir de uma perspectiva dialógica entre a Universidade e a comunidade externa. Nesse sentido, o Observatório entende a segregação socioespacial como uma marca da urbanização em um sistema socioeconômico que também opera para produzi-la, fato que se destaca mais explicitamente na cidade dentro das periferias do capitalismo. Logo, com o intuito de cumprir os objetivos propostos no que concerne a divulgação de conhecimentos sobre a cidade, o Observatório se organiza a partir da divisão de quatro coordenações.

A Coordenação Político Pedagógica se volta para as atividades de organização do projeto, como a articulação e a sistematização das ações extensionistas através da produção de materiais didáticos. Já a Coordenação de Capacitação e Análise Técnica tem a função de levantar dados secundários e primários sobre o urbano em SJDR, além das áreas prioritárias de pesquisa e atuação do Observatório, pensando também nas metodologias desenvolvidas com o Observatório Itinerante e a criação, atualização e manutenção do Acervo Urbano do Observatório, que visa o compartilhamento de informações relativas à cidade e ao urbano em SJDR.

A Coordenação de Capacitação e Atuação Comunitária objetiva a produção de conhecimentos e ações sobre SJDR a partir da articulação com a comunidade externa. Nesse sentido, são desenvolvidas diversas atividades como oficinas com a comunidade, as quais também foram realizadas pelos participantes desta pesquisa, como a elaboração de cartilha ou jogo sobre regularização fundiária (direito à cidade), o acompanhamento e apoio ao Fórum de Entidades de Assistência Social (FEAS) e o Observatório Itinerante. Por fim, a Coordenação de Representações Cartográficas se volta para a construção de cartografias da cidade, bem como a análise de dados relativos ao urbano de SJDR.

Além das referidas ações, destacamos também a realização de atividades como o Curso de Realidade Urbana Brasileira e São-joanense (CRUBS) e a Residência Extensionista em Direito à cidade, ação em que atuei como bolsista em conjunto com alguns participantes da pesquisa. O CRUBS, inicialmente uma atividade pensada no formato presencial mas que precisou ser modificada para o formato virtual para atender à necessidade de distanciamento social durante a pandemia de Covid-19, ocorreu entre os meses de setembro a novembro de 2020 e se deu como um curso de capacitação, destinado a agentes da comunidade, técnicos e estudantes, que visava a sensibilização da comunidade para a necessidade de cidades mais sustentáveis e inclusivas. A partir da realização de palestras *online* que ocorriam a cada quinze dias, os resultados das discussões também possibilitaram a publicação de um livro eletrônico intitulado *Realidade urbana brasileira: problemas, desafios e possibilidades para a efetivação do Direito à Cidade* (2021).

Já as ações da Residência Extensionista foram realizadas entre 2022 e 2023. Ao longo desses 11 meses de atividades, que incluíram formação, discussão, análise, intervenção e proposição, foi visada a elaboração de um projeto urbano para enfrentar demandas da comunidade identificadas durante o ciclo. O bairro Senhor dos Montes (SdM) foi escolhido como território piloto, com base em levantamentos e estudos prévios do Observatório. As ações foram orientadas por uma linha crítica, fundamentada nos princípios da educação popular, reconhecendo o protagonismo social da comunidade e promovendo plataformas para ampliar o direito à cidade.

O projeto também incluiu uma fase de formação técnico-profissional, na qual as estudantes residentes atuaram em órgãos públicos ou entidades privadas para auxiliar na elaboração de um plano de intervenção e transformação do território, integrando essa experiência ao arcabouço analítico necessário para a compreensão das realidades urbanas. A Residência Extensionista propôs que a Universidade atuasse como articuladora na transformação social, por meio do diálogo e do conhecimento dialógico, alinhando a ciência às necessidades populares. O objetivo foi formar discentes com um conhecimento mais profundo da cidade, capazes de pensar e propor cidades mais democráticas e inclusivas.

As atividades se orientaram ao reconhecimento das experiências dos sujeitos externos à Universidade, à ampliação das interações com o poder público e entidades que atuam na dinâmica urbana, e à criação de estudos que aprofundassem a compreensão crítica da realidade urbana. O programa também dialogou com a diretriz

institucional de curricularização da extensão, formando profissionais capazes de compreender e colaborar com os diversos agentes da dinâmica urbana.

Concretamente, os projetos apresentados pelas residentes em diálogo com a comunidade poderiam ser utilizados para reivindicar soluções junto ao poder público, criar frentes de atuação comunitária e participar de editais e parcerias para financiar projetos de transformação social. Em síntese, o programa buscou fomentar ações de micropolítica no território, fortalecendo o diálogo nas comunidades e visando à transformação da realidade urbana.

4. METODOLOGIA

Considerando a discussão realizada acerca da Extensão Universitária e dos letramentos, além da perspectiva teórica da justiça social para a educação e da minha participação como bolsista no programa de extensão que serviu a esta pesquisa como campo de interesse, este trabalho se configura como uma pesquisa qualitativa de cunho etnográfico e visa, principalmente, analisar as concepções e reflexões de seis pesquisadores extensionistas participantes do Observatório Urbano de São João del-Rei quanto às suas considerações sobre os letramentos que se manifestam no exercício da Extensão, tanto em sua modalidade teórica quanto prática.

Optando por uma abordagem metodológica que vise o conhecimento das experiências dos extensionistas no Observatório e utilizando os dados gerados tanto como método quanto fenômeno no estudo (Pinnegar; Daynes, 2007), o instrumento empregado na geração dos dados foi a entrevista semiestruturada. Os dados foram gerados a partir de seis entrevistas realizadas através de uma plataforma virtual com cinco graduandos dos cursos de Arquitetura e Urbanismo, Música e Psicologia, e uma mestre em Geografia, todos pela UFSJ. Através da entrevista, objetivou-se compreender o uso dos diferentes letramentos que foram utilizados pelos extensionistas para a formação na Universidade, e então na prática em Comunidade; buscando assim entender o fenômeno dos letramentos nas ações extensionistas/universitárias.

As entrevistas, que ocorreram no mês de maio do ano de 2024, foram realizadas pela plataforma *Zoom* e gravadas com a permissão dos participantes. Posteriormente, a conversa entre mim, a pesquisadora, e os entrevistados foi transcrita a fim de facilitar a leitura e análise do *corpus*. Para preservar o anonimato dos participantes, os nomes em vista na análise serão tratados como pseudônimos, escolhidos pelos participantes. Os

participantes foram escolhidos pelos seguintes critérios: a) participação no programa de Extensão anteriormente citado; b) acompanhamento mais próximo das ações no bairro Senhor dos Montes; c) participação mais frequente das reuniões e formações do Observatório que envolviam ações coletivas no bairro.

Logo, por se tratar de uma pesquisa com seres humanos, evidenciamos que esta pesquisa está de acordo com as diretrizes da Resolução nº 466/2012 e nº 510/2016, que prezam pelo respeito à integridade, dignidade, a liberdade e a autonomia do ser humano (BRASIL, 2012, 2016). Além disso, também foi submetida ao Comitê de Ética em Pesquisa Envolvendo Seres Humanos da UFSJ e aprovada, com número do parecer: 6.763.040 (Anexo A). Assim, no quadro abaixo, segue a relação dos participantes, bem como seus respectivos cursos de graduação:

Quadro 1 - Relação de participantes e seus respectivos cursos na graduação

Participantes	Graduação
Larissa	Arquitetura e Urbanismo
Lélia	Geografia
Lucy	Psicologia
Manoel	Arquitetura e Urbanismo
Raquel	Arquitetura e Urbanismo
Roberto	Música

Fonte: A autora.

Dado o exposto, neste trabalho objetivamos a análise da fala dos participantes associando-a ao que foi discutido durante o arcabouço teórico anteriormente. O método de codificação e análise dos dados na pesquisa foi o de indexação transversal e categórica, além de uma leitura interpretativa e reflexiva (Mason, 2002). Nesta perspectiva, dentro da pesquisa qualitativa, esse método consiste em sistematizar os dados em uma visão geral para se ter uma ideia clara de sua cobertura e escopo, visando localizar informações “que não aparecem de forma ordenada ou sequencial nos dados” (Mason, 2002, p. 153) e, posteriormente, organizá-las em categorias que funcionarão como base para produzir comparações e/ou diferenças no *corpus*. Assim, através da leitura interpretativa e reflexiva, lemos os dados para além de sua construção literal, explorando o seu contexto e associando-o com a teoria discutida neste trabalho.

Dessa forma, as categorias foram definidas a partir das questões realizadas na entrevista e selecionadas a partir das discussões e pontos em comum e divergentes encontrados na narrativa dos participantes. Ao todo, foram formuladas 3 categorias: *Concepções de letramentos*; *Letramentos e seus desafios no Observatório Urbano de São João del-Rei* e *Letramentos e a Extensão Universitária*. A partir dessa categorização, objetivamos uma organização clara dos dados, visando, através dessa ordem, uma discussão sobre o que foi obtido.

5. ANÁLISE E DISCUSSÃO DE DADOS

Nesta seção, iniciaremos a análise dos dados da pesquisa a partir da divisão das categorias, as quais serão distribuídas estruturalmente através de subseções. Ao longo do desenvolvimento, propomos uma reflexão crítica de acordo com o aporte teórico discutido anteriormente. Na primeira subseção intitulada *Concepções de letramento(s)*, apresentamos a visão dos participantes acerca de suas noções de letramento a partir de suas vivências acadêmicas. Na segunda subseção intitulada *Letramentos e seus desafios no Observatório Urbano de São João del-Rei*, discutimos a questão da aplicação dos letramentos e seus desafios no contexto da prática extensionista. Por fim, na terceira subseção intitulada *Letramentos e a Extensão Universitária* abordamos a visão dos participantes a respeito da Extensão Universitária e sua visão como um recurso no desenvolvimento dos letramentos.

5.1 Concepções de letramento(s)

Nesta primeira subseção, buscamos identificar quais as concepções que os participantes assumiam ao termo “letramento”, bem como a sua relação com suas vivências acadêmicas e/ou pessoais. A partir dessas considerações, buscamos analisar quais as ideias que os participantes construíram ao longo de suas vivências no ambiente acadêmico e durante a prática no Observatório acerca dos letramentos.

Nesta pesquisa, entendemos os letramentos como um conjunto de práticas sociais em torno da leitura e da escrita de textos verbais ou não-verbais. Essas práticas sociais dialogam diretamente com a construção ideológica dos sujeitos e reverberam no modo como eles lidam com os diversos letramentos que permeiam os seus contextos. Nesse ínterim, Street e Bagno (2006) discorrem sobre como os letramentos são constitutivos da identidade dos sujeitos e atuam como base na compreensão ideológica

dos mesmos. Logo, tendo em vista esses aspectos, ressaltamos que as ideias em torno dos letramentos ressaltadas pelos participantes, além de ser uma mera aquisição pedagógica, também se constitui como a posição ideológica desses sujeitos.

Dentre os diversos aspectos conceituais desenvolvidos pelos participantes, iniciamos a discussão a partir do letramento como uma prática coletiva. Nesse sentido, o letramento é construído através das relações estabelecidas na sociedade, no convívio com as diferenças em um movimento de educação mútua, em que, na mesma medida em que se ensina, também se aprende (Freire, 2013). Logo, para além de uma prática que envolve a perspectiva subjetiva dos sujeitos, os letramentos também são um reflexo de uma construção sócio-comunicativa, compreendendo que “a maior parte da aprendizagem humana não ocorre em contextos formais” (Street, 2014, p. 205). Essa percepção pode ser observada na fala das entrevistadas, Lélia e Lucy, que buscam relacionar os letramentos com a interação humana, destacando o processo que envolve a construção de um saber coletivo e social entre os sujeitos:

[...] eu entendo assim que não, a gente não vai ensinar ninguém, mas talvez colaborar com a pessoa. Para uma comunidade, um conjunto de pessoas ou até nós mesmos, né? (Trecho 1 - Lélia)

[...] eu acredito que seja uma construção, sabe? [...] Para mim, seria essa construção coletiva mesmo (Trecho 2 - Lucy).

Nesse ínterim, a visão dos letramentos a partir de uma perspectiva sócio-comunicativa se relaciona à visão seguinte apontada pelos participantes: do letramento como uma construção sócio-histórica. Nesse sentido, o letramento segue o modelo ideológico proposto por teóricos como Scribner & Cole (1981), Heath (1983) e Street (1984) em que o modo como as práticas de letramento se manifestam é um resultado de uma construção social, cultural e ideológica. Para Street (2014), o letramento nessa perspectiva é um reflexo das relações de poderes na sociedade, “e o modo como as pessoas “se apropriam” dele é uma contingência de práticas sociais e culturais” (p. 205).

[...] é realmente entender como é que se dá processualmente [o letramento] e se ver dentro daquilo (Trecho 3 - Larissa).

[...] Construir uma outra leitura assim, da realidade que a gente está (Trecho 4 - Lélia).

Ele [o letramento] atinge mais a área do empirismo, do saber empírico, das experiências e da identidade que a pessoa tem dependendo do letramento (Trecho 5 - Roberto).

Essa percepção de letramento ideológico pode ser observada na fala dos participantes Larissa, Lélia e Roberto e no modo como eles relacionam o letramento ao contexto em que os sujeitos vivem como o responsável pela construção de suas identidades. Assim, essas práticas sociais variam de um contexto para o outro e se transformam a partir do local em que os sujeitos se inserem, denotando que, o modo como o letramento é abordado, “têm raízes em suas próprias concepções de aprendizagem, identidade e existência pessoal” (Terra, 2014, p. 45), além de estarem relacionadas a estruturas de poder numa sociedade. Na visão conceitual seguinte abordada pelos participantes, há a consideração do letramento como uma reflexão crítica:

[...] o letramento vem de uma análise crítica mesmo, uma interpretação do que está em jogo ali (Trecho 6 - Manoel).

[...] é reconhecer essa vivência das pessoas e fazer elas mesmas reconhecerem onde elas estão, que lugar que elas ocupam na sociedade (Trecho 7 - Raquel).

[...] como que as pessoas vão se enxergar ali no espaço e como que esse espaço também construiu elas, as letrou para que elas tivessem aquela visão de mundo naquele lugar (Trecho 8 - Roberto).

Conforme observado na fala de Manoel, Raquel e Roberto, uma visão de letramento como reflexão crítica envolve o reconhecimento da posição que o sujeito ocupa na sociedade, bem como os motivos para que ele ocupe tal posição. Nesse sentido, uma reflexão crítica dos letramentos busca compreender a contextualização sócio-histórica, política e ideológica dos sujeitos, compreendendo quais fatores o impeliram a assumir um determinado papel social (Wooldridge, 2001). Outras percepções do conceito de letramento também envolveram a diferenciação com a alfabetização:

[...] a gente teve as formações, né, e aí a gente entende que tem vários letramentos e que ele é bem diferente da alfabetização (Trecho 9 - Manoel).

O letramento, ele ultrapassa essa barreira da escrita, né? (Trecho 10 - Roberto).

Nesse contexto, como pode ser observado nas falas de Manoel e Roberto, os letramentos se destacam por suas diferenças com o trabalho realizado no processo de alfabetização. Enquanto os letramentos se caracterizam pelo uso social da leitura e da escrita, a alfabetização consiste em dominar as técnicas de codificação e decodificação da leitura e da escrita. Segundo Magda Soares:

um indivíduo alfabetizado não é necessariamente um indivíduo letrado; alfabetizado é aquele indivíduo que sabe ler e escrever; já o indivíduo letrado, o indivíduo que vive em estado de letramento, é não só aquele que sabe ler e escrever, mas aquele que usa socialmente a leitura e a escrita, pratica a leitura e a escrita, responde adequadamente às demandas sociais de leitura e de escrita (Soares, 2009, pp. 39-40).

Logo, a partir das implicações das falas dos entrevistados, é importante denotar o fato de que, mesmo os sujeitos que não são alfabetizados, ou seja, não alcançaram a totalidade da leitura e a escrita ainda, podem ser sujeitos letrados ao fazerem uso da escrita e envolver-se em práticas sociais de leitura e escrita, como quando, por exemplo, ouvem a leitura de histórias escritas ou outros gêneros textuais (Soares, 2009). Para Street (2014), a fronteira entre uma pessoa letrada/iletrada é tênue e menos óbvia do que a perspectiva adotada pela visão autônoma dos letramentos sugere. Assim, ser uma pessoa letrada, nesse contexto, está muito além de alfabetizar-se, mas consiste em fazer uso da leitura e da escrita no cotidiano dos sujeitos, haja visto que a educação se constrói no exercício da vida, para além dos muros das instituições de ensino.

Dado o exposto, percebe-se como as concepções de letramento entre os entrevistados se articulam em torno de uma visão ideológica da leitura e escrita, buscando romper com o tradicionalismo e o modelo autônomo. Outrossim, a multiplicidade de perspectivas em torno dos letramentos reconhece as diversas formas de produção de conhecimento, principalmente aquelas difundidas para além da escolarização, o que implica, através da multimodalidade, “outras habilidades de leitura, interpretação e comunicação, diferentes das tradicionais ensinadas na escola” (Menezes de Souza; Monte Mór, 2006, p. 97). Por conseguinte, a visão dos participantes também assume uma posição dialógica, ou seja, de interação entre os sujeitos, no intuito de que o papel social que os sujeitos ocupam na sociedade seja observado como um resultado das desigualdades e injustiças sociais propagadas pelas estruturas de poder, bem como o papel que eles também assumem nesse contexto. Essas percepções influenciam, como veremos a seguir, no exercício das práticas extensionistas no Observatório.

5.2 Letramentos e seus desafios no Observatório Urbano de São João del-Rei

Nesta segunda subseção, continuamos a entender a perspectiva dos letramentos entre os entrevistados, mas observando os desafios que envolvem a prática extensionista no Observatório Urbano de São João del-Rei. Segundo Sandra de Deus (2020), apesar de sua importância na articulação entre o Ensino e Pesquisa, a Extensão ainda é pouco reconhecida nessa equação, resultando em um nível de desinformação a respeito de seu

papel tanto no âmbito acadêmico quanto na comunidade externa. Esse desconhecimento, por vezes, se manifesta através de diversas intempéries tanto no planejamento dos programas de extensão quanto no exercício das práticas extensionistas, resultando, assim, em “projetos, programas e ações extensionistas permeados de conflitos internos e incompreensões externas sobre objetivos, teorias, metodologias e públicos envolvidos nas suas práticas” (Deus, 2020, p. 12).

No Observatório Urbano de São João del-Rei, os conflitos e desafios destacados pelos participantes se voltam para as perspectivas apontadas no parágrafo anterior e evidenciam a realidade que se impõe no contexto extensionista. Dentre os desafios listados, iniciamos essa discussão pela dificuldade encontrada pelos participantes no momento da adaptação do conhecimento a uma diferente realidade, além do choque cultural causado pelo encontro com as diferenças sociais:

[...] quando a gente pega um território, um território não é ele, não é homogêneo, ele é heterogêneo. Então, se adaptar não só aquele território, mas adaptar o que você reflete, o que você lê (Trecho 11 - Lélia).

Eu acho que ainda tem muita coisa que a gente peca um pouco, às vezes até com a linguagem. Isso foi uma questão que apareceu, sabe? A Natália chegou a reclamar que as linguagens utilizadas estavam um pouco acima do que deveria ser exposto lá no SdM (Trecho 12 - Lucy).

[...] a gente nasce e cresce em um ambiente, aí você vai pra outro e leva as coisas que a gente carrega. Então, dependendo do lugar, 'cê tem que ter uma mente aberta, a empatia às vezes é muito difícil nesse contexto porque você acha que sabe mais que a outra pessoa e na verdade não é assim (Trecho 13 - Raquel).

Percebe-se no contexto da fala de Lélia, Lucy e Raquel como o encontro com diferentes realidades sociais também se manifesta como um desafio no momento de adaptação dos conhecimentos, uma vez que o pensamento colonizador se manifesta inconscientemente através de uma construção cultural instalada no cerne da sociedade. A perspectiva de adaptação a uma nova realidade é um processo que demanda o abandono de pré-concepções que, até o encontro com a mesma, podem não ter sido confrontadas anteriormente. Entendo nesta pesquisa que “o contato com as diversas realidades, com as diferenças, com outras perspectivas e mesmo com a crítica são aspectos essenciais da formação profissional” (Deus, 2020, p. 18) e preparam os educadores para o confronto com diferentes contextos e sujeitos sociais na educação — trazendo uma prática mais informada e condizente com as questões sociais emergente —, logo, a adaptação do conhecimento se mostra essencial para evitar concepções preconceituosas ou opressivas, como ocorre no caso da invasão cultural.

Segundo Freire (2013), na invasão cultural, há a penetração de um espaço histórico-cultural por um sujeito que, a partir da construção de seu próprio espaço histórico-cultural, impõe aos sujeitos o seu sistema de valores, reduzindo “os homens do espaço invadido a meros objetivos de sua ação” (Freire, 2013, p. 32). Na Extensão, a invasão cultural se manifesta através da imposição dos conhecimentos empíricos pela substituição dos conhecimentos entendidos como do senso comum desenvolvidos nas comunidades externas. Logo, percebe-se como a adaptação dos conhecimentos, o modo como se relaciona com os sujeitos deve ser pensado a partir de uma visão dialógica que se constrói progressivamente no contato com o outro.

Nesse ínterim, Chauí (2003) denota a importância de termos em vista como os movimentos sociais e políticos do século XX corroboraram para a visão da Universidade como “uma instituição social inseparável da ideia de democracia e de democratização do saber” (p. 5), bem como seu compromisso como mantenedora da educação e da cultura como partes constitutivas da sociedade. Essa visão põe em evidência o fato de que, apesar do exposto, “entre o que se prega e o que se pratica, há uma distância marcada pelas dificuldades operacionais, pelos preconceitos e pelos temores que envolvem a manutenção do *status quo*” (Deus, 2020, p. 19), prejudicando, assim, o retorno do que é produzido na Universidade à comunidade externa. Essa falha, segundo os participantes, também se configura como um dos desafios da prática extensionista no Observatório:

[...] a gente tem essa deficiência, né? Dessa distância entre discente dentro de Universidade e comunidade externa” (Trecho 14 - Lélia).

[...] eu acho que o maior deles [dos desafios] é ainda a falha do academicismo de entrar [nas comunidades externas], sabe? [...] é uma coisa que a gente se deparou com o Observatório, que é como que a gente vai transmitir essa confiança para as pessoas de que o espaço da universidade é um espaço tanto deles quanto de todos, né? (Trecho 15 - Roberto).

Através da fala de Lélia e Roberto, percebe-se como a distância entre a Universidade e a comunidade externa se manifesta como um desafio no contexto da prática extensionista. Sem o reconhecimento dos objetivos da Universidade no contexto da Extensão, é comum que a comunidade externa apresente resistência à presença dos extensionistas, fato que também foi mencionado por Manoel:

Tem outros desafios também que envolvem o engajamento, envolve o retorno, porque se você está lá há três meses falando as coisas e ninguém viu mudança, começa a perder força e sim, se você também não conseguir fazer com que as pessoas participem ativamente de uma forma contribuindo ali, é um desafio muito grande (Trecho 16 - Manoel).

Segundo Freire (2013), esse estranhamento por parte da comunidade externa é um reflexo de relações estruturais rígidas e verticais, em que a consciência e o conhecimento da comunidade são oprimidos, sem qualquer perspectiva de diálogo. Logo, é esperado que eles apresentem um comportamento introspectivo, revelando através dessa atitude “desconfiança também de si mesmos” (Freire, 2013, p. 38), de seus próprios conhecimentos e de seu papel social. Nesse sentido, a construção da confiança da comunidade externa na Universidade também é comprometida pela própria estrutura universitária em que a comodidade dos discentes e docentes no sistema de ensino nas salas de aula, sem encarar a realidade no lócus da sociedade, é mais “fácil”. Outrossim, quando as relações são estabelecidas, há também o distanciamento da Universidade quando os programas de Extensão chegam ao fim, problema que também foi apontado por Roberto:

Claro que tem projetos de extensão que estão entrando e que estão fora dos muros da universidade, mas não é uma coisa muito cíclica. [...] na verdade, cria-se uma desconfiança, igual quando a gente se deparou com os relatos: o pessoal chega com um projeto, passa um ano e acaba. (Trecho 17 - Roberto)

Nesse sentido, a relação Universidade-sociedade também é prejudicada e os laços construídos anteriormente passam por um período difícil em que a comunidade acredita ter sido apenas um instrumento para um fim estritamente acadêmico, sem compromisso social. Para Deus (2020), tanto a Universidade quanto a sociedade devem ter em vista o papel multidimensional da Extensão e que a transformação social deve ser efetiva e permanente em diversos contextos. Logo, a atuação da Universidade no contexto da comunidade deve ser responsável pela construção de um conhecimento à longo prazo que estimule o pensamento crítico e, no caso do Observatório, o desenvolvimento de diferentes letramentos que promovam na população o (re)conhecimento do papel que eles ocupam na sociedade, outrossim, a Universidade, através do contato e das experiências com a comunidade, deve promover mudanças em sua estrutura para atender de modo eficaz as necessidades da sociedade, além do aprimoramento de políticas públicas.

Por fim, os participantes também citaram a política de fomentos como um desafio a ser superado no contexto das práticas extensionistas:

[...] eu acho a extensão super potente dentro da universidade. Sim, a gente só precisa de, como em todas as áreas, mais investimento, poder se dedicar mais (Trecho 18 - Larissa).

[...] a Universidade ela detém dos aparatos, ela detém do conhecimento acumulado, ela tem dessas coisas que podem ser sim somatórias, porém, volta naquela questão de antes, que é a questão da iniciativa, que também não é só uma questão da Universidade, toda questão da estrutura sistêmica, porque para a gente poder ter projetos que sejam atuantes e que sejam presentes nas comunidades, a gente precisa de uma Universidade que tenha investimento (Trecho 19 - Roberto).

Segundo Deus (2020), os investimentos em torno dos programas de extensão devem ser uma preocupação de todas as instâncias, tendo em vista o potencial transformador da Extensão e seu caráter dialógico entre a Universidade e a sociedade. Logo, como pode ser observado na fala de Larissa e Roberto, os investimentos na Universidade e nos programas de extensão são um ponto de extrema importância no que diz respeito à aplicação de atividades extensionistas que atendam de modo eficaz as necessidades da comunidade. Ainda segundo Deus (2020):

É importante contar com programas e linhas de financiamento satisfatórias e de forma contínua, seja através da inserção na matriz orçamentária das instituições de ensino superior, seja através do aumento dos aportes do Ministério da Educação, seja via inclusão na agenda das agências governamentais (Deus, 2020, p. 14).

Ademais, o desafio das políticas de fomento também suscita a discussão em torno da curricularização da extensão e as mudanças que precisarão ser efetuadas tanto pela Universidade quanto pelos estudantes. Segundo Arienti (2023), “colocar na Constituição Federal não garante implementação” (p. 187), logo, é preciso trabalhar para que a Extensão Universitária não se torne apenas uma disciplina com a qual os alunos deverão preocupar-se em cumprir. “Deve-se ter como referência que as atividades de extensão são com a comunidade, em termos de diálogo, vivência, experiência, e para a comunidade” (Arienti, 2023, p. 186) e somente através do investimento estatal será possível a implementação de uma curricularização que respeite a integridade da comunidade externa e cumpra os objetivos propostos pela Política Nacional de Extensão Universitária.

5.3 Letramentos e a Extensão Universitária

Nesta subseção buscamos compreender a perspectiva dos entrevistados em relação à Extensão Universitária, tendo em vista o papel que eles ocupam como pesquisadores-extensionistas no Observatório Urbano de São João del-Rei. Além disso, investigamos também como as ações extensionistas operam como um recurso na construção e no desenvolvimento dos letramentos.

A Extensão Universitária desempenha um papel primordial no que concerne à aproximação da comunidade acadêmica com a comunidade externa, possibilitando o desenvolvimento de um “processo interdisciplinar, educativo, cultural, científico e político que promove a interação transformadora entre universidade e outros setores da sociedade” (FORPROEX, 2012, p. 42). Nesse sentido, para os extensionistas entrevistados, a Extensão representa não só a oportunidade da construção do conhecimento ou o cumprimento da carga horária regulamentada pela curricularização da extensão, mas a possibilidade de compreender a realidade do outro e desenvolver-se como sujeito crítico:

A gente lê muito durante a graduação, a gente escuta muita coisa, a gente assiste muita coisa, a gente vê muitas aulas positivas, mas eu acho que o contato com a realidade, fora do âmbito acadêmico, ele é muito importante (Trecho 20 - Lucy).

Todo mundo deveria fazer uma extensão antes de se formar. Porque o contato que você tem com as pessoas é diferente na Universidade e na “vida real”, então você vai estar colocando em prática aquela teoria acadêmica. [...] E são pessoas diferentes, que vieram de lugares diferentes, então a Extensão serve para você sair da sua bolha e ver que o mundo está fora dela [da sua bolha] (Trecho 21 - Raquel).

Na fala das entrevistadas Lucy e Raquel, percebe-se a importância da Extensão no desenvolvimento da vida acadêmica como uma oportunidade de pensar a educação para além dos muros das instituições de ensino, possibilitando que a sala de aula deixe de ser o lócus de uma produção teórico-abstrata para se constituir em todos os espaços onde se realiza o processo histórico-social composto pela sociedade (FORPROEX, 2006). Nessa perspectiva, destaca-se o encontro com uma nova realidade social e o contato com questões contemporâneas que, através dos conhecimentos difundidos na teoria universitária, devem se articular com o saber popular e buscar formas de superar a desigualdade e a exclusão social entre esses diferentes contextos, possibilitando aos futuros profissionais da educação o enriquecimento do saber aliado a termos teóricos e metodológicos, além do compromisso ético e solidário da universidade com a comunidade externa (FORPROEX, 2012).

[...] eu acho que existe um movimento muito grande de aprender também. E não só levar esse conhecimento, então é uma troca... Eu acredito que seja uma troca bem genuína, sabe? (Trecho 22 - Lucy).

Mas a partir do momento que você está lá [na prática de extensão], que você vê, você fala que as pessoas sabem das coisas. Acho que foi essa parte que rompeu esse pensamento em mim, porque geralmente quando a gente começa, a gente acha que a gente vai levar lá, vai fazer coisas, que vai ensinar e tudo mais, mas as pessoas já têm isso daí (Trecho 23 - Raquel).

Na continuação de suas falas, Lucy e Raquel se voltam para a construção do conhecimento a partir da visão de dialogismo de Freire. Nesse sentido, os extensionistas percebem como a comunidade externa se desenvolve a partir de uma perspectiva de leitura e convivência com o mundo, em que o saber se desenvolve no exercício e no conhecimento da rotina, sem a necessidade de serem ensinados. Os sujeitos da comunidade são, assim, letrados pelas relações homem-mundo (Freire, 2013). Logo, a possibilidade de uma extensão assistencialista, ou seja, de persuasão e mecanização da troca dos saberes populares pelos empíricos se mostra ineficaz e ostensiva. Segundo Freire, à respeito da substituição mencionada:

Este modo de pensar, como qualquer outro, está indiscutivelmente ligado a uma linguagem e a uma estrutura como a uma forma de atuar. Sobrepor a ele outra forma de pensar, que implica outra linguagem, outra estrutura e outra maneira de atuar lhe desperta uma reação natural. Uma reação de defesa ante o “invasor” que ameaça romper seu equilíbrio interno (Freire, 2013, p. 21).

Logo, como destacado pela fala de Lucy, o movimento de aprendizagem entre as comunidades deve se caracterizar pela troca de saberes, em uma via de mão-dupla que tem o diálogo e a comunicação como uma resposta ao discurso da hegemonia acadêmica, compreendendo que a “Universidade não pode imaginar-se proprietária de um saber pronto e acabado, que vai ser oferecido à sociedade, mas, ao contrário, exatamente porque participa dessa sociedade, ela deve ser sensível a seus problemas” (FORPROEX, 1987, p. 22).

Ademais, é importante evidenciar a interdisciplinaridade no que tange tanto a Extensão Universitária quanto aos letramentos. O Observatório Urbano de São João del-Rei reúne em seu corpo estudantil discentes e profissionais de diversas áreas de estudo, não apenas aquelas que dizem respeito às questões urbanas, o que pode ser evidenciado pelos cursos de graduação dos participantes entrevistados nesta pesquisa. A interdisciplinaridade, segundo Leis (2005), é um conceito heterogêneo que se caracteriza “como um ponto de cruzamento entre atividades (disciplinares e interdisciplinares) com lógicas diferentes” (p. 9), nesse sentido, no Observatório, busca-se a interconexão entre diversas áreas de estudo na construção e no desenvolvimento dos letramentos. A importância da interdisciplinaridade foi um ponto ressaltado pelo entrevistado Manoel:

[...] a formação dos grupos com pessoas diferentes, eu acho muito legal. Eu acho que promove uma troca muito boa, e que a gente consegue somar bastante conhecimento. [...] acho que isso é muito positivo, mesclar os cursos

e não acreditar que, por exemplo, “ah não, é estudo urbano, põe só Arquitetura e Geografia” (Trecho 24 - Manoel).

Nesse ínterim, a narrativa de Manoel denota como os letramentos difundidos no Observatório estão além da percepção de uma disciplina específica e, através da interdisciplinaridade, buscam construir uma forma de conhecimento que admite a perspectiva de diferentes áreas de estudo para a resolução de diferentes questões que permeiam os eventos e as práticas de letramento, entendendo, através da perspectiva de Freire, que “não há saber mais ou saber menos, há saberes diferentes” (Freire, 1967, p. 68), e a promoção dos saberes em conjunto permite o enriquecimento dos diferentes letramentos. No que concerne às ações extensionistas como um recurso na construção e no desenvolvimento dos letramentos, foi possível perceber como, para os participantes, a extensão universitária e os letramentos atuam de modo conjunto:

[...] a extensão, ela pode ser também um campo de multiplicar essas potencialidades [dos letramentos], de elevar o entendimento que as pessoas têm sobre a área que elas habitam e também sobre fazer com que os alunos percebam que o que está fora da Universidade é muito mais importante do que o que está lá dentro [da Universidade] (Trecho 25 - Larissa).

[...] o letramento, talvez ele não seria tão bem compreendido, pensado, se não fosse na Extensão. [...] eu acho que tanto o letramento como a Extensão se unem muito nesse sentido, assim mesmo de ser práticas revolucionárias (Trecho 26 - Lélia).

Na Extensão Universitária, o contato com a comunidade externa e as diversas esferas sociais possibilita aos estudantes o desenvolvimento de conhecimentos e habilidades que, no confinamento dos muros da Universidade, não ocorreriam da mesma forma. Segundo Castro (2009), a Extensão, através da prática e do contato com a comunidade, possibilita aos discentes um conhecimento que se concretiza em si mesmo, no desenvolvimento do saber com o outro que, apenas nas salas de aula das IES, não é o mesmo:

O conhecimento narrativo ele não fecha, ele deixa sempre aberto, ao final, para a possibilidade de se criar outros finais ou se iniciar outros processos. Assim, a forma de produção da narrativa não pretende ser verdadeira objetivamente, mas ser também subjetiva. Além disto, o que se verifica na Extensão é um fazer que sempre pressupõe a presença de um outro que não é somente o aluno ou professor, mas um ouvinte (Castro, 2004, p. 11).

No que tange aos letramentos, as práticas sociais de leitura e escrita se desenvolvem, nessa perspectiva, a partir das necessidades expressas pela comunidade circundante, desenvolvendo tanto nos extensionistas quanto nos diversos atores sociais vivências de letramento que se constroem a partir da leitura e da compreensão do espaço

que elas ocupam. A possibilidade de um contato externo ao mundo acadêmico, o reconhecimento das demandas que perpetuam a sociedade e a procura por formas justas de resolver essas mesmas demandas permitem aos discentes que se distanciam do ambiente artificial do claustro acadêmico o desenvolvimento de uma formação cidadã e profissional crítica, cultural e política (Bordenave; Pereira, 2007).

Assim, percebe-se no discurso das entrevistadas Larissa e Lélia, a influência da Extensão Universitária no que tange ao desenvolvimento dos letramentos e entende-se que, através das práticas extensionistas, é possível desenvolver, no contato com a comunidade, diferentes letramentos. No caso do letramento crítico, os participantes reconhecem o seu desenvolvimento a partir do contato com a comunidade externa, como pode ser observado nos relatos de Larissa e Raquel:

[...] as atividades mais importantes para o desenvolvimento do letramento [crítico], na minha experiência, foram as atividades que foram realizadas no bairro [...], porque foi onde a gente pode observar o bairro em si, como ele se constitui, como se divide, e entender junto daquelas pessoas qual é a história e a ocupação daquele bairro (Trecho 27 - Larissa).

[...] às vezes você vive muito ali, nunca saiu das casa dos pais, vive muito na universidade e não olha ao redor. Não vivenciou o mundo de verdade. Então a Extensão é muito boa para seu próprio letramento, para você entender seu lugar, o lugar que você ocupa (Trecho 28 - Raquel).

Nesse ínterim, entendendo que o letramento crítico funciona para além de uma abordagem pedagógica e se estende como postura ou atitude filosófica (Duboc, 2014, p. 218), o seu desenvolvimento no contexto da Extensão permite o encontro com diferentes perspectivas de mundo, permitindo que, aqueles imbricados nesse processo, passem a questionar-se diante de outras situações acerca de suas visões de mundo e de seu lugar frente às estruturas de poder da sociedade. Outrossim, esse processo também ocorre no caso do letramento urbano, o qual está diretamente ligado aos objetivos do Observatório em estimular tanto na comunidade acadêmica quanto na externa a reflexão acerca do ambiente urbano:

A cidade é construída a partir de disputas políticas e a cidade no formato que ela se dá significa uma narrativa que está vencendo essa disputa. Por isso que a cidade é de uma determinada forma. [...] se eu consigo ler que o espaço é resultado de conflitos, então eu passo a ser um agente nesse processo (Trecho 29 - Larissa).

Conforme a fala de Larissa, o reconhecimento da cidade como um palco de interesses políticos permite aos diversos atores sociais, por meio do letramento urbano, o entendimento do papel social ocupado nesse processo. Logo, no exercício das práticas

extensionistas no Observatório, o desenvolvimento do letramento urbano é essencial no que concerne à construção de uma postura crítica em vista das desigualdades presentes no espaço urbano e na luta pelo direito de uma cidade mais inclusiva e que se articula ao pensamento de uma cidade educadora que busca “promover um espaço de diálogo com a diversidade na busca por liberdade e igualdade” (Baptista, 2023, p. 31).

Assim, a partir das falas dos extensionistas entrevistados, entendemos como a Extensão Universitária possibilita o desenvolvimento de diversos letramentos no exercício de suas atividades, os quais, em diversos momentos, estão contidos uns nos outros. Ao observar o espaço urbano, a visão que construímos a partir de seus espaços revela não apenas a construção do local, mas a percepção crítica dos próprios sujeitos frente a realidade em que estão situados.

Figura 1: Relação entre a Extensão Universitária e os diferentes letramentos



Fonte: A autora.

Sendo assim, com a figura acima busquei retratar como, nesse contexto, a Extensão e os letramentos atuam em conjunto no desenvolvimento dos indivíduos, possibilitando a construção de sujeitos mais críticos e conscientes de seu papel na sociedade e que atuem na luta por uma educação mais inclusiva, diversa e multicultural que preze pela pelas diferenças, entendendo que elas não são impeditivas, mas construtivas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esperou-se obter como resultado desta pesquisa a melhor compreensão do papel da Extensão Universitária como ferramenta dos letramentos e o impacto dela na formação acadêmica dos extensionistas, uma vez que os letramentos buscam

desenvolver habilidades de leitura e escrita crítica que vão além de textos verbais, permitindo que haja maior criticidade sobre as estruturas sociais e políticas ao redor, presentes nas práticas sociais que constituem a língua(gem). Logo, objetivamos neste trabalho investigar o percurso histórico da Extensão Universitária no Brasil, bem como discutir algumas implicações de sua curricularização nas IES. Ademais, visamos a análise dos letramentos difundidos no Observatório Urbano de São João del-Rei, principalmente os letramentos crítico e urbano e a sua relação com as vivências acadêmicas dos extensionistas entrevistados nessa pesquisa.

No decorrer deste trabalho busquei refletir sobre o papel da Extensão Universitária e sua contribuição na formação acadêmica, entendendo que a possibilidade de encontro com novas realidades permite aos extensionistas o desenvolvimento de diferentes letramentos, principalmente aqueles que se referem à construção de sujeitos mais críticos. Além disso, também busquei refletir acerca da educação a partir do ponto de vista da justiça social, compreendendo o seu papel enquanto postura crítica e filosófica essencial na formação acadêmica/extensionista ao observar o ensino a partir da pluralidade dos sujeitos, entendendo que as diferenças devem ser abordadas do ponto de vista da equidade. Adiante, explorei os diversos letramentos que permeiam o contexto extensionista. Os letramentos se referem não somente à habilidade de ler e escrever, como ocorre na alfabetização, mas também à capacidade de relacionar a leitura e escrita às diversas práticas sociais do cotidiano. Nesse sentido, exploramos com maior destaque as noções de letramento crítico e urbano, haja vista a sua relevância no contexto desta pesquisa.

No que concerne à análise empregada, foi possível perceber como o potencial educativo da Extensão Universitária se desenvolveu nos extensionistas a partir de suas vivências com a comunidade externa. A possibilidade de contato com novas realidades permitiu o (re)conhecimento de espaços e narrativas que, em diversos momentos, não possuem um local de fala ativo no contexto dos muros das salas de aula das IES. As diversas atividades desenvolvidas nas ações extensionistas, além de trazer à tona as necessidades da comunidade externa e ressaltar o compromisso da Universidade com a sociedade, também permitiu aos extensionistas o desenvolvimento de diversos letramentos, principalmente o crítico e o urbano.

Foi possível observar que a construção crítica dos participantes se volta principalmente para uma perspectiva ideológica e política da leitura e escrita, entendendo-a para além dos textos verbais, mas observando-a em seus diversos

contextos e práticas de uso. Nesse sentido, o letramento crítico se destaca enquanto posição ideológica e filosófica dos participantes, se manifestando através de um olhar minucioso acerca do mundo e de si mesmo enquanto sujeito social. Logo, entendendo o letramento crítico como um questionamento de convenções sócio-históricas, o texto da cidade se revela a partir de um olhar sensível que, além de compreender a urbe como um locus de educação e conhecimento devido aos diversos signos que se manifestam de forma multimodal, também é permeado de injustiças e modelos hegemônicos historicamente, socialmente e culturalmente situados por estruturas e relações de poder (Baptista, 2023).

Nesse sentido, denotamos o modo como essas práticas e eventos de letramento atuam em conjunto no processo de desenvolvimento dos indivíduos na Extensão Universitária, possibilitando a construção de cidadãos/profissionais que acolham a diversidade, a multiculturalidade e as diferenças em suas práticas de letramento como um reflexo de suas experiências nas ações extensionistas. Já no que concerne ao ensino de língua inglesa, é importante destacar que não é possível pensá-lo distanciado dos letramentos, uma vez que a prática da língua inglesa não difere das práticas sociais que se apoiam em conhecimentos interdisciplinares.

É importante apontar que, este estudo, embora enriquecido por uma base teórica robusta e abrangente, apresenta algumas limitações que podem ser exploradas em pesquisas futuras. A variedade de conceitos abordados, embora relevante, pode diluir a análise em diferentes frentes; portanto, investigações futuras poderiam focar-se em um aspecto específico dos letramentos críticos. A amostra limitada a seis participantes restringe a generalização dos achados, sugerindo que estudos posteriores poderiam incluir uma amostragem mais ampla e diversificada. A análise, restrita ao contexto do ‘Observatório Urbano’, também limita a compreensão do impacto da extensão universitária em diferentes regiões e contextos institucionais, o que poderia ser ampliado em trabalhos comparativos. A metodologia, centrada em entrevistas semiestruturadas, poderia ser enriquecida com a inclusão de técnicas adicionais, como grupos focais e análise documental. Ademais, a falta de uma análise longitudinal restringe a compreensão dos impactos duradouros dos letramentos críticos na vida dos extensionistas, algo que poderia ser investigado em pesquisas futuras de acompanhamento.

Por fim, finalizamos este trabalho apontando possibilidades que sugerem sua continuidade na observação de outras práticas de letramentos em diversos contextos da

sociedade, entendendo que em todos os espaços há a presença de letramentos que se relacionam a partir de uma construção sócio-histórica.

REFERÊNCIAS

ARIENTI, W. L. Sobre a implementação da curricularização da extensão: caracterizações e preocupações. **Extensio: R. Eletr. de Extensão**. Florianópolis, v. 20, n. 45, p. 168-189, 2023.

BAPTISTA, W. **Letramento urbano e educação das sensibilidades**: reflexões sobre leituras da cidade e a constituição de territorialidades. Itatiba, 2023. 139p.

BARTON, D. **Literacy**: An introduction to the ecology of written language. Oxford UK & Cambridge USA: Blackwell. 1994.

BORDENAVE, J. D.; PEREIRA, A. M. **Estratégias de ensino-aprendizagem**. 33 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

BOURDIEU, P.; PASSERON, J. **Os herdeiros**: os estudantes e a cultura. Tradução de Ione Ribeiro Valle e Nilton Valle. Florianópolis: Editora da UFSC, 2014.

BRANT, F. NASCIMENTO, M. S. C. Maria, Maria. [S.l.]: EMI, 1976. 1 disco sonoro (44 min).

BRASIL. **Lei da Reforma Universitária**. Lei nº 5.540, de 28 de novembro de 1968. Brasília, DF, 1968.

_____. Ministério da Saúde. Conselho Nacional de Saúde. **Resolução nº 466, de 12 de dezembro de 2012**. Brasília, DF, 2012. Disponível em: <https://conselho.saude.gov.br/resolucoes/2012/Reso466.pdf>. Acesso em: 18 jul. 2024.

_____. Ministério da Saúde. Conselho Nacional de Saúde. **Resolução nº 510, de 7 de abril de 2016**. Brasília, DF, 2016. Disponível em: <https://conselho.saude.gov.br/resolucoes/2016/Reso510.pdf>. Acesso em: 18 jul. 2024.

CARBONIERI, D. Descolonizando o Ensino de Literaturas de Língua Inglesa. In: JESUS, D. M. de; CARBONIERI, D. (Org.). **Práticas de Multiletramentos e Letramento Crítico**: outros sentidos para a sala de aula de línguas. Campinas, SP: Pontes Editores, 2016.

CASTRO, L. M. C. **A universidade, a extensão universitária e a produção de conhecimentos emancipadores**: ainda existem utopias realistas. 185 f. Tese (Doutorado em Saúde Coletiva) - Instituto de Medicina Social Hesio Cordeiro, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2004.

CHAUÍ, M. S. **A universidade pública sob nova perspectiva**. Conferência de abertura da 26ª reunião anual da ANPED, Poços de Caldas, 5 de outubro de 2003.

COELHO, G. C. O papel pedagógico da extensão universitária. **Revista Em Extensão**, Uberlândia, v. 13, n. 2, p. 11–24, 2015. DOI: 10.14393/REE-v13n22014_art01.

Disponível em: <https://seer.ufu.br/index.php/revextensao/article/view/26682>. Acesso em: 12 jul. 2024.

DEUS, S. **Extensão universitária: trajetórias e desafios**. Santa Maria, RS: Ed. PRE-UFSM, 2020.

DUBET, F. **O que é uma escola justa?** A escola das oportunidades. São Paulo: Cortez, 2008.

DUBOC, A. P. M. Letramento crítico nas brechas da sala de aula de línguas estrangeiras. In: TAKAKI, N.; MACIEL, R. F. (Orgs.). **Novos letramentos em terra de Paulo Freire**. São Paulo: Pontes, 2014, p. 209-229.

_____. **Preface: Literacy events and literacy practices**. In: HAMILTON, M.; BARTON, D.; ROZ, I. (Ed.). *Worlds of literacy*. Clevedon: Multilingual Matters Ltd, 1993.

FERRAZ, D. M.; NASCIMENTO, A. K. O. Language education and digital/ new/multi literacies: do we teachers consider what happens outside the school walls? In: AMORIM, S. S.; SANTOS, V. M. (Orgs.). **Subjects and educational practices: experiences, knowledge and perspectives**. Aracaju: EDUNIT, 2019, p. 43-65.

FOGAÇA, F. C.; JORDÃO, C. Ensino de inglês, letramento crítico e cidadania: um triângulo amoroso bem-sucedido. **Línguas & Letras**, [S. l.], v. 8, n. 14, p. p. 79–105, 2000. Disponível em: <https://saber.unioeste.br/index.php/linguaseletras/article/view/906>. Acesso em: 6 jun. 2024.

FREEBODY, P. Critical literacy education: on living with “innocent language”. STREET, B. V.; HORNBERGER, N. H. (Eds). **Encyclopedia of Language and Education**, 2nd Edition, Volume 2: Literacy, p. 107-118. 2008.

FREEBODY, P. Critical literacy education: on living with “innocent language”. STREET, B. V.; HORNBERGER, N. H. (Eds). **Encyclopedia of Language and Education**, 2nd Edition, Volume 2: Literacy, p. 107–118., 2008.

FREIRE, P. **Extensão ou comunicação?** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2013.

_____. **A Educação na cidade**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 1995.

_____. **Pedagogia do oprimido**. 9. ed. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 1981.

I FORPROEX - ENCONTRO DE PRÓ-REITORES DE EXTENSÃO DAS UNIVERSIDADES PÚBLICAS BRASILEIRAS. **Conceito de extensão, institucionalização e financiamento**. Brasília, 1987. Disponível em: <http://www.renex.org.br/documentos/Encontro-Nacional/1987-I-Encontro-Nacional-doFORPROEX.pdf>. Acesso em: 10 jul. 2024.

FORPROEX - FÓRUM DE PRÓ-REITORES DE EXTENSÃO DAS UNIVERSIDADES PÚBLICAS BRASILEIRAS. **Política Nacional de Extensão Universitária**. Manaus: Imprensa Universitária, 2012. Disponível em: <https://proex.ufsc.br/files/2016/04/Política-Nacional-de-Extensão-Universitária-e-book.pdf>. Acesso em: 8 jun. 2024.

_____. **Indissociabilidade entre ensino-pesquisa-extensão e flexibilização curricular**: uma visão da extensão. Porto Alegre: UFRGS; Brasília: MEC/SESu, 2006.

Gadotti M. **Extensão Universitária: Para quê?**. Brasil: Instituto Paulo Freire, 2017.

GEE, J. P. **Critical Literacy/Socially Perceptive Literacy**: A study of language in action. In: FEHRING, H.; GREEN, P. (Ed.). **Critical Literacy: a collection of articles from the Australian Literacy Educators' Association**. Canada: International Reading Association & Australian Literacy Educators' Association, p. 15-39. 2001.

HEATH, S. B. **Protean shapes in literacy events**: Ever-shifting oral and literate traditions. In: TANNEN, D. (Ed.). **Spoken and written language: Exploring orality and literacy**. Norwood, N.J: Ablex, p. 91-117, 1982.

_____. **Ways with words**. Cambridge: Cambridge University Press. 1983.

LUKE, A.; FREEBODY, P. Critical literacy and the Question of Normativity. In: MUSPRATT, S.; LUKE, A.; FREEBODY, A. (Eds). **Constructing critical literacies: teaching and learning textual practice**. Sydney: Allen & Unwin, 1997.

MARCUSCHI, L. A. **Letramento e oralidade no contexto das práticas sociais e eventos comunicativos**. In: SIGNORINI, I. (Org.). **Investigando a relação oral/escrito e as teorias do letramento**. Campinas-SP: Mercado de Letras, p. 23-50. 2001.

MEDEIROS, M. M. A extensão universitária no Brasil - um percurso histórico. **BARBAQUÁ**, [S. l.], v. 1, n. 1, p. 9–16, 2017. Disponível em: <https://periodicosonline.uems.br/index.php/barbaqua/article/view/1447>. Acesso em: 10 jul. 2024.

MENEZES DE SOUZA, L M. T. O professor de inglês e os letramentos no século XXI: métodos ou ética? **Formação desformatada: práticas com professores de língua inglesa**. Campinas: Pontes, 2011.

MENEZES DE SOUZA, L. M. T.; MONTE MÓR, W. M. **Orientações curriculares para o ensino médio**: linguagens, códigos e suas tecnologias – conhecimentos de línguas estrangeiras. Brasília: DOSSIÊ ESPECIAL JORDÃO (org.) **Letramentos e Multiletramentos no Ensino de Línguas e Literaturas**. Revista X, vol.1, 2011 MATTOS, 2011 47 Ministério da Educação / Secretaria de Educação Básica, 2006.

MIRRA, Evandro. **A ciência que sonha e o verso que investiga**. Rio de Janeiro: Papagaio, 2009.

MORAIS, J. de S. Currículo escolar e justiça social: o cavalo de tróia da educação. **Nuances: Estudos sobre Educação**, Presidente Prudente, v. 26, n. 2, p. 258–263, 2016. Disponível em: <https://revista.fct.unesp.br/index.php/Nuances/article/view/3486> . Acesso em: 1 jul. 2024.

NOGUEIRA, M. D. P. **Políticas de Extensão Universitária Brasileira**. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2005.

_____. **Extensão Universitária no Brasil: uma revisão conceitual. Construção conceitual da extensão universitária na América Latina**. Brasília: UNB, 2001.

OLIVEIRA, J. A. **Cidades na selva**. Manaus, Editora Valer, 2000.

PAHL, K.; ROWSELL, J. (Ed.). **Literacy and education**: Understanding the New Literacy Studies in the classroom. London: Paul Chapman Publishing, 2005.

PAULA, J. A. de. A extensão universitária: história, conceito e propostas. **Interfaces - Revista de Extensão da UFMG**, [S. l.], v. 1, n. 1, p. 5–23, 2013. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/revistainterfaces/article/view/18930>. Acesso em: 10 jul. 2024.

PINNEGAR, S.; J. G. DAYNES. Locating narrative inquiry historically. In: CLANDININ, D. J. **Handbook of narrative inquiry**: mapping a methodology. Thousand Oaks, London, New Delhi: Sage, 2007.

RAMOS, B. S. S. Ad-mirar a Cidade democrática: Que democracia? Cidade a favor de quem? In: COTA, D. A. et al. (org). **Realidade urbana brasileira**: problemas, desafios e possibilidades para a efetivação do Direito à Cidade. Rio de Janeiro: Autografia, 2021. Disponível em: <https://ufsj.edu.br/observatoriourbano/publicações.php>. Acesso em: 1 jul. 2024.

RANDOLPH, L. J.; JOHNSON, S. M. **Social justice in the language classroom**: A call to action. Dimension, 2017, 99–121.

RODRIGUES, M. M. Universidade, extensão e mudanças sociais. **Revista em Extensão**, p. 41-51, 1999.

ROHLING, M.; VALLE, I. R. Princípios de justiça e justiça escolar: a educação multicultural e a equidade. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, v. 46, n. 160, p. 386–409, 2016. Disponível em: <https://publicacoes.fcc.org.br/cp/article/view/3287>. Acesso em: 1 jul. 2024.

SARDINHA, P. M. M. Letramento crítico: uma abordagem crítico-social dos textos. **Linguagens & Cidadania**, [S. l.], v. 20, 2018. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/LeC/article/view/32421>. Acesso em: 6 jun. 2024.

SCRIBNER, S.; COLE, M. **The Psychology of Literacy**. Harvard University Press, 1981.

SOARES, M. **Letramento**: um tema em três gêneros. 3º ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009.

SOUZA, A. C.; BRANDALISE, M. A. T. Democratização, justiça social e igualdade na avaliação de uma política afirmativa: com a palavra, os estudantes. **Ensaio: Avaliação e Políticas Públicas em Educação**, v. 23, p. 181-212, 2015. Disponível em: <https://revistas.cesgranrio.org.br/index.php/ensaio/article/view/241/0>. Acesso em: 1 jul. 2024.

SOUZA, M. L. **Mudar a cidade**: uma introdução crítica ao planejamento e a gestão urbanos. 5º ed. Rio de Janeiro, Bertrand Brasil, 2008.

STREET, B. V. Letramentos sociais: abordagens críticas do letramento no desenvolvimento, na etnografia e na educação. Tradução de Marcos Bagno. São Paulo: Parábola Editorial, 2014. 240p.

_____. What's "new" in new literacy studies?: critical approaches to literacy in theory and practice. In: **Current Issues in Comparative Education**, v.5, n.2, 77-91, 2003.

_____. **Literacy and development**: ethnographic perspectives on schooling and adult education. London and New York: Routledge, 2001.

STREET, B.; BAGNO, M. Perspectivas interculturais sobre o letramento. *Filologia e Linguística Portuguesa*, [S. l.], n. 8, p. 465–488, 2006. DOI: 10.11606/issn.2176-9419.v0i8p465-488. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/flp/article/view/59767>. Acesso em: 14 ago. 2024.

TERRA, M. R. Letramento & letramentos: uma perspectiva sociocultural dos usos da escrita. **DELTA: Documentação e Estudos em Linguística Teórica e Aplicada**, [S. l.], v. 29, n. 1, 2014. DOI: 10.1590/delta.v29i1.9865. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/delta/article/view/9865>. Acesso em: 5 jun. 2024.

TORRES SANTOMÉ, J. **Currículo escolar e justiça social**: o cavalo de Troia da educação. Tradução Alexandre Salvaterra; revisão técnica: Álvaro Hypolito. Porto Alegre: Penso, 2013.

WINK, I. **Cidade educadora e juventudes**: as políticas públicas e a participação dos jovens de Gravataí – RS. Porto Alegre, 230 p., 2011. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

WOOLDRIDGE, N. Tensions and ambiguities in critical literacy. In: COMBER, B.; SIMPSON, A. (Eds.) **Negotiating critical literacies in classrooms**. New Jersey: Lawrence Erlbaum Associates Publishers, 2001.

ANEXO A - PARECER DE APROVAÇÃO DO COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA ENVOLVENDO SERES HUMANOS DA UFSJ



UNIVERSIDADE FEDERAL DE
SÃO JOÃO DEL REI - UFSJ



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: A Extensão Universitária como ferramenta dos Letramentos Críticos: um estudo de caso sobre o Observatório Urbano de São João del-Rei

Pesquisador: DENISE SILVA PAES LANDIM

Área Temática:

Versão: 1

CAAE: 78301323.3.0000.5151

Instituição Proponente: Departamento de Letras

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 6.763.040

Apresentação do Projeto:

As informações elencadas nos campos "Apresentação do Projeto", "Objetivo da Pesquisa" e "Avaliação de riscos e benefícios" foram retiradas do arquivo de Informações Básicas do Projeto intitulado A Extensão Universitária como ferramenta dos Letramentos Críticos: um estudo de caso sobre o Observatório Urbano de São João del-Rei, CAAE: 78301323.3.0000.5151, submetido a este comitê. Segundo a pesquisadora responsável:

"Este Trabalho de Conclusão de Curso tem como foco um estudo de caso sobre o programa de extensão Observatório Urbano de São João del-Rei, com o objetivo de investigar como a extensão universitária pode ser uma ferramenta eficaz para promover os letramentos críticos durante a formação de graduandos de diferentes áreas do conhecimento, trabalhando assim a interdisciplinaridade. Espera-se obter como resultado a melhor compreensão do papel da extensão universitária como ferramenta dos letramentos críticos e o impacto dela na formação acadêmica dos extensionistas, uma vez que os letramentos críticos buscam desenvolver habilidades de leitura e escrita crítica que vão além de textos, permitindo que haja maior criticidade sobre as estruturas sociais e políticas ao redor."

Objetivo da Pesquisa:

De acordo com a pesquisadora responsável, o objetivo principal do estudo será:

"Investigar a potencialidade da extensão usada como ferramenta dos letramentos críticos na formação dos extensionistas do Observatório Urbano de São João del-Rei, e que os letramentos

Endereço: Praça Dom Helvécio, 74 - Sala 1.28 - Térreo - Campus Dom Bosco

Bairro: Fábricas

CEP: 36.307-352

UF: MG

Município: SAO JOAO DEL REI

Telefone: (32)3379-5598

E-mail: cepsj@ufs.edu.br



UNIVERSIDADE FEDERAL DE
SÃO JOÃO DEL REI - UFSJ



Continuação do Parecer: 6.763.040

estão presentes para além dos espaços físicos da sala de aula ou espaços delimitados como tal."

Não mencionou objetivos secundários.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Quanto aos riscos e/ou desconfortos, bem como suas respectivas formas de amenização, o(a) pesquisador(a) responsável descreve que: "Há risco de o participante se sentir constrangido e/ou desconfortável ao responder alguma pergunta. Caso o participante se sinta constrangido e/ou desconfortável durante a entrevista, ele poderá optar por não respondê-la. Além disso, em qualquer momento da pesquisa, o participante poderá encerrar sua participação sem nenhum ônus."

Já quanto aos benefícios: "Pode ajudar a melhorar as ações do Observatório Urbano, a fortalecer a extensão universitária na UFSJ, ajudar os discentes participantes a melhorarem suas percepções sobre letramentos, enriquecimento do tema da pesquisa na área, disseminação sobre ações realizadas pela comunidade onde o Observatório atua."

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

De forma sintética, a pesquisadora escreve que o presente estudo consiste em:

"A pesquisa se origina no curso de Letras - Língua Inglesa e suas Literaturas, da Universidade Federal de São João del-Rei. As entrevistas serão realizadas de forma remota, na plataforma Zoom, no link que será compartilhado com cada participante no dia da entrevista. O público abordado será pesquisadores extensionistas que atuam no programa de extensão acima referido.

As bases metodológicas utilizadas serão a Pesquisa-Narrativa, onde coletaremos os relatos sobre o uso dos diferentes Letramentos que foram utilizados pelos extensionistas para formação em Universidade, e então prática em Comunidade; buscando assim entender o fenômeno dos Letramentos nas ações extensionistas/universitárias. Além disso, usarei também a abordagem qualitativa, onde observarei a relação entre o tema da pesquisa, a interpretação do mundo real e do sujeito entrevistado; uma vez que este interpreta os fenômenos (letramento, atuação na extensão universitária) a partir de seus valores, dando um significado a mais/diferente da significação de outras pessoas.

Endereço: Praça Dom Helvécio, 74 - Sala 1.28 - Térreo - Campus Dom Bosco

Bairro: Fábricas

CEP: 36.307-352

UF: MG

Município: SAO JOAO DEL REI

Telefone: (32)3379-5598

E-mail: cepsj@ufs.edu.br



UNIVERSIDADE FEDERAL DE
SÃO JOÃO DEL REI - UFSJ



Continuação do Parecer: 6.763.040

A importância do estudo vem da curricularização da extensão prevista no Plano Nacional de Educação (PNE), e que foi regulamentada pela Resolução nº 7 MEC/CNE/CES, de 18 de dezembro de 2018. A resolução estabelece que: "as atividades de extensão devem compor, no mínimo, 10% (dez por cento) do total da carga horária curricular estudantil dos cursos de graduação, as quais deverão fazer parte da matriz curricular dos cursos". Neste ano de 2023, a UFSJ segue em discussão para implementação de tal Resolução nos cursos ofertados por ela, e a partir de minha atuação por mais de um ano no Observatório Urbano de São João del-Rei, busco com esta pesquisa mostrar 1) a interdisciplinaridade trabalhada, 2) o retorno do investimento público (da população) para a mesma a partir de nossa atuação (atuação dos extensionistas), 3) como a extensão é um pilar mais que necessário na Universidade, e a sua curricularização deve ser refletida e inserida com cuidado nos currículos, pois a banalização da mesma pode levar a efeitos negativos no campo de atuação."

Já quanto a metodologia utilizada:

"Revisão bibliográfica relacionada à extensão universitária e letramentos. Realizar entrevistas com discentes do Observatório Urbano de São João del-Rei. Comparar as narrativas com a bibliografia lida para determinar paralelos existentes. Considerações sobre o resultado obtido. (Mason, J. (1996). Qualitative researching. Sage Publications, Inc. HALL, Stuart. Cultura e representação. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio Apicuri, 2016.)"

Por fim, tem-se como critério de inclusão: "Ser ou ter sido aluno-extensionista do programa de extensão Observatório Urbano de São João del-Rei."

Não foram definidos critérios de exclusão.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Vide campo "Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações".

Recomendações:

Vide campo "Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações".

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Após minuciosa análise referente aos preceitos éticos aprovados em resoluções, normativas e cartas circulares do Conselho Nacional de Pesquisa, este CEP é favorável à aprovação do projeto intitulado "A Extensão Universitária como ferramenta dos Letramentos Críticos: um estudo de caso sobre o Observatório Urbano de São João del-Rei" para sua devida execução.

Endereço: Praça Dom Helvécio, 74 - Sala 1.28 - Térreo - Campus Dom Bosco

Bairro: Fábricas

CEP: 36.307-352

UF: MG

Município: SAO JOAO DEL REI

Telefone: (32)3379-5598

E-mail: cepsj@ufsj.edu.br



Continuação do Parecer: 6.763.040

Considerações Finais a critério do CEP:

Após minuciosa análise referente aos preceitos éticos aprovados em resoluções, normativas e cartas circulares do Conselho Nacional de Pesquisa, este CEP é favorável à aprovação do projeto intitulado "A Extensão Universitária como ferramenta dos Letramentos Críticos: um estudo de caso sobre o Observatório Urbano de São João del-Rei, para sua devida execução.

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_2139411.pdf	18/03/2024 13:33:44		Aceito
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_2139411.pdf	21/12/2023 11:39:42		Aceito
Cronograma	Cronograma_Pesquisa_TCC_Maria_Luiza de Paula Miguel assinado.pdf	21/12/2023 11:39:25	DENISE SILVA PAES LANDIM	Aceito
Cronograma	Cronograma_Pesquisa_TCC_Maria_Luiza de Paula Miguel assinado.pdf	21/12/2023 11:39:25	DENISE SILVA PAES LANDIM	Postado
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_2139411.pdf	20/12/2023 22:11:22		Aceito
Outros	Perguntas_da_pesquisa.pdf	20/12/2023 22:10:43	DENISE SILVA PAES LANDIM	Aceito
Outros	Perguntas_da_pesquisa.pdf	20/12/2023 22:10:43	DENISE SILVA PAES LANDIM	Postado
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	CEPSJ_TCLE.pdf	20/12/2023 22:10:03	DENISE SILVA PAES LANDIM	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	CEPSJ_TCLE.pdf	20/12/2023 22:10:03	DENISE SILVA PAES LANDIM	Postado
Outros	CEPSJ_Termo_Resp_Pesquisador_Colaborador assinado.pdf	20/12/2023 22:09:45	DENISE SILVA PAES LANDIM	Aceito
Outros	CEPSJ_Termo_Resp_Pesquisador_Colaborador assinado.pdf	20/12/2023 22:09:45	DENISE SILVA PAES LANDIM	Postado
Outros	CEPSJ_Termo_Resp_Pesquisador_Responsavel assinado.pdf	20/12/2023 22:09:00	DENISE SILVA PAES LANDIM	Aceito
Outros	CEPSJ_Termo_Resp_Pesquisador_Responsavel assinado.pdf	20/12/2023 22:09:00	DENISE SILVA PAES LANDIM	Postado
Outros	CEPSJ_Termo_Compromisso_utilizacao_dados_prontuarios_assinado_assinado.pdf	20/12/2023 22:08:23	DENISE SILVA PAES LANDIM	Aceito
Outros	CEPSJ_Termo_Compromisso_utilizac	20/12/2023	DENISE SILVA	Postado

Endereço: Praça Dom Helvécio, 74 - Sala 1.28 - Térreo - Campus Dom Bosco

Bairro: Fábricas

CEP: 36.307-352

UF: MG

Município: SAO JOAO DEL REI

Telefone: (32)3379-5598

E-mail: cepsj@ufsj.edu.br



Continuação do Parecer: 6.763.040

Outros	ao_dados_prontuarios_assinado_assinado.pdf	22:08:23	PAES LANDIM	Postado
Declaração de concordância	CEPSJ_Tatiane_concordancia_assinado.pdf	20/12/2023 22:07:03	DENISE SILVA PAES LANDIM	Aceito
Declaração de concordância	CEPSJ_Tatiane_concordancia_assinado.pdf	20/12/2023 22:07:03	DENISE SILVA PAES LANDIM	Postado
Declaração de Instituição e Infraestrutura	CEPSJ_Infraestrutura_Tatiane_assinado.pdf	20/12/2023 22:06:45	DENISE SILVA PAES LANDIM	Aceito
Declaração de Instituição e Infraestrutura	CEPSJ_Infraestrutura_Tatiane_assinado.pdf	20/12/2023 22:06:45	DENISE SILVA PAES LANDIM	Postado
Declaração de Instituição e Infraestrutura	CEPSJ_Infraestrutura_Marilia_assinado.pdf	20/12/2023 22:06:36	DENISE SILVA PAES LANDIM	Aceito
Declaração de Instituição e Infraestrutura	CEPSJ_Infraestrutura_Marilia_assinado.pdf	20/12/2023 22:06:36	DENISE SILVA PAES LANDIM	Postado
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	Projeto_de_Pesquisa_Detalhado.docx	20/12/2023 22:06:00	DENISE SILVA PAES LANDIM	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	Projeto_de_Pesquisa_Detalhado.docx	20/12/2023 22:06:00	DENISE SILVA PAES LANDIM	Postado
Folha de Rosto	folhaDeRosto_MariaLuiza_assinado_assinado.pdf	20/12/2023 22:05:01	DENISE SILVA PAES LANDIM	Aceito
Folha de Rosto	folhaDeRosto_MariaLuiza_assinado_assinado.pdf	20/12/2023 22:05:01	DENISE SILVA PAES LANDIM	Postado

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

SÃO JOÃO DEL REI, 14 de Abril de 2024

Assinado por:
Alessandro de Oliveira
(Coordenador(a))

Endereço: Praça Dom Helvécio, 74 - Sala 1.28 - Térreo - Campus Dom Bosco

Bairro: Fábricas

CEP: 36.307-352

UF: MG

Município: SÃO JOÃO DEL REI

Telefone: (32)3379-5598

E-mail: cepsj@ufsj.edu.br

APÊNDICES

APÊNDICE A – DECLARAÇÃO DE AUTORIZAÇÃO DE PESQUISA



COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA ENVOLVENDO SERES
HUMANOS DAS UNIDADES DE SÃO JOÃO DEL-REI (CEPSJ-UFSJ)



DECLARAÇÃO

Eu, _____ (coordenadora geral), na qualidade de responsável pelo Núcleo Multidisciplinar de Ensino Pesquisa e Extensão ‘Observatório Urbano de São João del-Rei’, autorizo a realização da pesquisa intitulada “**A Extensão Universitária como potencialidade dos Letramentos Críticos: um estudo sobre o Observatório Urbano de São João del-Rei**” a ser conduzida sob a responsabilidade das pesquisadoras **Denise Silva Paes Landim** e **Maria Luiza de Paula Miguel** e **AFIRMO** que conheço os objetivos e procedimentos da pesquisa descrita acima. Esta declaração é válida apenas no caso de haver parecer favorável do Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos das unidades educacionais da Universidade Federal de São João del-Rei – UFSJ, localizadas em São João del-Rei – CEPSJ.

São João del-Rei, ____ de _____ de 2024.

Assinatura

APÊNDICE B – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO



TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)

Prezado(a) PARTICIPANTE,

“Você está sendo convidado(a) a participar da pesquisa “A Extensão Universitária como Ferramenta dos Letramentos Críticos: um estudo de caso sobre o Observatório Urbano de São João del-Rei”, desenvolvida pela Profa. Dra. Denise Silva Paes Landim, vinculada ao Departamento de Letras, Artes e Cultura (DELAC) da Universidade Federal de São João del-Rei, portadora do RG N° 30334918-9 e do CPF 312.053.838-83, e Maria Luiza de Paula Miguel, acadêmica do Curso de Letras - Língua Inglesa e suas Literaturas da Universidade Federal de São João del-Rei, portadora do RG N° 19.225.193 e do CPF 129.612.196-80.

Sobre o objetivo geral

O objetivo desta pesquisa é investigar como a extensão universitária pode ser uma ferramenta eficaz para promover os letramentos críticos durante a formação de graduandos de diferentes áreas do conhecimento, trabalhando assim a interdisciplinaridade.

Por que o participante está sendo convidado (critério de inclusão)

Você está sendo convidado(a) por estar inserido (ou já ter sido inserido) no Núcleo Multidisciplinar de Ensino Pesquisa e Extensão Observatório Urbano de São João del-Rei.

A sua participação é voluntária, isto é, ela **não é obrigatória**, tendo você plena autonomia para decidir se quer ou não participar, bem como retirar sua participação a qualquer momento e do seu(sua) dependente. Você não será penalizado(a) de nenhuma maneira caso decida não consentir com a participação, ou desistir da mesma. Contudo, ela é muito importante para a execução da pesquisa. Serão garantidas a confidencialidade e a privacidade das informações prestadas.

Mecanismos para garantir a confidencialidade e a privacidade

Qualquer dado que possa identificá-lo(a) será omitido na divulgação dos resultados da pesquisa, e o material será armazenado em local seguro.

“A qualquer momento, durante a pesquisa, ou posteriormente, você poderá solicitar do pesquisador responsável informações sobre sua participação e/ou sobre a pesquisa, o que poderá ser feito por meio dos meios de contato explicitados abaixo neste documento.

Identificação do participante ao longo da pesquisa

No presente projeto, você será identificado(a) por meio das letras PE (significando “pesquisador(a) extensionista”) seguida de um número.

Procedimentos detalhados que serão utilizados na pesquisa

A sua participação consistirá em ser entrevistado(a), de forma individual e remota (por meio da plataforma Zoom), sobre sua atuação no Observatório Urbano de São João del-Rei, ou seja, nas



reuniões de equipe e atuação com e na comunidade, por meio de perguntas embasadas em textos teóricos sobre diferentes Letramentos.

Tempo de duração da entrevista/procedimento/experimento

A estimativa de tempo de duração da entrevista individual é de 30 minutos a 1 hora. Tal procedimento poderá ser interrompido por solicitação do(a) participante.

Guarda dos dados e material coletados na pesquisa

As entrevistas serão transcritas e armazenadas em arquivos digitais, assim como os resultados, mas somente terão acesso às mesmas o(a) pesquisador(a) responsável e assistentes.

Ao final da pesquisa, todo material será mantido em arquivo, por pelo menos 5 anos, conforme Resolução 466/12 e orientações do CEPSJ.

Explicitar benefícios diretos (individuais ou coletivos) ou indiretos aos participantes da pesquisa

Pode ajudar a melhorar as ações do Observatório Urbano, a fortalecer a extensão universitária na UFSJ, ajudar os discentes participantes a melhorarem suas percepções sobre letramentos, enriquecimento do tema da pesquisa na área, disseminação sobre ações realizadas pela comunidade onde o Observatório atua.

Previsão de riscos ou desconfortos e procedimentos para minimizá-los

Os riscos para você e/ou seu(sua) dependente será: sentir-se avaliado por suas ações no Observatório Urbano de São João del-Rei, o que não é o foco dessa pesquisa, mas sim a colaboração para maior compreensão da Extensão Universitária. A avaliação de desempenho é julgada pela coordenação Núcleo apenas.

Sobre divulgação dos resultados da pesquisa

Os resultados gerais poderão ser divulgados em palestras dirigidas ao público participante, artigos científicos e no relatório de pós-doc. Os resultados de forma individual serão repassados aos participantes e/ou seus responsáveis estando a equipe de pesquisadores à disposição para eventuais esclarecimentos.

Uso da Imagem

A gravação da entrevista será apenas de uso para fins da pesquisa, sendo assim, não será compartilhado publicamente de forma alguma. Os participantes podem solicitar a exclusão dos vídeos a qualquer momento, assim como que seja feita apenas a gravação do áudio.

Considerações finais:

Não haverá nenhum custo pela sua participação e/ou de seu(sua) dependente neste estudo. Despesas relativas à condução da pesquisa serão arcadas pela pesquisadora responsável.



Por favor, sinta-se à vontade para fazer qualquer pergunta sobre este estudo. Se outras perguntas surgirem mais tarde, poderás entrar em contato com os pesquisadores.

“Em caso de dúvida quanto à condução ética do estudo, entre em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa Envolvendo Seres Humanos da UFSJ (CEPSJ). O CEPSJ é a instância que tem por objetivo defender os interesses dos participantes da pesquisa em sua integridade e dignidade e para contribuir no desenvolvimento da pesquisa dentro de padrões éticos. Dessa forma o comitê tem o papel de avaliar e monitorar o andamento do projeto de modo que a pesquisa respeite os princípios éticos de proteção aos direitos humanos, da dignidade, da autonomia, da não maleficência, da confidencialidade e da privacidade”.

Tel. e Fax: (032) 3379-5598

e-mail: cepsj@ufs.edu.br

Endereço: Praça Dom Helvécio, 74, Bairro, Dom Bosco, São João del-Rei, Minas Gerais, cep: 36301-160, Campus Dom Bosco.

Se desejar, consulte ainda a Comissão Nacional de Ética em Pesquisa (Conep): Tel: (61) 3315-5878 / (61) 3315-5879 / e-mail: conep@saude.gov.br

Contato com a pesquisadora colaboradora e que realizará a coleta de dados: (31) 9 8442-5024

Email: maluhza1@outlook.com

Contato com a pesquisadora (orientadora) responsável: (11) 9 4774-8297

Email: deniselandim@ufs.edu.br

Declaro que entendi os objetivos e condições de minha participação na pesquisa e concordo em participar. Declaro que este documento foi elaborado em duas vias, rubricadas em todas as suas páginas e assinadas, ao seu término, pelo convidado a participar da pesquisa, ou por seu representante legal, assim como pelo pesquisador responsável, ou pela(s) pessoa(s) por ele delegada(s).

São João del-Rei, __ de _____ de 2024.

Nome Completo do Entrevistado(a)	Assinatura do Entrevistado(a)
Denise Silva Paes Landim	
Pesquisadora responsável (orientadora)	Assinatura da pesquisadora responsável (orientadora)



Maria Luiza de Paula Miguel	
Pesquisadora colaboradora, que coletará os dados	Assinatura da pesquisadora colaboradora, que coletará os dados

APÊNDICE C – ROTEIRO DE ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA

1. Introdução — conte um pouco sobre sua formação e como você chegou até aqui (academicamente, pessoalmente);
2. O que você associa à definição de letramentos?
3. Refletindo sua concepção de letramentos com sua vida acadêmica e/ou pessoal, qual o significado de letramentos para você?
4. Qual é a sua compreensão do papel de letramentos no contexto universitário (da Extensão Universitária)?
5. Quais são os principais tipos de letramentos que você identifica dentro do Observatório Urbano de São João del-Rei?
6. Como esses diferentes letramentos se manifestam nas ações do Observatório?
7. Quais habilidades ou competências são essenciais para cada tipo desses letramentos?
8. Há desafios para colocar esses diferentes letramentos em prática?
9. Como a Extensão Universitária, usada como uma ferramenta dos letramentos, pode promover e/ou aprimorar diferentes letramentos entre os extensionistas?
10. Existem diferenças significativas nos tipos de letramentos necessários em áreas específicas de estudo?
11. De que forma as atividades de extensão contribuem para o desenvolvimento de habilidades de letramento crítico?
12. Você acredita que a Extensão Universitária é um caminho para a disseminação de diferentes letramentos entre os estudantes universitários em conjunto com a comunidade que atuam?

APÊNDICE D – ENTREVISTA COM LUCY

1. Introdução — conte um pouco sobre sua formação e como você chegou até aqui (academicamente, pessoalmente);

R.: Então, eu tô no meu segundo curso, né? Eu tô na minha segunda graduação. Eu mudei para São João para começar um outro curso que foi psicologia e eu vi uma vaga de um edital aberto, e era para o Observatório, para uma vaga interdisciplinar. E como era envolvido com a assistência social, na vaga descrevia isso, e eu tinha muito interesse de trabalhar com o terceiro setor, ainda tenho, achei a vaga muito interessante, eu me inscrevi e eu tinha um professor da psicologia que já tinha falado também do

Observatório. E eu fiquei muito interessada. Ele falou tanto do Observatório de Saúde Coletiva quanto do Urbano. Então eu fiquei com a professora que era responsável da área da administração, num projeto que tinha geografia e arquitetura como plano de fundo, sendo da psicologia.

2. O que você associa à definição de Letramentos? construção

R.: Então, letramentos, eu aprendi essa definição no Observatório, assim, porque eu nunca tinha ouvido falar. Eu acredito que ela seja interessante, assim, porque ao meu ver, pelo que eu entendi, talvez não seja nada disso, mas eu acredito que seja uma construção, sabe? Uma construção que não é, quando a gente pensa, a pessoa é letrada, ela é letrada em alguma coisa, ela recebeu aquela instrução. E o letramento que eu descobri no Observatório, o relatório, ele é construído, ele não é uma coisa fornecida. Então eu achei muito interessante assim.

3. Refletindo sua concepção de Letramentos com sua vida acadêmica e/ou pessoal, qual o significado de Letramentos para você? construção coletiva

R.: Para mim, seria essa construção coletiva mesmo, de que você mergulha em um determinado contexto e ao invés de querer impor os seus próprios pensamentos, as suas próprias condutas, o seu academicismo naquilo, você acaba aprendendo também, constrói, pode traduzir aquilo para termos acadêmicos determinados, mas é uma construção mesmo com o coletivo.

4. Qual é a sua compreensão do papel de Letramentos no contexto universitário (da extensão universitária)?

R.: Olha, eu acho que eu não saberia te responder essa pergunta, porque eu já fiz outros projetos de extensão e eu não era da mesma forma, sabe? Não tinha a mesma pegada que a gente via no observatório. Era, por mais que seja extensão, era sempre a gente levando alguma coisa e não construindo alguma coisa. Então eu não sei te responder.

5. Quais são os principais tipos de Letramentos que você identifica dentro do Observatório Urbano de São João del-Rei? Letramento de gênero

R.: Eu fico pensando assim, que eu participei de muitas reuniões que envolviam as mulheres no Senhor dos Montes, sabe? E assim, mesmo elas não sendo letradas, estudadas, tendo um diploma, elas reconhecem o papel delas de importância dentro

daquele contexto, então assim, elas são letradas no cuidado, elas reconhecem isso, elas sabem que exerce um papel fundamental na sociedade a tanto que elas se movimentam, né? O Senhor Dos Montes seria muito pautado nisso pelas mulheres, apesar de elas “saberem pouco” elas são de suma importância e elas reconhecem isso, elas gostam do espaço delas e elas procuram sempre criar mecanismos de sobreviverem, de cuidarem dos seus, sejam parentes, amigos, família e etc. E permanecer naquele lugar, de uma maneira que seja agradável, que seja honesta, que seja socialmente aceitável para elas e para o coletivo, sabe? Então, assim, não vejo elas falando, ah, eu quero, sei lá, fazer um curso, empreender, ficar gigante e sair do São dos Montes, não, tá? Elas querem empreender, ficarem gigantes e continuarem naquele lugar e transformar, sabe? Esse senso de transformação que elas têm, transformar o local dela para ser melhor para outras pessoas. Sim... isso é incrível, eu identifico isso e o que você falou, como letramento de gênero, no fim.

6. Como esses diferentes Letramentos se manifestam nas ações do OBS?

R.: A gente faz muita leitura sobre isso, né? Mas nas nossas ações, esses letramentos aparecem implicitamente ou explicitamente? É, eu acho que os dois, acho que a gente tem aprendido também que a gente fala tanto sobre decolonialidade e, às vezes, a gente traz tanta coisa que é colonial e, na prática, é muito... eles ensinam a gente a sair um pouco dessas referências teróricas, né? Eu acho que, às vezes, a gente peca um pouco. Eu acho que ainda tem muita coisa que a gente peca um pouco, às vezes até com a linguagem. Isso foi uma questão que apareceu, sabe? A Natália chegou a reclamar que as linguagens utilizadas estavam um pouco acima do que deveria ser exposto lá no SdM. Eu achei interessante assim, porque às vezes é uma coisa que a gente se policia tanto e que no fundo não é isso, sabe? Não é perfeito, né, a gente vai aprendendo. É, mas assim, eu acho que existe um movimento muito grande de aprender também. E não só levar esse conhecimento, então é uma troca... Eu acredito que seja uma troca bem genuína, sabe? Assim, é lógico que não dá para levar as coisas só, ó. Aprendendo empiricamente. Tem que ter um respaldo científico pra isso também.

7. Quais habilidades ou competências são essenciais para cada tipo desses Letramentos? Escutar

R.: Eu acho que a principal habilidade que uma pessoa deve ter, eu acho que é escutar, sabe, antes de sair falando, antes de querer, assim, falar com eles, você deve escutar.

Porque eu acho a escuta muito fundamental, a gente aprende muita coisa e a partir do momento que você sabe escutar, você consegue também depois pensar um pouco melhor sobre o que você deve falar. E se deve falar, sabe? Então, acho que a principal questão a ser trabalhada é escutar. Eu sou muito afoita, às vezes, eu fico muito empolgada e quero falar muito. Então, tem que dar uma acalmada às vezes, sabe? É... Enfim, escutar, ter muito cuidado com as coisas que você fala, porque todo mundo que tá envolvido com isso, né, no observatório, por exemplo, ninguém ali é criança mais, então a gente tem que ter responsabilidade com nossas palavras. Sim. Então, assim, não só escutar, mas ter noção também com o que fala.

8. Há desafios para colocar esses diferentes Letramentos em prática?

R.: Particularmente, assim, pra mim, não era um desafio pensar no que vou falar. Eu acho que existem alguns desafios sim, eu acho que cada um de nós temos que nos policiarmos um pouco sobre os nossos pensamentos, porque às vezes a gente julga até o outro, sabe? Até o outro que não combina, tem uma incompatibilidade de ideias, assim, às vezes não rola nem o esforço de tentar entender por que aquela ideia está sendo tão incompatível, por mais que seja difícil. Porque é tudo sobre falar, sobre ouvir, sobre tomar cuidado com o próximo, né? E é difícil assim, a gente acha que não é difícil, mas na prática, por isso tem que esperar, ouvir, respirar, pensar e falar, então realmente é um desafio.

9. Como a extensão universitária, usada como uma ferramenta dos Letramentos, pode promover e/ou aprimorar diferentes Letramentos entre os extensionistas?

Oportunidade

R.: Eu acho que a extensão é uma oportunidade, uma oportunidade de você aprender muito mais o que você praticar, saber, ter as suas ações concretas. A gente lê muito durante a graduação, a gente escuta muita coisa, a gente assiste muita coisa, a gente vê muitas aulas positivas, mas eu acho que o contato com a realidade, fora do âmbito acadêmico, ele é muito importante. Porque não falo nem do observatório, sabe? No outro projeto também de extensão que eu participei, a gente via muito isso, às vezes você tinha muitas respostas e não era aquilo que a pessoa estava procurando, não era aquilo que ela estava precisando, e a gente tinha guardado as nossas respostas como opiniões, sabe? O que você faria, não é o que a outra pessoa faria, não é o que ela está procurando, não é o que ela está precisando. No âmbito do observatório eu vejo que às

vezes a gente quer... Eu me perdi na pergunta, mas enfim, eu acho que no âmbito de observatório às vezes a gente quer regularizar muita coisa, pensando que não é a agenda dele, sabe? Não é essa regularização, não é a documentação. É outra coisa assim, eles querem mais uma questão prática de sobrevivência, de subsistência de... Sim. Cuidado daquele local, sabe? Não é um documento formal que vai fazer com que aquilo mude, sabe?

10. Existem diferenças significativas nos tipos de Letramentos necessários em áreas específicas de estudo (relacionar com o devido curso do entrevistado)?

Nota da entrevistadora: questão respondida em outras perguntas.

11. De que forma as atividades de extensão contribuem para o desenvolvimento de habilidades de Letramento Crítico?

Nota da entrevistadora: questão respondida em outras perguntas.

12. Você acredita que a Extensão Universitária é um caminho para a disseminação de diferentes Letramentos entre os estudantes universitários em conjunto com a comunidade que atuam? Valorização

R.: A extensão, eu acho que ela é de suma importância. Eu não sei o que vai acontecer com esse currículo novo, que as pessoas terão que todas fazerem extensão. Eu acredito que pode ser um ponto positivo. Porém, ela é diferente de um estágio. Ela vem como essa troca mesmo. Então, isso é muito importante para todos os tipos de letramentos que a gente observa dentro da universidade. Porque a gente cada um vem com suas próprias convicções, aprendizados suas próprias bagagens. A extensão serve para isso, para que você ou confirme ou desconfirme as suas hipóteses sobre as suas perspectivas. Às vezes você tem muita noção de que está certo em determinado ponto e com essa troca que acontece você percebe que não está.

APÊNDICE E – ENTREVISTA COM RAQUEL

1. Introdução — conte um pouco sobre sua formação e como você chegou até aqui (academicamente, pessoalmente);

R.: Desde bem novinha eu queria arquitetura. E aí eu queria uma coisa voltada para História, que eu gostava muito, para Artes, que eu gostava também, até que eu já pensei

em fazer curso de História. Aí eu vi que o curso (Arquitetura) juntava tudo isso.. Eu também sempre quis entrar numa universidade, sempre quis ter essa vivência e eu queria ter também a vivência de essa parte de conviver com a comunidade, de você passar esse conhecimento que você tem, porque você está se formando com dinheiro público, então nada mais certo do que você retribuir isso para a sociedade de alguma maneira. E eu acho que pesquisa de extensão, eu sempre fiquei de olho e tudo mais nas pesquisas, e aí eu vi que abriu vaga no Observatório Urbano. Lógico que também tinha a bolsa, que ajudava bastante, mas eu gostei bastante da proposta do Observatório e tudo mais, porque da arquitetura, no começo, você acha que a é uma coisa. E depois você vê toda a parte social do urbano, da arquitetura, que é muito diferente. E aí eu fui de mente aberta para o observatório e tudo mais, mas foi com esse querer de ter contato com as pessoas, conversar com as pessoas do local também, porque São João era uma cidade que eu não conhecia. Então, acho que foi bem interessante. E foi por isso que eu caí no observatório.

Nota da entrevistadora: Sim, muito bom, porque geralmente a arquitetura é vista de forma muito elitizada. Você ter essa preocupação, o pessoal que passa pelo observatório ter essa preocupação, é muito interessante, o que quebra esse paradigma.

Lucy: E a arquitetura colocou ela nesse patamar mesmo, porque a arquitetura não era para ser assim. É muito bizarro. A sociedade mesmo, os próprios arquitetos, eles colocam as coisas deles como coisas perfeitas e tudo mais. Sendo que a arquitetura não é só você ser bonita, é ser funcional e usar material que é mais barato e tudo mais. Então é legal para as pessoas também descobrirem isso, a população e tudo mais.

2. O que você associa à definição de Letramentos?

R.: Nossa, o que eu associo? Quando eu estava no observatório urbano mesmo, era a gente ajudar as pessoas. Cada tem sua vivência, que tem o que o Paulo Freire fala, que é muito ligado ao observatório, tudo mais, e é reconhecer essa vivência das pessoas e fazer elas mesmas reconhecerem onde elas estão, que lugar que elas ocupam na sociedade, tudo mais, o que elas fazem, e que elas possam ver, detectar os problemas que têm no bairro, os problemas que têm na sociedade, consigam por elas mesmas lutar contra isso. E a gente notou que a gente vai com pensamento super acadêmico lá para o lugar e a gente vê que as pessoas já fazem isso por elas mesmas. Lá no senhor dos

montes, tem muitas pessoas que são liderança e com as entrevistas que eu fiz (ela fez uma IC em 2023 sobre arquitetura no bairro), deu para perceber que eles têm muito desse senso, eles sabem o que está acontecendo ao redor deles, eles sabem tudo. Mas essa questão de reconhecimento, de pertencimento do seu lugar.

3. Refletindo sua concepção de Letramentos com sua vida acadêmica e/ou pessoal, qual o significado de Letramentos para você?

R.: Nossa, essa pergunta é difícil. Eu acho que a gente sempre fica ligado com essa parte teórica mesmo, porque é o que a gente está aprendendo no lugar, então a gente reconhece com isso. Mas eu acredito que uma das coisas é que quando você está lá aprendendo a teoria, aparece, foi falado várias vezes no observatório, tudo mais, que é para tirar essa parte, romper esse negócio do acadêmico e da população, fazer trabalho em conjunto, mas mesmo assim, quando você está lá, sozinha, com monte de pessoa que não é da população, você não tem esse reconhecimento. Mas a partir do momento que você está lá, que você vê, você fala que as pessoas sabem das coisas. Acho que foi essa parte que rompeu esse pensamento em mim, porque geralmente quando a gente começa, a gente acha que a gente vai levar lá, vai fazer coisas que vai ensinar e tudo mais, mas as pessoas já têm isso daí. Elas só precisam de uma ajuda de organização, elas precisam para ajudar elas a se organizarem, mas não de mostrar esse pensamento para ela, sabe?

4. Qual é a sua compreensão do papel de Letramentos no contexto universitário (da extensão universitária)?

R.: Sabe? Está, do letramento. Eu acho que... Eu estou pegando a vivência que eu tive, que foi conversar com as minhas mulheres e tudo mais. Eu adorei fazer isso daí, esse trabalho, porque eu tive contato com essas pessoas, eu vi o que elas estavam passando, falando o que elas sabiam, o que elas estavam, o que elas se organizavam, como que elas se organizavam. E eu acho que isso daí ajudou muito. Tanto essa questão de montar, entrevistar, que foi uma coisa que eu achei que eu não sei, quanto entender essa parte mais social, porque no curso a gente não vê tanto isso, a gente vê mais nos projetos de extensão.

5. Quais são os principais tipos de Letramentos que você identifica dentro do Observatório Urbano de São João del-Rei?

R.: Dentro do observatório, eu lembro muito de vocês falando da trans que vocês falaram, conversaram. Eu trabalhei com ela lá no senhor dos montes. Acho que isso daí também foi colocar ela, ouvir ela, foi muito legal. Vocês falaram mesmo que ela tinha total consciência de tudo, de gênero, muito, é assim, muito, que eu trabalhei com as mulheres, deu para perceber que às vezes você acha uma coisa, quando você vai lá, você vê uma coisa completamente diferente, porque o senhor dos montes é construído por mulheres. Elas tomavam à frente de muitas coisas sociais, o senhor dos Montes era muito... Ele precisava de muita ajuda, de falta de comida, de cesta, fazer o sopão, e quem fazia isso eram as mulheres, tanto com... Mais ligadas à religião, assim, mas elas que tomavam à frente. Também a questão de gênero, acho que classe.

6. Como esses diferentes Letramentos se manifestam nas ações do OBS?

R.: A gente fazia muitos programas com a comunidade. Então, a gente ajudava na organização da Fermontes (feira cultural). Então vimos ali que as artesãs eram maioria mulheres, tem a Natália que tem a horta. A gente via que as mulheres levavam muitas crianças, então a gente fazia atividades voltadas pra elas. Aí a gente usava desse momento também para levantar dados, então a gente levava mapas e pedíamos para as pessoas marcarem lugares que elas gostavam, que achavam perigoso, o porquê. E aí as pessoas iam lá, interagiam. Até nas entrevistas (IC dela), as rodas de conversas eram super legais porque, era super legal porque não são coisas que você para pra pensar, mas quando você para pra perguntar, você vê que tem um padrão e tudo mais, então acho que foi mais nessa parte que se manifestou.

7. Quais habilidades ou competências são essenciais para cada tipo desses Letramentos?

R.: Ah, com certeza. Acho que a questão da empatia, de você não ser egoísta, de você querer ouvir o outro, de você não querer falar nada em cima da pessoa, deixar a pessoa falar por ela mesma. Então, acho que principalmente empatia, se colocar no lugar, ser aberto pra ouvir, pra entender e compreender.

8. Há desafios para colocar esses diferentes Letramentos em prática?

R.: Sim, porque a gente nasce e cresce em um ambiente, aí você vai pra outro e leva as coisas que a gente carrega. Então, dependendo do lugar, cê tem que tem uma mente

aberta, a empatia as vezes é muito difícil nesse contexto porque você acha que sabe mais que a outra pessoa e na verdade não é assim.

9. Como a extensão universitária, usada como uma ferramenta dos Letramentos, pode promover e/ou aprimorar diferentes Letramentos entre os extensionistas?

R.: Acredito que a extensão é muito importante. Todo mundo deveria fazer uma extensão antes de você formar. Porque o contato que você tem com as pessoas é diferente na universidade e na “vida real”, então você vai estar colocando em prática aquela teoria acadêmica. Até a ajudar a entender melhor as coisas porque você vai tá vivenciando aquilo de fato. E são pessoas diferentes, que vieram de lugares diferentes, então a extensão serve para você sair da sua bolha e ver que o mundo está fora dela (da sua bolha).

10. Existem diferenças significativas nos tipos de Letramentos necessários em áreas específicas de estudo (relacionar com o devido curso do entrevistado)?

Nota da autora: pergunta respondida em questões anteriores.

11. De que forma as atividades de extensão contribuem para o desenvolvimento de habilidades de Letramento Crítico?

R.: Sair da bolha, como eu disse anteriormente. Porque às vezes você vive muito ali, nunca saiu das casa dos pais, vive muito na universidade, e não olha ao redor. Não vivenciou o mundo de verdade. Então a extensão é muito boa para seu próprio letramento, para você entender seu lugar. O lugar que você ocupa.

12. Você acredita que a Extensão Universitária é um caminho para a disseminação de diferentes Letramentos entre os estudantes universitários em conjunto com a comunidade que atuam?

Nota da autora: considerei que esta pergunta nº 12 foi respondida na pergunta 9 e 11. A entrevistada concordou e não quis adicionar mais nada.

APÊNDICE F – ENTREVISTA COM LÉLIA

1. Introdução — conte um pouco sobre sua formação e como você chegou até aqui;

R.: Eu entrei na geografia em 2014, não querendo geografia, querendo trabalhar com outras coisas como história, com cultura, mas enfim, geografia. E a minha formação acadêmica foi grande parte voltada para as questões urbanas. E no final da graduação eu

tive contato com uma professora, no caso a Tati, que puxava mais para discussão, uma discussão mais crítica, mais pensando também na população de São João del-Rei. Nesse sentido, eu migrei mais para esse, para essa área. Me formei e comecei o mestrado em 2018. Desde 2019. Continuando nessa perspectiva do pensamento crítico da geografia crítica urbana crítica. E somado a isso, eu fui trazendo um pouco das coisas que eu gostava de ler, que eu gostava, que eu tinha interesse, né, que é a questão racial, a questão de gênero. E aí eu eu acabei afunilando mais assim no tema de geografia e mulheres negras. Fiz o tanto TCC como mestrado discutindo a geografia urbana e a condição das mulheres negras nas cidades. E a partir disso eu fui convidada pelas professoras coordenadoras do Observatório Urbano a compor o Observatório, ainda no seu seu início de formação. Primeiro como mestranda. Como pesquisadora, né? E depois tive a oportunidade de ser bolsista pela pelo CNPq, como bolsista de apoio técnico à pesquisa.

2. O que você associa à definição de Letramentos?

R.: Olha, letramentos para mim é... Assim, eu não vou nem falar direitinho não, porque realmente é uma coisa que tá muito, muito atrapalhado na minha cabeça ainda. Mas é como se fosse se tivesse um papel mesmo de auxiliar ou ajudar as pessoas a lerem a realidade em que elas estão inseridas. Assim. E aí, nas suas múltiplas dimensões, né? Quando eu falo letramento, já vem na minha cabeça o letramento racial, por exemplo. Então, tipo, o que que a gente vai aprender junto? O que é que é? Como que é a questão? Como que é o racismo? Como o racismo opera? O que que que nós somos? O que nós somos, né? E aí? Isso eu levo para outros tipos de letramento. A palavra letramento no geral, cabe a você. Eu não gosto de usar essa palavra, mas é como você ensinar a pessoa a se ler mais ou menos. É isso na cabeça, sabe? E eu entendo assim que não a gente não vai ensinar ninguém, mas talvez colaborar com a pessoa. Para uma comunidade, um conjunto de pessoas ou até nós mesmos, né? A gente. Construa uma outra leitura assim, da realidade que a gente está.

3. Refletindo sua concepção de Letramentos com sua vida acadêmica e/ou pessoal, qual o significado de Letramentos para você?

R.: Academicamente mesmo, eu não sei ainda definir letramento, não. Mas para mim, no meu interior, era isso que eu falei, um pouco assim, de ensinar a ensinar as pessoas. A ver a realidade, a se ler, a ler a vida, não sei. É como se eu fico imaginando na cabeça

assim. Igual, quando você é professora de ensino básico, você pega a mão da criança. Vamos fazer a letra A. Vamos fazer letras. E aí voltando para isso, é como se a gente pegasse na mãozinha da pessoa e falar vamos aprender a ler sobre. No caso, sobre o urbano, sobre a cidade. Tipo vamos sentar aqui, vamos olhar na paisagem assim vamos. Que que você sabe daqui? Sabe esse papel meio professoral assim? Para mim, um pouco. Isso sim.

4. Qual é a sua compreensão do papel de Letramentos no contexto universitário (e da extensão universitária)?

R.: Eu acho que é o momento. O momento, na verdade, onde os alunos da universidade têm a oportunidade de colocar em prática tudo que tudo que lê, em tudo, as coisas que a gente fica refletindo. Mais do que isso. Ter a experiência de ter esse contato externo. Que é que falta? Às vezes eu sinto que falta na universidade e, até porque, acho que a universidade a gente tem, os cursos que tem mais, as práticas, enfim, que as pessoas vão mais para fora da universidade. E tem os outros cursos que a gente fica muito ali na teoria, né? Então, esse momento do letramento assim, acho que é interessante até para a gente. E se formar enquanto pesquisadores, também pesquisadoras. Contar com discentes é meio que colaborar de alguma forma, devolver alguma coisa para a comunidade. Só acho que tem que ter um pouco de cuidado com esse letramento, sabe assim. Eu falei assim a palavra que vem na minha cabeça é ensinar. Mas assim a gente tem que talvez ter muito bem definido o que que é mesmo para gente não querer ficar levando a palavra aos quatro cantos.

5. Quais são os principais tipos de Letramentos que você identifica dentro do Observatório Urbano de São João del-Rei? Letramento de classe

R.: Eu acho assim que definido, definido mesmo, a gente não tem um conceito, né? Mas eu acho que letramento urbano. Talvez ainda não seja de fato um letramento urbano, mas é uma tentativa de um letramento urbano mesmo. É um letramento racial. Ainda na sua fase muito embrionária, talvez muito, muito, o átomo ainda ali. Mas acho que o principal talvez seria um letramento de classe. Sabe, eu acho que o Observatório tem muito essa pegada assim, e talvez até pela característica de quem fundou ele, que tem mais essa leitura. E aí tenta passar esse letramento de classe. Mas e aí? Vai se somando. Eu acho, talvez, que se o Observatório não fosse tão multidisciplinar ele não seria o que é hoje. Assim, por exemplo, com o letramento racial, mesmo que embrionário. Um

letramento de pilar de gênero e, enfim, o próprio letramento urbano. Porque eu acredito que o letramento urbano seja a junção disso tudo também, todos os letramentos possíveis. Mas eu acho que ali talvez seja esse de classe mesmo.

6. Como esses diferentes Letramentos se manifestam nas ações do OBS?

R.: Ah, eu vou te falar assim, por exemplo, a questão do letramento racial. Quando a gente tá na comunidade, lá no território mesmo. Pelo menos eu não sei, né? Não sei o restante da galera e sempre que tiver alguma oportunidade assim, a gente pelo menos tenta. Tenta puxar para esse lado assim. Olha, tenha uma questão aqui que é a segurança, sei lá. E aí entra algum outro tipo de letramento. Mas e aí? Entra o letramento social, de talvez refletir e refletir junto com eles a segurança de quem sabe que a polícia vai entrar lá. Mas a polícia vai ser boa para quem tá lá? E acho que quando você tem esses vários letramentos, você recorta para as várias realidades assim, porque, por exemplo, vai ter um tipo de letramento musical. Talvez com o Eduardo ajudaria no letramento de alguma coisa que poderia usar a música. E aí são vários tipos de realidade. Isso dá para criança, para idoso e eu acho que, por exemplo, quando eu falo a questão do letramento de classe. Quando a gente vai pensar no letramento, nas ações do Observatório e ajudá los a compreender sobre essas essas dimensões da vida, do cotidiano. Sabe, às vezes, dentro de uma de uma ação simples de delimitação de um território a partir das pessoas, é tentar puxar outras coisas. Porque a partir do que a gente vai puxando, vai aparecendo outras e a gente vai se formando enquanto pesquisadoras, enquanto a gente vai descobrindo que quanto mais se mexe na caixa, mais marimbondo sai. Acho que é um pouco isso, sim.

7. Quais habilidades ou competências são essenciais para cada tipo desses Letramentos?

R.: Mas nossa! Que pergunta difícil. Eu acho que uma das habilidades que eu sinto falta, inclusive dentro da academia, que é saber ser. Basta se colocar na frente do público externo. É justamente porque a gente tem essa deficiência, né? Dessa distância entre discente dentro de universidade e comunidade externa. Então eu acho que quando a gente pega, por exemplo, quando tem um bolsista no observatório, que tem essa malemolência, essa coisa, né, do chegar e não ficar acanhado, mas ao mesmo tempo ter respeito

Comentário da entrevistadora: A Winnie era assim.

Lélia: Muito, muito isso. E ao mesmo tempo saber que ali não é o lugar dela, né? Não tentar ser uma coisa que não é. Acho que é uma grande habilidade assim. Uma grande questão, por exemplo, que eu sinto falta. Eu tenho dificuldade de fazer isso. E é também de interpretação. Talvez porque a gente vai ler muita coisa, né? Quando a gente é bolsista, extensionista, enfim, discente, a gente lê, lê, lê, lê. E aí essa capacidade de adaptar as realidades às diferentes realidades. Porque quando a gente pega um território, um território não é ele, não é homogêneo, ele é heterogêneo. Então, se adaptar não só aquele território, mas adaptar o que você reflete, o que você lê. As várias diferenças que tem naquele território também. E acho que também, talvez, uma habilidade de ter até um pouco de liderança assim. De chamar pro *front*. Pensando ainda em todos esses letramentos que eu falei, né? Todos eles. Se convida para uma disputa, sabe? Convida para um confronto. Então, eu acho que também existe ali, talvez uma necessidade de uma habilidade, de chamar mesmo as pessoas de articular, sabe? De ser organizador de muita coisa De instigar as outras pessoas a se colocarem no frente.

8. Há desafios para colocar esses diferentes Letramentos em prática?

R.: A gente tem que saber também até que ponto ir para, não queimar essa relação, essa aproximação. Igual eu falei, eu entendo que pelo menos letramento não é você levar a palavra de Deus lá, salvação e tal, né? Mas é você e de alguma forma, não nesse sentido, mas pegar na mãozinha e falar vamos ler sobre. Não falando que eles não tem essa leitura, mas é mesmo. Acho que só falta organizar mesmo, sabe? E é igual a criança sabe o que é o A, sabe o que é. B. Mas ela sabe juntar o B e vai falar Bá. Tipo, sabe? Lógico que as pessoas sabem que tem problema com lixo. Mulheres estão sendo espancadas, racismo e tal. Mas como que a gente vai organizar isso tudo? E aí a gente tem que também ter o cuidado. Talvez assim de até onde que vai assim que tem aquela coisa assim da minha família fala mal, eu falo mal. Você não fala não. Então né, até que ponto a gente expõe os problemas do território ali, né? Do recorte espacial? Eh? Acho que tem que ter isso. Tem que ter muito cuidado mesmo.

9. Como a extensão universitária pode promover e aprimorar diferentes Letramentos entre os extensionistas?

R.: Acho que a universidade é muito repartida em cursos, em especialidades. Eu vejo que um diferencial do Observatório é isso, poder reunir e vários cursos e talvez dentro a extensão da universidade, talvez ela pudesse ter momentos assim, de reunir essas

peessoas, esses discentes. No curso de matemática, o que a gente entenderia como letramento num curso de. O curso de química que a gente entenderia que seria um letramento, talvez. Acho que conversar mesmo. Acho que quanto mais a gente vai afunilando numa coisa só, menos a gente vai perdendo muito. Talvez nos cursos mesmo de licenciatura, dividir entre ter algum momento assim e dividir o que é letramento para cada curso. Quais são as interpretações de letramento que a gente tem? É o tirar da sala de aula, apesar de a sala de aula ser uma coisa importante. É tirar da sala de aula, até fisicamente mesmo, quebrando limites, quebrando barreiras entre as pessoas. Para ir compreendendo.

Eu acho que o letramento, talvez ele não seria tão bem compreendido, pensado se não fosse na extensão. Bom, acho que a pesquisa também, mas eu acho que acho que já faz parte do letramento essa práxis, sabe, essa ação-reflexão. Acho que é até o caráter político mesmo da extensão. Assim, ela não é nada neutra, né? Mas acho que a extensão tem esse apelo assim de de vão dar um retorno da população, vão. E aí um retorno realmente, porque a pesquisa é pesquisa. Se a pessoa quiser voltar lá e mostrar os resultados, ela volta, se ela não quiser, ela não volta. E na verdade, 80% das pesquisas da universidade na verdade acontece isso, né? Não tem o retorno. A extensão, não, a extensão é a longo prazo, apesar de da bolsa ser um curto prazo, a extensão ela tende a continuar a longo prazo, justamente porque vão ser formados só pesquisadores e sei lá, profissionais e tudo mais, mas vão ser formados pessoas justamente por conta dessa troca. Então eu acho que tanto o letramento como extensão se une muito nesse sentido, assim mesmo de ser práticas revolucionárias que vão contra todos, não vão contra os padrões que se espera da universidade que tem esse apelo pela pesquisa. Essa distância do pesquisador e da pesquisadora pelo objeto. Então acho que acho que é uma boa ferramenta assim na extensão.

Comentário da entrevistadora: As minhas últimas duas perguntas seriam de que forma você acha que as atividades de extensão contribuem para o desenvolvimento das habilidades de letramento? E também seria se você acha que a extensão é um caminho para disseminar esses letramentos. Mas eu acho que você já respondeu tudo nessa pergunta. Foi muito bem. E é bom quando junta assim, porque a gente percebe a continuidade, né? E eu gostaria de perguntar se você quer adicionar algo para essas duas últimas.

Lélia: Eu acho que é um pouco disso que eu falei no final mesmo, que a extensão é o patinho feio da universidade. Sim, justamente porque é um momento em que coloca os discentes no cara a cara com a realidade. Assim a gente sai daquele mundo perfeito da pesquisa, sai do mundo quase perfeito do ensino e cai ali na extensão. Ainda mais a gente dos cursos de humanas, que não sei a Letras, mas igual na geografia, a gente tem poucas oportunidades de ir para fora, né? Para fora da sala de aula, para fora da pesquisa. Então é o momento, assim que a gente vê a realidade, que a gente se choca muitas vezes também com essa realidade e que a gente acha que a gente sabe muita coisa, e a gente não tá sabendo nada. E eu acho que aí o letramento não só realmente, não só para quem está externo, mas ele também é para a gente, para nós, né? Discentes e docentes. Porque eu tenho percebido nas ações do Observatório que e isso eu vou me formando tanto enquanto pessoa como enquanto geógrafa. À medida que eu vou tendo contato mais com as pessoas, à medida que eu penso no letramento. E aí eu penso, por exemplo, no ensinar, mas não é ensinar. Vamos pensar o que que é direito? Mas também não pensando que sempre vai ser uma coisa construída coletivamente. Nem sempre vai ser. A gente tem que assumir, mesmo que de vez em quando vai ser realmente um letramento que é de cima para baixo um pouco, né? Nem sempre vai ser horizontal. Sabe um momento que, tipo assim, o Observatório chega aqui e ele propõe alguma coisa. Não foi construído junto e tudo bem também, né? Assim a gente só tem que saber o limite. Então acho que é isso. Assim, o que eu compreendo como potência do letramento, assim como ferramentas de uma coisa de construção de dois lados, é uma construção realmente política, sabe? Constituído da subjetividade da nossa subjetividade. Poderia ser, por exemplo, uma outra pessoa com outras crenças, que poderia chegar lá e falar olha, vamos aprender o que que é o B, o B e o ah, vamos juntar tudo, vamos aprender a ler. Tá, mas você vai ler a Bíblia agora? Então vamos aprender e nós vamos ler a Bíblia, sabe? Tipo, ou então a outra pessoa que diz agora nós vamos ler O Capital do Marx. Então assim, falar também vai ser um letramento também carregado de sentido também de quem está propondo a metodologia. E então acho que também é um lugar de disputa ali dentro da extensão. Quanto mais a gente consegue chegar mais próximo das pessoas e é aí de que forma. Não neutra, né?

10. Existem diferenças significativas nos tipos de Letramentos necessários em áreas específicas de estudo (relacionar com o devido curso do entrevistado)?

11. De que forma as atividades de extensão contribuem para o desenvolvimento de habilidades de Letramento Crítico?
12. Você acredita que a Extensão Universitária é um caminho para a disseminação de diferentes Letramentos entre os estudantes universitários em conjunto com a comunidade que atuam?

Perguntas 11 e 12 respondidas dentro da 9 e anteriores.

APÊNDICE G – ENTREVISTA COM ROBERTO

1. O que você associa à definição de Letramentos? Por meios de outros Letramentos que você chegou no letramento Urbano?

R: Acho que, para mim, o letramento, ele, da mesma forma assim, a gente tem a alfabetização, né, que vai te ensinar a ter esse domínio, né, de símbolos e letras organizar isso para a gente poder se comunicar. O letramento, ele ultrapassa essa barreira da escrita, né, ele atinge mais a área do empirismo, do saber empírico, das experiências e da identidade que a pessoa tem dependendo do letramento, né, igual na pesquisa do letramento urbano, a gente tentou fazer um levantamento do que poderia ser um conceito de letramento urbano, né. E é isso, como que as pessoas vão se enxergar ali no espaço e como que esse espaço também construiu elas, as letrou para que elas tivessem aquela visão de mundo naquele lugar. E aí, para mim, acho que é isso, né, o letramento, ele engloba uma série de culturas, uma série de ações, uma série de às vezes até regras, né, para poder englobar numa determinada coisa assim.

E aí esse, né, é um debate muito infinito para mim a coisa do letramento, porque se a gente for pensar letramentos, né, a gente vai pensando que que não consegue fragmentar muito. Outro dia eu estava pensando sobre o letramento musical. O que que poderia ser um letramento musical, né? É outra viagem, né? Você pensa sempre remete a esse lugar, né? Que vai te transportar para um nível específico. Igual, se é um letramento musical, o que que poderia ser isso, né? Para músicos, para não músicos e como que músicos veem essa linguagem, né? Às vezes dentro do departamento de músicos eu vejo a maneira com que as pessoas conversam com termos muito específicos, linguajares específicos.

É uma cultura diferente, assim, né? E aí para mim o letramento ele está dentro desse entendimento de estar ali no espaço por causa dessa constituição desse espaço,

né? Desse grupo, assim, você entende mesmo às vezes se olhando ali e achando que é uma coisa sem sentido, você entende. Uma coisa que às vezes é uma pessoa que não tem, aspas, desse letramento ou não teria, né? Talvez ela não consiga se emergir, assim, nesse universo.

2. Refletindo sua concepção de Letramentos com sua vida acadêmica e/ou pessoal, qual o significado de Letramentos para você?

R.: Tipo, tem uma afetividade nisso, sabe? Subjetivamente falando. Eu acho que, assim, defino o letramento, o que é letramento em uma palavra. Eu acho que ele é... Eu acho que é uma identidade, DNA, assim, uma coisa meio assim. É o que traz, é o que clama a cultura desse determinado letramento, o que é muito, né? É, várias formas de enxergar o letramento, assim, né? E como que ele está rodeado da gente, né? E é tudo super muito abstrato. São coisas que a gente recebe no plano da abstração, assim. E que, às vezes, a gente está de olhos fechados para isso, né? E eu acho que o letramento, ele está nesse despertar do olhar. Não só o olhar pelo olhar, mas o olhar crítico. E aí que vai transpassar para essas coisas, né, da cultura. Refletir e ver a cultura de determinado lugar, espaço, eu não sei.

3. Qual é a sua compreensão do papel de Letramentos no contexto universitário (e da extensão universitária)?

R.: Eu acho que não é só despertar, mas eu acho que é despertar para abraçar, eu acho que o letramento tem essa coisa de quanto mais abraçado ele é, quanto mais pessoas letradas ele entendendo esse momento de comunhão ali, que é a troca, ele até fala desse lado metodológico, do metodológico freiriano, da dialogicidade para a gente poder estabelecer relações, estabelecer contatos, estabelecer sentimentos. São coisas que no nosso plano da vida comum, a gente acaba fechando os olhos, a gente sempre quer... A gente sempre está focado nas demandas cotidianas, do dia a dia, as coisas que a gente precisa fazer. E aí eu acho que o letramento é isso, despertar e despertar para abraçar mesmo, porque ele vai despertando as pessoas e as pessoas que vão se despertando, vão despertando, vão despertando. Para mim, o letramento é isso.

Perfeito seria se a gente tivesse um letramento planetário, alguma coisa, alguma forma de a gente ter uma linguagem, uma comunicação que fosse de comunhão mesmo, de entendimento com o outro, mas aí também é muita coisa, porque é muita cultura.

4. Quais são os principais tipos de Letramentos que você identifica dentro do Observatório Urbano de São João del-Rei?

R.: Os letramentos críticos, né? O nome já se fala por si, né? A própria construção desse letramento urbano. Acho que até por isso, né? Uma consequência do que foi produzido sobre o letramento urbano é a visão que a gente tinha lá no Observa, e também dos outros núcleos do observatórios, observando o trabalho que a gente fez no Senhor dos Montes... Então eu também vejo, assim, o letramento urbano presente, né? O nascimento dele, assim. Mas principalmente os letramentos críticos, principalmente. Sim. É uma base, não é? Eu acho que os letramentos críticos são sempre parte deles.

5. Quais habilidades ou competências são essenciais para cada tipo desses Letramentos?

R.: Sim, a percepção assim, ah, para entrar nesse letramento, para conseguir colocar ele em prática, eu preciso de ter habilidade X, é meio indispensável, não, dá para saber ir pegando? Não, eu acho que não dá para ir pegando, porque é muito sensível, né? Mas tudo muito abstrato, não sei se eu consigo ter uma resposta muito concreta. Mas assim, eu acho que não. Não chegaria com esse olhar, sabe, de que eu estou preparado para isso.

6. Como esses diferentes Letramentos se manifestam nas ações do OBS?

R.: Eu acho que eles se manifestam com os trabalhos de campo, né? Que é uma maneira de estar saindo da universidade e ele está vivenciando ali o território. Essas articulações conjuntas que tiveram com a associação, com a feira. Também eu vejo como instrumentos que colocam em prática o letramento, porque também eu esqueci de falar dos letramentos sociais, né? E aí eu acho que até tem uma troca ali entre os dois, né? Você está chegando, mas é sempre com, acho que é a coisa que Paulo Freire fala, né? Sobre humildade, assim, né? Eu acho que a coisa é chegar aberto, sempre vai ter alguma coisa ali que vai fazer a gente aprender e que vai mostrar que a gente tem mais a aprender sobre, né?

E aí eu acho que é isso que torna o letramento também, porque ele é alimentado dessas percepções empíricas e, no caso do observatório, acho que o principal método que eu vi de prática desses letramentos, porque você ia pro trabalho de campo, na mesma forma que você fazia uma análise, você também já tava fazendo um contato, as pessoas já estavam te conhecendo, você também já tava conhecendo as pessoas, já

parava conversar com uma pessoa aqui e outra ali, que já ia falar alguma coisa sobre morar ali há tantos anos e de que aqui tinha isso, era assim assado, tudo mais, então é isso, né, por não estar lá só pelo corpo presente, não só pelas demandas também, né, que tiveram das ações, mas também é estar com essa coisa, né, do peito aberto mesmo, de chegar ali aberto, então eu vi essa, né, essa coisa, né, essa amarração, assim, nessas ações do observatório. E acaba colocando em prática tudo, né? Então, eu acho que é isso. Não sei se foi claro.

7. Há desafios para colocar esses diferentes Letramentos em prática?

R.: Sim, e eu acho que o maior deles é ainda a falha do academicismo de entrar, sabe? Eu acho que é uma coisa que a gente se deparou com o observatório. E hoje, no CEPTEL, a gente também se deparou. Que é como que a gente vai transmitir essa confiança para as pessoas de que o espaço da universidade é um espaço tanto deles quanto de todos, né? Mas ainda deles, que são da cidade, que escrevem a história da cidade, que tem a dizer sobre a cidade, né? Eu acho que é isso que é o ponto, né? Eles não se sentem pertencentes, né? Sempre tem essa barreira, assim, né? Até pelas nomenclaturas, né? Você vê que o pessoal chama Dom Bosco de Forreira ainda, né? O pessoal da cidade, você vê que eles ainda têm essa relação de que a faculdade ali é um lugar intocável, só que o pessoal que está ali, pronto, né? Tem gente que acha que lá é pago, na universidade federal, sabe? Então eu acho que o maior problema aí é ver isso, né? Eu acho que existe esse distanciamento do meio local. Claro que tem projetos de extensão que estão entrando e que estão fora dos muros da universidade, mas não é uma coisa muito cíclica.

Cíclico suficiente para não conseguir se criar uma relação, uma relação de confiança, na verdade, cria uma desconfiança, igual quando a gente se deparou com os relatos, o pessoal chega com um projeto, passa um ano e acaba. Então eu acho que é isso, acho que o principal obstáculo é isso, da universidade, acho que para poder entrar tem que entrar com dois pés. E aí eu acho que falta, fica sempre com metade do primeiro pé ali, e nossa, acho que falta essa coisa de ir, de levar essa coisa de pertencimento para esses lugares, para essas pessoas também poderem vir e poder estar, É isso, né? Aumentando a rede ali, né? A gente, que é aluno da UFSJ, a gente pode tanto pegar um livro para ler, para estudar e entrar em uma sala para estudar, quanto é uma pessoa com um dado externo, pode assistir a aula como ouvinte, então imagina que legal que esse é essa troca, né?

E é como que a gente alimenta os letramentos também, né? Como que a gente elucidada os letramentos também para essas pessoas, trazer às vezes algum entendimento para elas, entendimento da identidade, questão da identidade, e da mesma forma que elas vão estar trazendo tudo que elas têm daqui, da cidade, da história, do local. É sempre uma troca equivalente, né? De aprender, ensinar e aprender, não é hierárquico, né? São passinhos, né? Que a gente vai construindo, quem sabe um dia.

8. Como a extensão universitária pode promover e aprimorar diferentes Letramentos entre os extensionistas?

R.: Eu acho que a universidade ela detém dos aparatos, ela detém do conhecimento acumulado, ela tem dessas coisas que podem ser sim somatórias, porém, volta naquela questão de antes, que é a questão da iniciativa, que também não é só uma questão da universidade, toda questão da estrutura sistêmica, porque para a gente poder ter projetos que sejam atuantes e que sejam presentes nas comunidades, a gente precisa de uma universidade que tenha investimento.

A gente precisa que a educação esteja sendo alimentada, então a gente vai depender de outros fatores burocráticos, mas se a gente elimina esses fatores por investimento, eu vejo que a universidade é um espaço, esse espaço de acolher também, que pode também estar promovendo, encabeçando essas coisas, esses projetos, e também incentivando as pessoas a estarem movimentando esses projetos, ou movimentando novos projetos, né? Mas é isso.

9. Existem diferenças significativas nos tipos de Letramentos necessários em áreas específicas de estudo (relacionar com o devido curso do entrevistado)?

R.: É porque é uma interpretação, né? Acaba que é meio que um subjetivo. É porque é isso, né? Vai ter um lado meu que vai dizer sim, vai ter o outro que vai dizer não, porque essa é a coisa nele, não tem limite, né? Não tem uma cerca que fala, tipo, sei lá, vou me inventar aqui, entre aspas, o letramento musical. Qual que é o limite dele? Até que ponto eu posso falar que é isso aqui o letramento musical. Tem isso aqui, né? Eu acho que o letramento ele tá, ele tá solto, né? Entre as coisas assim, né? Então... Eu acho que realmente ele tá solto, mas tem certas bordas, né? Que você meio que mede, que se fugir muito também não dá, né? Mas eu acho que no final das contas é a gente tem categorias e subcategorias, mesmo que meio que invisíveis ali. E eu acho que o único

ponto que é difícil de definir é o limite, porque eu acho que chega num ponto que as coisas começam a entrelaçar com as outras. Começam a se assemelhar.

10. De que forma as atividades de extensão contribuem para o desenvolvimento de habilidades de Letramento Crítico?

R.: Ah, eu acho que a extensão, né, é como que ela vai poder contribuir. Eu acho que pela extensão ela tem uma estrutura de pesquisa e de orientação. Eu acho que a questão da orientação é ter uma pessoa da qual ela já passou por esses momentos, e mesmo que seja, e depender de seu letramento específico do que está sendo pesquisado, mas também o letramento das linguagens dos códigos dentro do sistema universitário, sistema educacional, né, e essa orientação vai te dando, vai te mostrando essas coisas, assim, que às vezes o tipo fica um pouco solto, sim, né, e claro, com certeza, mesmo tendo essas críticas, né, da forma de ação, da falta de investimento, dos projetos que são círculos e tudo mais, as pessoas que passam para o projeto de extensão, eles adquirem uma experiência que é somativa para a vida delas, porque elas, mesmo não no momento prático, ali, até onde elas estão lendo, ali na casa do material bibliográfico, alguma coisa, elas estão absorvendo e enriquecendo mais esse olhar, né, esse, sei lá, letramento. Então, eu acho que a extensão ela é uma ponte essencial, assim, para poder fortalecer isso.

11. Você acredita que a Extensão Universitária é um caminho para a disseminação de diferentes Letramentos entre os estudantes universitários em conjunto com a comunidade que atuam?

R.: Sim. Eu acho que é a resposta disso, o complemento da resposta de estar dentro do que eu falei antes. Essa coisa de integração e tudo mais.

Pergunta 12 respondida nas outras.

APÊNDICE H – ENTREVISTA COM LARISSA

1. Introdução — conte um pouco sobre sua formação e como você chegou até aqui (academicamente, pessoalmente);

R.: Bom, eu tive meu primeiro contato com bolsas de pesquisa de extensão ainda no ensino médio. Fiz ensino médio no IFET e participei tanto de uma bolsa de ensino

profissional em geografia prática quanto no núcleo de pesquisa, que era o NEAB, que era o núcleo de estudos afro-brasileiros e indígenas, que eu até cheguei a apresentar projeto, inclusive, no IFET de São João del-Rei também. E depois disso, fui para a geografia, onde, por ser licenciatura, eu tive contato também com o PIBID, que eu participei até sair do curso e entrar na arquitetura e urbanismo.

Eu entrei no observatório urbano logo no início do terceiro período e estive até agora no final do sexto período. Foi uma experiência bastante interessante porque, de longe, comparado com as minhas outras experiências de pesquisa, foi a que a gente teve mais próximo das pessoas mesmo e da nossa área de estudo em que eu sinto que a nossa participação foi mais requerida a partir do que as próprias pessoas tinham enquanto demanda. Foi uma experiência bem distinta das anteriores que se concentravam mais em estar na sala do núcleo e fazer pesquisa com os objetos muito mais distantes do que a experiência dentro do Observatório.

2. O que você associa à definição de Letramentos?

R.: Bom, pelo que eu pude entender durante esse período, o letramento vai ter mais a ver com como as pessoas entendem o funcionamento de uma determinada coisa no mundo. Dentro do Observatório a gente se ateve ao letramento urbano, que era ser capaz de entender os engendramentos que resultam na cidade. Então é você conseguir olhar para aquele ambiente, para aquele tecido urbano, entender o que tem por trás daquilo, que se trata de uma conexão histórica, se trata também de uma atividade política, se trata de uma maneira de viver das pessoas.

Então, eu entendo que o letramento vai se tratar dessa capacidade de ver as coisas nessas camadas distintas e conseguir entender como elas funcionam todos juntos e usar disso, inclusive, para a atual, não. Então eu acredito que o letramento tem a ver com esse entendimento da multiplicidade das coisas, para além de só saber, é realmente entender como é que se dá processualmente e se ver dentro daquilo. É interagir também, né?

3. Refletindo sua concepção de Letramentos com sua vida acadêmica e/ou pessoal, qual o significado de Letramentos para você?

R.: Bom, no meu entendimento e na minha formação, que na minha percepção pega muito para essa questão do letramento urbano, eu acredito que dentro da arquitetura do urbanismo, o letramento tem a ver justamente com o conseguindo entender essas coisas,

essas camadas que constituem a cidade, que constituem a história da arquitetura, assim, como é que essas coisas vão se dando através dos gostos, através das preferências das pessoas, das disputas políticas, das disputas sobre o espaço, então, pelo menos para mim, né, estar letrado arquitetonicamente vai ter a ver com essa capacidade de olhar e perceber a complexidade que essas coisas têm, né, que os edifícios não são só os edifícios, eles têm uma fala política, eles têm uma fala sistemática por trás dele, as nossas preferências, né, a maneira de enxergar o belo, tudo isso vai passar por uma série de outros recortes temáticos que são muito mais complexos do que são, aparentemente, Porque eu vejo que muitas pessoas têm uma percepção sobre a arquitetura e o urbanismo de que é sobre embelezar a cidade e embelezar os prédios. Mas na verdade não, é sobre carregar uma narrativa. A cidade é construída a partir de disputas políticas e a cidade no formato que ela se dá significa uma narrativa que está vencendo essa disputa. Por isso que a cidade é de uma determinada forma.

Então eu acredito que estar letrado arquitetonicamente, urbanisticamente, vai passar pela habilidade de conseguir ler essas disputas e essas complexidades no espaço urbano e no espaço construído e conseguir estabelecer diálogo e disputa com essas coisas. Se tornar a gente para essas disputas, porque se eu consigo ler que o espaço é resultado de conflitos, então eu passo a ser um agente nesse processo e eu assumo narrativas, eu assumo as coisas que me representam ou não. E para mim tem esse sentido de compreensão mais múltiplo a todo.

4. Qual é a sua compreensão do papel de Letramentos no contexto universitário (da extensão universitária)?

R.: Então eu acho importante no contexto dos alunos, principalmente, mas eu vejo como algo importante para que os alunos tenham contato e entendam. Justamente para eles verem que a profissão para a qual eles estão se formando, ela vai para além de um modo de vida e de um meio de se financiar, porque acaba que atualmente a gente tem enxergado a universidade muito como mais um critério curricular para conseguir um emprego com um salário melhor.

E obviamente vai representar isso, é uma oportunidade de ascensão social mesmo. Mas eu acho que às vezes a gente fica tão centrado só nisso e se distancia da potencialidade que a gente tem de exercer nosso trabalho como uma maneira de fazer com que outras pessoas também enxerguem o mundo de uma maneira a ascender

socialmente também, não só financeiramente mas também em representatividade e tudo mais.

Então eu vejo que a extensão é importante por isso, porque ela vai atinar os alunos para papéis da universidade que vão para muito além do benefício individual, que é realmente pensar na produção acadêmica e nas organizações universitárias como coisas que podem ir para além do benefício só dos alunos, mas também para gerar conhecimento dentro das comunidades e acender novas possibilidades através dessas conexões, sabe?

Eu vejo como algo importante para a gente entender que a academia é mais do que só nós enquanto indivíduos, mas que é algo correlato a uma coletividade e que se a gente realmente consegue levar o que a gente está aprendendo para fora e mesclar isso com o que a gente vai aprendendo junto das pessoas, potencialidades gigantes vão surgindo, não é?

5. Quais são os principais tipos de Letramentos que você identifica dentro do Observatório Urbano de São João del-Rei?

R.: Então, eu acho que além dessa questão do letramento urbano, que foi tratado de uma maneira formal lá dentro, para mim, eu tenho essa percepção do letramento urbanístico como maneira de enxergar o espaço construído. E pensar no que eu fiz construir, porque se a gente compara, por exemplo, o centro de São João del-Rei com o Senhor dos Montes, eles são muito diferentes, são resultados construídos de processos muito distintos, de disputas distintas, apontam uma disputa de classe, inclusive, entre outras coisas, Na minha concepção, as pessoas com quem a gente trabalhou, as pessoas com quem a gente trabalhou, a Natália, a Neuza, elas têm um senso, um letramento autogestionário muito, muito, muito eficiente.

Elas trabalhavam muito anteriormente à nossa aparição lá. Elas já eram pessoas organizadas em conseguir pleitear melhorias para aquelas pessoas, tanto que elas, literalmente, foram responsáveis por alimentar várias famílias durante o período da pandemia.

Então, eu vejo, assim, que elas já sabem fazer essas coisas. Elas têm uma boa percepção do próprio bairro enquanto coletivo. Elas têm uma leitura de onde o Estado defaza e por que elas não são atendidas. Então, eu vejo nelas, eu não sei se eu posso chamar assim, mas elas têm um bom letramento de autogestão. Pelo menos na minha percepção, elas têm isso. Se é que eu posso chamar assim.

6. Como esses diferentes Letramentos se manifestam nas ações do OBS?
(Respondida na anterior)

7. Quais habilidades ou competências são essenciais para cada tipo desses Letramentos?

R.: Pensando nos moradores, na gente mesmo, como extensionistas? Então eu não sei, eu acho que para todos eles é necessário uma boa observação, uma capacidade de parar e observar ao redor e tentar entender esses processos.

Eu acho que demanda uma certa curiosidade também de tentar entender por que essas coisas vão acontecendo dessa maneira. E eu acho que elas realmente partem de aptidões um pouco diferentes. Eu acho que quem vai para essa parte do letramento urbano, como eu havia dito, o letramento arquitetônico, ele vai estar mais a ver com essa questão do espaço em si, e quais são as coisas que têm a ver com o espaço em si do que as pessoas no Senhor dos Montes têm, que para mim tem uma tensão muito maior sobre as outras pessoas, é um olhar muito mais atencioso para as outras pessoas, para as necessidades das pessoas e para a forma com que elas vão se organizar em grupo para sanar essas ausências que elas mesmo percebem.

Então, eu acho que aí é que eles se diferenciam, assim.

Larissa: dentro da arquitetura do urbanismo, a gente encara o urbano e o urbanístico como coisas diferentes, assim. O urbano vai ser algo generalista, ele vai tanger todas as coisas. Essa questão do que trata sobre a cidade, mas o caráter urbanístico, os equipamentos urbanísticos, eles vão ser sobre as coisas que são realmente planejadas para atender a população. Então, quando a gente para para pensar, por exemplo, nas redes de esgoto, saneamento, são equipamentos urbanísticos, não são equipamentos urbanos, eles são urbanísticos, porque eles vão ser coisas para atender a cidade e que dependem de um planejamento da cidade para que eles existam, sabe?

8. Há desafios para colocar esses diferentes Letramentos em prática?

R.: Sim. Eu acredito que sim. Eu acho que o principal desafio é, inclusive, quanto ao estranhamento que as pessoas têm, por não ser uma... Porque uma coisa é você viver isso de uma maneira quase que orgânica e praticar isso cotidianamente de uma maneira orgânica. Outra coisa é quando a gente coloca isso como quase uma disciplina, organizada de que não, isso é algo à parte.

E eu acho que sempre que a gente coloca as coisas como um conteúdo à parte do cotidiano, mesmo que aplicável, as pessoas tomam um pequeno susto no primeiro momento de pensar que aquilo vai ter que ser uma nova habilidade para ser aprendida. Sendo que na verdade não é. Então, eu acho que talvez a apresentação de certas coisas ela cause um estranhamento nesse sentido, de parecer que é algum conteúdo abstrato. Mas na verdade nem será assim, já será algo praticado no cotidiano. Mas dependendo da maneira como a gente apresenta isso, faz parecer algo que é muito, muito distante da realidade daquelas pessoas.

9. Como a extensão universitária, usada como uma ferramenta dos Letramentos, pode promover e/ou aprimorar diferentes Letramentos entre os extensionistas?

R.: Bom, eu acho que, a partir dessa oportunidade de ver e de encarar a cidade de outras maneiras, né, encarar outros bairros, outras pessoas, outras pessoas importantes e o trabalho dessas pessoas, eu acredito que isso já seja um caminho interessante para que se abra margem. Só que, como a gente está tratando de um ambiente de formalidade e que a gente pode se debruçar por mais tempo e me usar as teorias e tudo mais, isso pode ser feito também através dessas metodologias mais convencionais de estudar teorias e teóricos, entender de onde isso vem e como isso se desenvolve dentro da história, do conhecimento, não sei se seria exatamente dentro disso, mas tipo assim.

Dentro do que se aprende, onde entram os letramentos e por que que o processo que a gente faz aqui é também um processo de letramento? Eu acho que, além desse processo de aprendizado orgânico que a gente tem, por estar dentro de um outro lugar e ter contato com outras pessoas que já têm isso enquanto prática, a gente pode também se debruçar sobre o estudo teórico, sobre o que é o letramento e por que que ele é importante de ser aprendido.

10. Existem diferenças significativas nos tipos de Letramentos necessários em áreas específicas de estudo (relacionar com o devido curso do entrevistado)? Foi respondida na 3º pergunta.

11. De que forma as atividades de extensão contribuem para o desenvolvimento de habilidades de Letramento Crítico?

R.: Bom, eu acho, na minha percepção, pelo menos, as atividades, inclusive, mais importantes para o desenvolvimento do letramento na minha experiência, foram as atividades que foram realizadas no bairro e as atividades que foram realizadas com as

peças de lá, porque foi onde a gente pode observar o bairro em si, como ele se constitui, como se divide, e entender junto daquelas pessoas, qual é a história e a ocupação daquele bairro, numa relação que começa a disputar com o que a gente aprendeu primeiro dos textos sobre a história dele, eu acredito que esses foram os momentos mais importantes, assim, porque era exatamente essa questão das camadas e as complexidades que eu tinha falado antes.

A gente tinha conhecimento teórico sobre a formação do bairro e aí a gente passa a examinar o bairro, quais eram, como eram as ruas, como era a arquitetura, como as pessoas circulavam lá em quais horários, então a gente passa a ter uma leitura de ocupação espacial mesmo sobre ele e a gente adiciona mais uma camada que é justamente a partir de e escutar o que as pessoas têm a dizer sobre o bairro, qual é a percepção delas que vai ser inclusive uma leitura cheia de afetividade, diferente do que a gente tinha até então, sobre aquele espaço territorial.

Então, eu acho que a soma dessas camadas é o que resulta no letramento, mas esse contato direto com a área de estudo e com as pessoas que estão lá, para mim, eles são fundamentais, que vão ser realmente as viradas de chave para reflexões mais profundas sobre o espaço.

12. Você acredita que a Extensão Universitária é um caminho para a disseminação de diferentes Letramentos entre os estudantes universitários em conjunto com a comunidade que atuam? Valorização

R.: Eu acredito muito que a extensão é um caminho, sim, para a disseminação dos letramentos, porque é justamente uma boa oportunidade de você casar a percepção que as pessoas já têm sobre aquele e-mail com o que está sendo pesquisado dentro da universidade para aquilo, né?

Então, eu acho que para além da devolutiva, que é a extensão, ela pode ser também um campo de multiplicar essas potencialidades, de elevar o entendimento que as pessoas têm sobre a área que elas habitam e também sobre fazer com que os alunos percebam que o que está fora da universidade é muito mais importante do que o que está lá dentro.

Então, eu acredito que a extensão, ela seja um caminho importante para isso. E para a valorização do letramento, não só para a disseminação, mas também para a valorização, porque eu acho que, aos poucos, depois que as pessoas entendem que elas

praticam aquilo, fica mais fácil passar para frente que aquilo já está sendo feito, como algo que já faz parte do cotidiano e que não é um bicho de sete cabeças ou algo novo.

E, então, eu acredito que tem, sim, uma grande potencialidade na extensão também nesse sentido. E em vários outros, eu acho a extensão super potente dentro da universidade. Sim, a gente só precisa de, como todas as áreas, mais investimento, poder se dedicar mais.

Porque, por exemplo, na época da residência, se a gente tivesse tido oportunidades de dedicar mais, eu acho que teria tido muito mais potencialidade, como você disse. Só que a gente enfrentou um momento bem difícil, né, com a falta de bolsa, corte, etc., etc. E o projeto não teve continuidade também depois, o que foi um problema. E aí, assim, a curricularização... eu também não enxergo a curricularização como uma resposta.

Eu acho que a questão era justamente poder possibilitar que as pessoas tivessem mais tempo e mais financiamento de qualidade para poder fazer a pesquisa de extensão delas. Não era tornar algo obrigatório para todo mundo como se fosse mais uma disciplina, porque eu acho que isso vai acabar levando alguns professores desinteressados nisso em fazerem um negócio tocado e acabar atrapalhando processos que estavam fazendo extensão com seriedade, com responsabilidade, com afinco.

APÊNDICE I – ENTREVISTA COM MANOEL

1. O que você associa à definição de Letramentos? Por meios de outros Letramentos que você chegou no letramento Urbano?

R.: Bom, a gente teve as formações, né, e aí a gente entende que tem vários letramentos e que ele é bem diferente da alfabetização, né, o letramento vem de uma análise crítica mesmo, uma interpretação do que está em jogo ali, né. Por caso a gente trabalhou com o letramento no Observatório e ali nosso objetivo era entender, analisar e perceber como é que as pessoas tinham a percepção do espaço, né, se elas entendiam as coisas que estavam acontecendo ali, ou se elas acreditavam que é largado, porque é largado, porque a gente é condenado, assim, e aí a gente conseguiu entender bastante que eles sabem que há o descaso, né, com o caso do Senhor dos Montes, eles têm o letramento, a percepção do espaço deles, eles têm a noção que o descaso com o bairro é uma política da prefeitura.

Então, essa questão do letramento urbano, né, ele foi construído, foi usado outros letramentos para chegar nele, né, porque é um letramento novo, né, outro conceito. Foi por meio de outros letramentos, por meio de leituras e pesquisas da experiência empírica, né, no bairro.

2. Refletindo sua concepção de Letramentos com sua vida acadêmica e/ou pessoal, qual o significado de Letramentos para você?

R.: Eu acho que eu entendo ele muito ligado com um pouco da individualidade, sabe? E aí, é na questão da interpretação e como que você vai interpretar os acontecimentos e a forma que eles chegam até você.

3. Qual é a sua compreensão do papel de Letramentos no contexto universitário (e da extensão universitária)?

R.: Tem extensão que atua de uma forma não tão perto do letramento, né? Mas eu acredito que algumas, as boas, elas atuam com um letramento meio que subjetivo, assim. É meio, o letramento não chega a ser um objetivo, mas ele acontece ali de uma certa maneira. É uma ferramenta, né? Até para fazer com que as pessoas entendam um pouco do que é a extensão.

4. Quais são os principais tipos de Letramentos que você identifica dentro do Observatório Urbano de São João del-Rei?

R.: O observatório? É um pouquinho mais complicado, né, mais específico, né? Tem o fato de o observatório trabalhar com pessoas de várias disciplinas, várias matérias, vários cursos. Eu acho que tem o letramento dos próprios alunos, né, das pessoas que estão entrando, para trocar uma ideia mesmo e entender um pouco sobre qual a noção desses alunos que estão entrando, sobre as dinâmicas da cidade que acontecem. E a gente tem esse letramento de... tem o letramento da pedagogia, né, que envolve Paulo Freire, que envolve... o diálogo com as pessoas, que é a maior forma de pesquisa que a gente teve, assim, eu acho que foi através do diálogo, do contato e aí a gente tem esse letramento de pesquisador, sabe, esse letramento que ensina a gente a olhar de uma forma profissional para as coisas, de uma forma diferente, que a gente teve bastante trocação de ideia com o marido da Tati sobre antropologia, sociologia, pesquisa social e o letramento urbano mesmo, eu acho que ele está muito cru, né, não dá para falar que a

gente tem ele, a gente está tentando entender, mas tem um letramento acerca da cidade, acerca das dinâmicas que movem a cidade.

E o letramento sobre a própria extensão e não é um letramento também que é regra, sabe? É mais um ó, a gente se baseia nisso aqui, você faz uma leitura e aí a gente tenta aplicar alguma coisa com base nisso e com o que você lê. Então também tem essa abertura de não acreditar que só o que tá publicado é o que funciona, sabe? E aí eu acho que é uma parte que a gente troca muito com professores, talvez pode ser um outro letramento, sabe? Da gente botar nossa experiência de jovem, de aluno, de... A gente tem também uma vida na cidade, né? E a gente às vezes consegue transmitir isso para os professores e coordenadores do projeto. E aí a gente aplica uma dinâmica bem... Talvez única, mas assim, ela é bem... Geral, ela passa por todo mundo, ela ouve todo mundo e eu acho que isso é muito importante. O sentido da extensão, né? Construir junto.

5. Quais habilidades ou competências são essenciais para cada tipo desses Letramentos?

R.: O diálogo é muito importante. E eu acho que não só o diálogo, mas eu acho que o diálogo é a mais importante, sabe? E poder ouvir, falar, pensar, falar.

6. Como esses diferentes Letramentos se manifestam nas ações do OBS? // brechas

R.: Então, a gente tem, quando a gente faz atividade no bairro, a gente atua pensando na comunidade como um todo. Principalmente para as mães do bairro, para elas irem nas atividades, elas precisam de ou deixar as crianças com alguém, ou que tenha alguma coisa para as crianças. E a gente entende isso e tenta abraçar isso de uma maneira. E... Eu acho que a gente busca trazer as pessoas sabendo que é difícil, sabe? Gastar um tempo que você tem ali... a pessoa trabalha o dia inteiro, e aí, às vezes, está lá na reunião à noite com a gente, e aí, a gente sabendo que pode levar as crianças, que elas vão ficar tranquilas, eles ficam mais tranquilos para conversar, sabe? E eu acho que os diferentes letramentos entram nesse fator da gente entender o que as pessoas precisam... para estar lá confortáveis nas dinâmicas. A gente saber que não é só todo mundo chegar lá e sentar e conversar, não é assim, não é igual um psicólogo. Que... sei lá, já tem uma relação há muito tempo com o paciente, que é super tranquilo, né?

Chega “oi, tudo bem, como é que foi a semana”, e bora. Lá, não é assim, a gente precisa de tempo para as pessoas se sentirem confortáveis, e mais do que isso, precisa

de algumas outras coisas, fatores externos, para que as pessoas possam ter o tempo de ir lá.

7. Há desafios para colocar esses diferentes Letramentos em prática? Institucionalmente falando, quais os desafios? Letramento é afetividade na extensão > pedagogia da afetividade Paulo Freire?

R.: Sim, com certeza. Tem outros desafios também. Que envolve o engajamento, envolve o retorno, porque se você está lá há três meses falando as coisas e ninguém viu mudança, começa a perder força e sim, se você também não conseguir fazer com que as pessoas participem ativamente de uma forma contribuindo ali, é um desafio muito grande você tentar aplicar qualquer metodologia. E institucionalmente falando também há desafios, de bolsa, de conseguir se dedicar com a carga horária, esse é um momento para crítica. É um trabalho afetivo, de dedicação mesmo e saber que se a reunião tiver que ser no sábado de manhã, você tem que tirar o sábado de manhã, no domingo, você tira o domingo, na sexta noite, você tira a sexta noite, sabe?

Essa não é nem a pior parte, eu acho. Eu acho que a gente recebe isso quando a gente está conversando para fazer o projeto, eles falam mesmo que a extensão é assim, mas eu acho que o engajamento, não, o começo é muito difícil, porque você tem que entender outra realidade urbana, e você não vai conseguir entender primeiro, e aí você tem que conversar com pessoas que também estão entendendo aquela realidade para tentar formular as coisas. É um pouco abstrato assim, talvez. Assim como os letramentos também são abstratos, é bem subjetivo, né?

8. Como a extensão universitária pode promover e aprimorar diferentes Letramentos entre os extensionistas? // interdisciplinaridade

R.: Ó, a formação dos grupos com pessoas diferentes, eu acho muito legal. Eu acho que promove uma troca muito boa, é que a gente consegue somar bastante conhecimento e também ajuda a gente na variedade de formas que a gente vai apresentar, porque muitas vezes você tem que se apresentar de várias formas também, sabe?

Na Fermontes, você tem que fazer uma coisa, e depois na associação você tem que fazer outra, e você tem que estar sempre buscando alguma coisa ali diferente. para alcançar o pessoal, e não é uma coisa diferente da mesma forma, são formas diferentes, coisas diferentes, atividades diferentes, perguntas diferentes, acho que isso é muito

positivo, mesclar os cursos e não acreditar que, por exemplo, ah não, é estudo urbano, põe só arquitetura e geografia e vamos embora, não é isso que faz as coisas.

9. Existem diferenças significativas nos tipos de Letramentos necessários em áreas específicas de estudo (relacionar com o devido curso do entrevistado)?

R.: Com certeza, com certeza. As diferenças são significativas, mas elas não são impeditivas, eu acho. E a gente consegue, com o tempo e com a bibliografia que a gente se baseia, as coisas que a gente consegue trocar, a gente consegue trocar o ponto de vista um com o outro. E aí, às vezes, por exemplo, no seu caso, no caso da Winnie, vocês têm muito mais conhecimento de troca com pessoas. Pessoal da licenciatura, principalmente, que vocês têm bastante carga pedagógica. E aí, eu acho que o fato de lidar com as pessoas, vocês possuem muito mais a oferecer do que alguém que seja do bacharelado da arquitetura, por exemplo. E aí, por exemplo, a aproximação com as pessoas do bairro, sendo feita por vocês, acho que funcionou muito melhor do que se fosse só pessoas mais técnicas, sabe? Então, realmente, essa interdisciplinaridade ajuda a gente a construir uma coisa bem legal.

10. De que forma as atividades de extensão contribuem para o desenvolvimento de habilidades de Letramento Crítico?

R.: Eu acho que quando a gente consegue colocar várias pessoas na reunião, principalmente com o apoio da associação, a gente consegue buscar o sentimento de coletivo naquilo ali, sabe, de pertencimento, que eu acho que é muito importante, porque por ser uma construção coletiva, quanto mais pessoas do bairro tiverem, melhor. E aí a extensão a gente consegue guiar essas reuniões, essa chance de ter várias pessoas reunidas e poder inserir ali um conhecimento teórico, técnico mais específico, uma leitura acadêmica de uma forma mais suavizada. Uma crítica à estrutura da cidade, de uma forma que eles vão... assim... ou no final ou no meio, eles vão entender o que está acontecendo ali. E aí, eu acho que a extensão, ela potencializa muito esses encontros, né? A oportunidade de conseguir reunir todo mundo, que já é uma coisa difícil... A gente consegue aproveitar aquele momento ali, realmente trazer fazer com que as pessoas saiam dali refletindo um pouco e coletar informações, trocar informações, trocar contatos, igual o pessoal do Senhor dos Montes hoje confia, de novo, na universidade, acho que muito pelas coisas que a gente conseguiu. Que muitas delas também fugiam do que o observatório queria fazer, mas que a gente estava ali como

representantes da universidade também. E aí, a gente conseguiu facilitar um pouco o acesso deles aos recursos da universidade. É uma tenda, um projetor, uma oficina de tinta... qualquer coisa, sabe?

São coisas que vão surgindo no caminho, não é que tem que fazer, mas... por que não, né? É interessante.

11. Você acredita que a Extensão Universitária é um caminho para a disseminação de diferentes Letramentos entre os estudantes universitários em conjunto com a comunidade que atuam?

R.: Sim, eu acho que a extensão, agora ela vai aumentar a carga horária nos cursos, eu acho muito bom, porque a universidade tem que devolver para a sociedade, principalmente para onde ela está instalada as coisas que ela está produzindo e muitas vezes a gente percebe que tem gente que tem medo da universidade porque não teve o conhecimento de entender que ali é um espaço público e que é só, mano, você quer jogar bola que chega lá com a bola e se não tiver ninguém usando a quadra é sua, sabe, e eu acho que a extensão ela tem o poder de trazer talvez um letramento do que é um campus universitário na sua cidade, esse potencial de troca da faculdade com a cidade, sabe, e aí muitas vezes tem bairros, tem pessoas, tem regiões que se sentem excluídas disso.

Porque foi construído isso, porque a universidade tem um muro, porque... são pessoas estranhas de outras cidades que estão ali dentro, sabe? E aí tem um ou outro que você conhece e que está lá, mas às vezes a pessoa também não se sente pertencente daquilo ali, porque ela está numa sala que tem 29 pessoas de cidades diferentes e de realidades diferentes. E eu acho que a gente consegue pegar a universidade pela mão, assim, e levar até esses lugares que as pessoas estão até aptas a receber, elas estão abertas a receber, mas elas não sabem como é que. Parece uma coisa muito grande a faculdade, sabe? Eu acho que o letramento pode transformar isso também.

Questão 12 respondida em outras durante a entrevista.